

# COLEÇÃO PLANO CAMPONÊS

**VOLUME III** 

## **DERLI CASALLI**

O PENSAMENTO DE UM INCANSÁVEL
MILITANTE CAMPONÊS





ORGANIZAÇÃO:
BRUNO PILON, CACIA CORTEZ, LUIZ CARLOS SOUSA
E FREI SÉRGIO ANTÔNIO GÖRGEN

Candiota, RS - 2019





A **Coleção Plano Camponês** é realizada pelo projeto "Construyendo Soberanía Alimentaria en Brasil a través del fortalecimiento del movimiento campesino brasileño y de su articulación con el movimiento indígena, de mujeres y de jóvenes".

### **Expediente do Volume III:**

Organização: Bruno Pilon, Cacia Cortez, Luiz Carlos Sousa e Frei Sérgio Antônio Görgen | Revisão: Cacia Cortez | Ilustração da capa: Gabriel Amorin |

Diagramação: Marcos Antonio Corbari

Edição: Instituto Cultural Padre Josimo - Candiota - RS

Fone: (55) 3281-4820 | www.padrejosimo.com.br

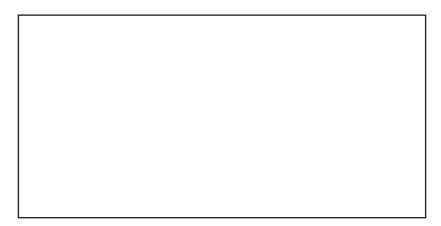
MPA - Movimento dos Pequenos Agricultores

Site: www.mpabrasil.org | Facebook: mpacampesinato

Impressão: Gráfica Instituto de Menores - Bagé - RS

Fone: (53) 3240 3650 | www.imenores.com.br

## Ficha catalográfica:









## **SUMÁRIO**

APRESENTAÇÃO DA COLEÇÃO |05| DERLI CASALI - SEMEANDO PARA ALÉM DO TEMPO |07| UM POUCO DA VIDA DE DERLI CASALI |09|

CAPÍTULO I: ENTRE O AQUI E AGORA E A UTOPIA, CAMINHOS PER-CORRIDOS E A PERCORRER |11| A PRIVATIZAÇÃO DA NATUREZA E AS ALTERNATIVAS CAMPONESAS |11| A EXPANSÃO DOS IMPÉRIOS |12| HISTÓRIA DA AGRICULTURA |12| LUTA E ORGANIZAÇÃO, FORMAS DE RESISTÊNCIA E AFIRMAÇÃO DO CAMPESINATO ATRAVÉS DA HISTÓRIA |14|

CAPÍTULO II: CAMPESINATO E LUTA | 17 | O CAMPESINATO BRASILEI-RO | 17 | A COLONIZAÇÃO DO BRASIL | 20 | O BRASIL DE 1500 - 1850 | 23 | O MERCADO DE ESCRAVOS | 24 | NEGRO E CABOCLO RUMO À FLORESTA | 25 | 1850 – LEI DE TERRAS E A NÃO REFORMA AGRÁRIA | 27 | O MESSIANISMO E A TERRA DA PROMESSA | 32 | MODO DE VIDA CAMPONESA X RACIONALIDADE DO LUCRO | 34 | O CAMPESINATO DO NORTE | 35 | O SERTÃO NÃO É MAIS O MESMO | 37 | OS CAMPONESES QUE SE GARANTEM NO SERTÃO | 44 | DESAFIOS | 46 | TECNOLOGIAS POPULARES | 47 | PRINCÍPIOS E VALORES HISTÓRICOS DA COMUNIDADE CAMPONESA | 48 | OUTROS ELEMENTOS CHAVES NO CAMPO DA PRODUÇÃO CAMPONESA | 49 | O MPA E SUAS LUTAS | 49 |

CAPÍTULO III: A EDUCAÇÃO PARA AÇÃO CAMPONESA |55 | A ESCOLA E A IDENTIDADE HUMANA |55 | O CAMPO DA EDUCAÇÃO DO CAMPO |57 | A EDUCAÇÃO VEM DE BERÇO, ASSIM DIZIAM NOSSOS PAIS |6 | QUANDO AS MÁQUINAS IMPEDEM QUE AS MÃOS TOQUEM AS SEMENTES |61 | A CONSCIÊNCIA CAMPONESA |63 | "ESTUDE PARA DEIXAR O CABO DA ENXADA" |64 | A EDUCAÇÃO PENSADA A PARTIR DAS ELITES |65 | OS CAMINHOS PARA UMA EDUCAÇÃO CAMPONESA |66 | EDUCAÇÃO POPULAR |68 | EDUCAÇÃO POPULAR E CULTURA POPULAR |70 | EDUCAÇÃO CAMPONESA |72 | EDUCAÇÃO E TRABALHO |78 | EDUCAÇÃO AMBIENTAL |81 | A RECONSTRUÇÃO DO SUJEI-









TO CAMPONÊS E A FUNÇÃO DA EDUCAÇÃO CAMPONESA |83| UMA EDUCAÇÃO CAMPONESA QUE INCLUA O CAMPO QUE QUEREMOS COM NOSSOS MODOS DE VIDA AGROECOLÓGICOS |86|

CAPÍTULO IV: CULTURA |89| ASPECTOS IMPORTANTES DA CULTURA CAMPONESA BRASILEIRA |89| CULTURA AGROECOLÓGICA E TERRITÓRIOS |91| AVANÇANDO UM POUCO MAIS |92| A CULTURA COMO REINVENÇÃO DO HUMANO |95| A QUESTÃO DA SEMICULTURA |97| O ESPAÇO CULTURAL DA JUVENTUDE |98| CULTURA DE MASSA |99| CULTURA E TERRITORIALIDADE |102| TIPOS DE CULTURA |102| A IMPORTÂNCIA DA LEGITIMAÇÃO DO CONHECIMENTO POPULAR |104|

CAPÍTULO V: SOBRE AS JUVENTUDES |107| JUVENTUDE E SEXO |107| JUVENTUDE, INSERÇÃO SOCIAL E POLÍTICA |108|A CULTURA DO TRABALHO |109| JUVENTUDE CAMPONESACAMPONESA E QUESTÃO CULTURAL |110|

CAPÍTULO VI: O PLANO CAMPONÊS E A PRODUÇÃO DE ALIMENTOS SAUDÁVEIS |113| CONTROLE IDEOLÓGICO DA PRODUÇÃO |114| MATERIALIZAÇÃO DO PLANO CAMPONÊS |115| PÃO OU COBRE DOIS OLHARES SOBRE A TERRA |117| SOLOS ADEQUADOS PARA A AGRICULTURA NO MUNDO |118| SOLOS LUVISSOLOS |118| QUINTAIS PRODUTIVOS - SISTEMA CAMPONÊS DE PRODUÇÃO AGROECOLÓGICA |119| CONSTRUINDO REFERÊNCIAS |121| COMO, ENTÃO, DAR VIGOR À UTOPIA AFIRMADA EM SONHO? |123| COMUNIDADE, REFERÊNCIA E AFIRMAÇÃO |126|

CAPÍTULO VII: A IMPOSIÇÃO DO PATRIARCADO NO MUNDO CAM-PONÊS |133| A LUTA CONTRA O PATRIARCADO FAZ PARTE DAL UTA CONTRA O CAPITALISMO |134|

**POEMAS** |137|





# APRESENTAÇÃO DA COLEÇÃO

Aos leitores e leitoras que têm em mãos esse livro, em especial aos camponeses e camponesas, parte literal de cada parágrafo dessa apresentação, essa obra é resultado de um árduo processo de estudo, acumulação e luta em torno da causa camponesa no Brasil e na América Latina.

A Coleção Plano Camponês, agrega em seus volumes o resultado de mais de 20 anos de luta e resistência do Movimento dos Pequenos Agricultores-MPA, assim como as obras que impulsionaram a nossa organização rumo à consolidação de um Projeto Estratégico para o campesinato Brasileiro, feito pelos próprios camponeses e camponesas de fato.

O Campesinato e o seu Projeto Estratégico possuem uma via de muitos caminhares - o rosto jovem, os valores da educação camponesa, a intelectualidade militante e popular se entrelaça nessa coleção. Do mesmo modo que compõe nosso projeto estratégico, cada livro se apega a um desses elementos fundamentais em nossa luta ou em pensadores que trouxeram mais certeza e utopia a esse caminhar.

Essa coleção é fruto de um processo de construção coletiva, de camponeses, camponesas, militantes da Causa Camponesa do Brasil e da América Latina sistematizados nas páginas a seguir. Entendemos que o campesinato como classe social de luta, ocupa na sociedade um papel fundamental e ativo. No entanto esquecido, apagado ou deturpado por quem escreve a história que vai para a academia e para os meios de comunicação. Por isso, para superar essa contradição nada melhor que os próprios camponeses e camponesas escreverem (no papel e na história) com seu jeito de ver e viver o mundo.

Afirmamos também, que essa obra está longe de ser uma propriedade de nossa organização, ela exprime o sentido de uma luta





travada a séculos em nosso continente, que somente estamos dando continuidade e, também a dar os rumos para os que a continuarão.

Agradecemos em especial, aos militantes que dedicaram-se reunindo as obras, escrevendo, sistematizando, ilustrando. A *Bizilur* e a Agência de Cooperação do País Basco, que contribuíram para a materialização deste trabalho. A todos os Movimentos da CLOC-Via Campesina que carregam cotidianamente a luta e os valores compartilhados nessa coleção.

Contudo ao publicar essa obra, entendemos que as suas páginas precisam ser lidas com os olhos críticos, ativos e militantes, sendo cada capítulo um ponto de partida, para mais leituras, estudos e debates que fortaleçam a causa camponesa e popular, mantendo assim "as letras" de cada parágrafo vivas e ativas na história.

Boa Leitura e bons debates.







## DERLI CASALI: SEMEANDO PARA ALÉM DO TEMPO

Seria praticamente impossível buscar um termo para atribuir ao legado de Derli, educador, poeta, militante, elaborador, camponês, talvez o mais próximo seria de "semeador", defensor aguerrido das sementes...Derli dedicou toda sua vida a semear, sejam as sementes crioulas na terra, sejam as sementes de ideias junto ao povo e as comunidades. Em sua passagem pela Terra, Derli Casali literalmente espraiou sementes de ideias por todos os cantos de nosso país, por isso, o Movimento dos Pequenos Agricultores-MPA sentiu-se na responsabilidade de reunir umas tantas dessas sementes de ideias propagadas pelo Derli, e, assim, iniciamos uma árdua tarefa de "ajuntar" uma coletânea de textos, artigos, ensaios e poesias escritos pelo Derli, que estavam, como dizia ele, pelas "tulhas do tempo" em e-mails, HDs, manuscritos, ou impressos guardados por amigos e militantes do Movimento.

Não temos dúvida, que seu legado é infinitamente maior do que o que juntamos neste volume. De fato, o verdadeiro legado de Derli está na prática diária das pessoas, na luta contra o agronegócio, nas escolas de formação, na transição ecológica, nas feiras, na cultura camponesa, Derli permanece vivo, ativo, atuante, presente.

No entanto, buscamos sistematizar neste livro alguns de seus pensamentos mais atuais, no campo do campesinato, da cultura, juventude e educação, áreas que nortearam os últimos anos de luta do Derli, em especial em sistematizar esses campos de estudo e ação no contexto do Nordeste Brasileiro, região que encantou Derli e onde ele decidiu viver.

Não é à toa que nos referimos aos escritos de Derli como Além do Tempo, ele não preocupou-se em data e às vezes nem mesmo em assinar os textos originais que encontramos nessa coletânea. Mas ao ler suas palavras, conseguimos sentir o tempo e o espaço de seus pensamentos em diferentes épocas e sob diferentes conjunturas, alguns em contextos de avanço da luta, de fortes conflitos, momentos







de construção e recuo, se entrelaçam em um mesmo capítulo entre textos de 2003 até meados de 2010. É importante levarmos em conta esse recorte temporal. Entender isso é uma das chaves para acompanhar o raciocínio de Derli em cada página, além de envolver-se com um jeito particular que ele tinha em agregar a linguagem popular e coloquial, fazendo nascer novos termos e palavras singulares que encanta quem as lê.

Para uma boa leitura do material é necessário entender esse contexto e perceber que na época talvez faltara a Derli diversas compreensões de categorias que o Movimento só entenderia anos depois, ao mesmo tempo em que também analisamos diversas visões de Derli que, naquela época, estavam além do nosso tempo - logo, fora escrito por um camponês que enxergava longe.

Para falar do legado de Derli e apresentar sua obra, é fundamental lembrar dos Movimentos e organizações que ele também contribuiu, em especial a Via Campesina, o MST, a CPT e as escolas de Pedagogia da Alternância. Além disso reconhecemos a dedicação de sua ex-companheira Valdenira Pereira a Duda, em manter o legado de Derli presente, que demais de todas suas elaborações ele deixara um Filho, o João Virgílio que por ironia do destino não lhe proveu o tempo necessário para conhecê-lo - mas é impossível não notar a presença de Derli em seu filho.

Convidamos a cada um e cada uma que conheceram Derli, e aqueles e aquelas que não tiveram essa oportunidade, mergulhem no pensamento desse semeador que não se preocupou em datar seus textos, em assiná-los ou mesmo em guardá-los. Preocupou-se somente com o mais vital: decifrar os códigos do campesinato e encher cada parágrafo, como dizia ele, de cheiro de gente e de Terra.

Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA)
Janeiro de 2019





## UM POUCO DA VIDA DE DERLI CASALI

O militante teórico e prático de todas as horas, Derli Casali nasceu na cidade de Alfredo Chaves no estado do Espírito Santo. Filósofo, teólogo, escritor, poeta, professor e camponês, Derli, por sete anos, foi padre no Norte de Capixaba.

Para além da sua vida religiosa, Derli militou em várias organizações sociais durante o perverso período da ditadura militar, quando foi preso e torturado. Fez parte da Comissão Pastoral da Terra — CPT, participou da fundação do Partido dos Trabalhadores — PT e do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra — MST em terras capixabas. Derli esteve presente durante todo o processo de nascimento e construção do Movimento dos Pequenos Agricultores — MPA, que nasceu com o propósito de lutar contra o empobrecimento e marginalização das famílias camponesas - um Movimento construído por trabalhadores e trabalhadoras da roça, que levantaram a cabeça, os braços e as bandeiras para defender, organizar os Pequenos Agricultores e fortalecer a agricultura camponesa. Por ser um dos principais protagonistas dessa construção, Derli foi perseguido e ameaçado por ruralistas e latifundiários, no Espírito Santo.

Sua incansável vontade de organizar os camponeses e camponesas o fez assumir a tarefa, recebida do MPA Brasil, de ajudar a Organização no Nordeste onde, como educador e formador político, atuou em quase todos os estados da região. Quando morava em Ouricuri, Pernambuco, durante as escolas de formação no estado e em outras atividades Derli conheceu a companheira Valdenira Pereira e casaram — se. Em seguida foram morar em Araripina, no distrito de Nascente, onde colocaram em prática em sua pequena propriedade, o Plano Camponês, que é um planejamento da produção camponesa de comida saudável, preservando e conservando a mãe natureza e se adaptando aos vários saberes populares essenciais à vida - proposto pelo MPA.

Derli era um apaixonado pelos princípios Agroecológicos e pelas sementes crioulas como patrimônio dos povos a serviço da hu-







manidade - que semeou entre nós. E, por onde passou no sudeste, no nordeste e em Pernambuco, Derli foi uma faculdade inesquecível para todos militantes do MPA, sua pedagogia do exemplo nos acendia a chama da luta, sua metodologia era a mais humilde e simples que se podia imaginar, pois nos motivava a nos indignar diante de qualquer injustiça, e nos desafiava a fazer o diferente acontecer. Somava-se a todos, em todos os momentos, fazendo-se igual abraçando a causa e enfrentando os desafios na perspectiva de ser sempre firme e forte.

É por isso que a perda desse companheiro combativo nas lutas do campo serve para todos nós, como exemplo de persistência e perseverança, de modelo para que nós mesmos, com todas as adversidades, continuemos na luta por um Brasil mais justo e igual no campo e na cidade.







## **CAPÍTULO I**

## ENTRE O AQUI E AGORA E A UTOPIA, CAMINHOS PERCORRIDOS E A PERCORRER

# A PRIVATIZAÇÃO DA NATUREZA E AS ALTERNATIVAS CAMPONESAS

O processo de construção e afirmação da classe dominante não acontece somente pelo processo de exploração e espoliação dos trabalhadores e das trabalhadoras, das multidões que iam sendo subalternizadas, mas, também, pela privatização do sagrado através da criação de um deus personalizado, e da terra.

Ambos os impérios, Mesopotâmico e Egípcio, se deram conta que não conseguiriam o controle das terras sem garantir o controle do território imaterial, e isso se daria por meio da submissão dos povos conquistados ao deus dos dominantes. Sem a destruição das simbologias do povo e a imposição das simbologias criadas pelos dominadores, certamente a construção do império não se daria. Tudo vai sendo mercantilizado. A cobrança do dízimo, por exemplo, que existe até hoje, nada mais é que o imposto estabelecido pelo Estado e controlado por uma classe social. Como não havia moeda, o imposto era parte da produção de alimento.

Os grandes impérios entenderam que, para ter o controle de um vasto território, era preciso não somente ter o controle de muita gente sob a condição de um sistema de produção escravista, mas garantir que a religião, a segurança, o armazenamento da produção, a escola e administração política estivessem todos sob o controle do rei.

É bom que fique explícito que a privatização da terra necessitava, também, da privatização dos animais (cercados), da família (mulher e filhos), da religião, da força de trabalho e do conhecimento popular. O Estado se acerca de tudo para que uma classe social pudesse viver somente da exploração sob a maioria.







### A EXPANSÃO DOS IMPÉRIOS

O que explica a construção de grandes impérios é exatamente a formação de uma elite que detém o controle das terras conquistadas e das instituições criadas por essa mesma elite. Imagine, por exemplo, milhões de escravos produzindo riguezas, conquistando mais e mais territórios. Essa riqueza acumulada nas mãos de poucos oferecia todas as condições para o desperdício, o luxo e a corrupção.

A guerra foi o grande instrumento utilizado pelos impérios para conquistar novas terras e obter escravos. Isso exigia que parte da produção fosse transformada em material bélico.

### HISTÓRIA DA AGRICULTURA

A história dos povos e sociedades não pode ser entendida num processo linear, em uma lógica puramente racional, sem levar em conta suas contradições. Na história não existe passado, presente, nem futuro, mas um conjunto de situações que se encontram dialeticamente produzindo novos desafios e situações.

As primeiras notícias sobre o início da agricultura datam do ano 12.000 antes de Cristo, mais ou menos. Estas primeiras experiências de cultivo da terra, de produção de comida por meio da utilização do solo, ocorreram na região de Jericó. Isto significa dizer que, por volta de 10 a 12 mil anos antes de Cristo já existiam comunidades camponesas, deixando de viver em bandos e migrando de um lugar para outro em busca de regiões onde a presença de frutos silvestres, caças e pesca fossem mais abundantes. É interessante observar que, simultaneamente à fixação de comunidades camponesas na terra, territorializando a vida no campo, inicia-se um período de formação de grandes impérios, como o Império Egípcio e as Cidades Estados que se formaram na Babilônia.

As comunidades camponesas, por estarem se fixarem às margens dos rios, em territórios também cobicados por grupos interessados em dominar muitas terras e se apropriarem do trabalho alheio, foram violentamente atacadas por estes grupos armados com o objetivo reduzir milhares de camponesas a condição de trabalhadores







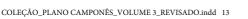
e trabalhadoras escravas. Podemos dizer, partindo desta compreensão, que as comunidades camponesas foram se afirmando em meio aos conflitos agrários, em territórios em disputa, mesmo numa época com baixa densidade populacional. Estava em jogo a força de trabalho e a apropriação da renda da terra.

Depois, bem mais tarde, por volta do século 17 e 16 AC, já era comum entre as comunidades camponesas, a troca de sementes, mostrando que havia uma necessidade de fazer as sementes chegarem até as comunidades onde não existiam determinadas variedades. Daí a importância das trocas por meio das festas das tendas e dos tabernáculos. E fazer as sementes chegarem noutros lugares, noutras comunidades, era uma forma de fazer a comida também chegar. Era, também, uma forma de resistência frente às perseguições dos grupos dominantes.

É bom lembrar que foi por meio da produção do conhecimento, do modo diversificado de cultivar a terra, que as comunidades camponesas se territorializaram-se e afirmaram-se como identidades culturais.

Não podemos perder de vista que o cultivo da terra, dentro da visão e do sentimento camponês, não está restrito ao plantar e colher somente, mas tem uma abrangência maior. O extrativismo e a pesca são componentes que até hoje estão presentes na vida de milhões de camponeses.

A passagem de um modo de vida constituído por meio de bandos de gente que migravam sempre em busca de comida para a construção de comunidades agrícolas, vivendo do cultivo da terra, passou a exigir dos indivíduos uma capacidade de observação bem maior, como por exemplo, os tempos de plantio, como guardar a produção, como garantir as sementes. A fixação na terra obriga as comunidades fixarem conhecimentos no sentimento da mesma. E muitos dos conhecimentos utilizados nos sistemas camponeses de produção, principalmente o sistema de terreiros produtivos, são oriundos de milhares de anos.







# LUTA E ORGANIZAÇÃO, FORMAS DE RESISTÊNCIA E AFIRMAÇÃO DO CAMPESINATO ATRAVÉS DA HISTÓRIA

A luta pela terra e a organização das comunidades são elos que unem os mais diversos camponeses e camponesas de todo o mundo, dada suas especificidades esses processos foram sem dúvida as alternativas vitais para a sobrevivência do campesinato no decorrer das linhas da história.

As ações violentas das classes dominantes para cercear o acesso à terra pelas comunidades camponesas fizeram emergir a maioria dos conflitos da humanidade, principalmente a partir de formação do Império Egípcio, onde o faraó buscou pelos mecanismos "legais" e "sagrados" não permitir aos camponeses o acesso às terras.

As comunidades camponesas, historicamente, foram se refugiando nas frestas das montanhas ou em lugares de difícil acesso. Normalmente nas piores terras. Não permitir que milhões de camponeses não tivessem acesso à terra, como ainda hoje ocorre sempre, foi uma forte arma das classes dominantes para ter força de trabalho disponível quando necessário. O que justifica as constantes migrações de gente de um canto para outro no mundo, sendo que grande parte destes migrantes são camponeses excluídos da terra. Quem são, no Brasil, os cortadores de cana, os apanhadores de café, senão camponeses sem terra.

Ter gente nas praças, nas ruas, a espera de trabalho, sempre fez parte dos interesses das classes que constantemente buscam se apropriar da produção alheia.

Dos 460 milhões de estabelecimentos agrícolas existentes no mundo, 390 milhões tem até dois hectares. Os camponeses ocupam nesgas de terra no mundo. Imagine por exemplo, o tamanho dos lotes daqueles camponeses que cultivam comida ao redor das cidades. Hoje são mais de 800 milhões.

A riqueza acumulada nas mãos das elites do mundo nada mais é que uma histórica apropriação da produção camponesa e da mais valia dos trabalhadores da cidade.

Na Idade Média, por exemplo, os barões da terra, os senhores feudais, juntamente com a igreja, tinham o controle direto sobre a





grande maioria dos camponeses, obrigando-os a trabalharem mais da metade do tempo nas terras dos senhores, sem nada em troca. E do tempo que trabalhavam nos pequenos pedaços que lhes eram cedidos, ainda tinham que entregar quase a metade em forma de imposto. Tinham que trabalhar muito para garantirem o mínimo de alimento. Além disto habitavam em casebres tão ruins que milhões vinham a falecer durante o período de inverno. Podemos dizer que durante o período medieval se permitia o acesso à terra, mas não se permitia a liberdade para poder organizar a produção. O acesso se dava na condição de parceria totalmente controlada pelos senhores feudais. Ter acesso à terra sem se territorializar nela, ou seja, sem construir nela a autonomia.

A revolta dos camponeses a partir do século 12, principalmente, tinha como objetivo a liberdade do acesso à terra, ou seja, não permitir mais a tamanha exploração dos senhores da terra sobre o trabalho dos camponeses. Essas lutas geraram muitas comunidades que passaram a fazer o trabalho coletivo. Por um longo período, até o século 18 em boa parte da Europa, as comunidades camponesas tinham uma força política grande.

Com a revolução industrial ou revolução econômica, as comunidades camponesas passam a sofrer perseguições constantes, com os chamados cercamentos. A industrialização ou modernização da sociedade por meio das técnicas e do incentivo ao consumo maior passou a ser um fator grave para as comunidades camponesas. Suas terras passaram a ser cobiçadas pelos donos das indústrias têxteis e couros. O capital, para garantir matéria prima, decide atacar violentamente as comunidades camponesas por meio dos cercamentos. Desta forma, se apropriaram das terras dos camponeses que sobreviveram aos ataques para servirem de mão de obra nas fábricas. Muitas comunidades migravam para a América. E, na América, várias continuaram vivendo do mesmo jeito, não aceitando a modernização.

Simultaneamente à revolução industrial voltada para um forte processo de concentração populacional, ocorria um lento processo de modernização no campo. Enquanto na cidade a modernização industrial favorecia a concentração de miséria ao entorno das fábricas, no campo favorece o esvaziamento populacional e o aparecimento







dos primeiros monocultivos. É bom lembrar que estas mudanças não estão acontecendo em toda a Europa.

Podemos dizer que, em função do conjunto de condições culturais, políticas, geográficas e econômicas, a Inglaterra afirma-se como inaugurador desse novo modo de ordenar as forças e os meios produtivos, a partir de uma racionalidade do capital.

Todas estas iniciativas burguesas já vinham sendo arquitetadas desde o século 17, com as revoluções burguesas. Se olharmos a França, paralelamente, as condições reais eram praticamente as mesmas. Acontece que não existiu, na França, um conjunto de forças políticas que canalizam para os mesmos objetivos capitalistas como ocorreu na Inglaterra.

A partir da Inglaterra, toda a Europa Ocidental vai assumindo o que podemos dizer de racionalidade burguesa, de pensar e ver as relações humanas a partir da lógica da produção e do consumo. O universo camponês, marcado pelas relações com a natureza, com os processos produtivos de início, meio e fim, onde a coletividade e o bem maior, vai aos poucos sendo negado pelo mundo da máquina, do macação, do capacete, do apertar parafusos.

O universo onde os seres humanos se viam produzindo, fazendo a terra produzir comida, vai sendo exaurido, negado. E em seu lugar se constrói o mundo moderno, onde os seres humanos não podem se reconhecer naquilo que produzem. São apenas representações e consumidores daquilo que produzem. Noutras palavras, não são sujeitos, apenas produtores de mercadorias. O trabalhador não se vê na condição de labore, criador, mas apenas de produtor. Ele, o trabalhador, é separado de sua própria criatura.

Nasce, aqui, para o capital, algo extremamente importante, a separação entre seres humanos e a natureza. Desconectado da natureza, da terra, da plantação, o camponês entra num processo de definhamento, de perda de identidade.







# CAPÍTULO II CAMPESINATO E LUTA

### O CAMPESINATO BRASILEIRO

O Brasil Colônia não é fruto do acaso, mas surge numa sociedade em conflito, em transição. O processo de colonização que aqui se inicia a partir de 1500 é consequência de um conjunto de mudanças que ocorrem em toda a Europa Ocidental, no universo de relações feudais (sociais, políticas, religiosas e econômicas) que já não se sustentavam mais em função dos (des) contentamentos de vários sujeitos sociais que não queriam mais ser submissos àquela constelação de regras e interesses da nobreza e da própria estrutura feudal que já não respondia a lógica da própria nobreza.

A crise na estrutura agrária que tomou conta da Europa Ocidental, a partir do século XIV, desencadeou um profundo processo de desmantelamento dos pequenos estados feudais controlados pelos senhores. E foi exatamente no interior desta crise que o campesinato buscou se afirmar, criando o *sistema comunal de produção*. Na verdade, não restava outra saída aos servos que não fosse lutar pela terra.

Ao mesmo tempo em que o mundo feudal vive um processo de desmantelamento interno, a nobreza e a nova classe social que está emergindo deste sistema de produção em decadência, que são os mercadores, partem em busca de riquezas noutras terras, noutras regiões do mundo. É interessante observar que essa busca de riquezas está dentro de um projeto político e econômico que visa salvar a classe dominante. A nobreza entendeu que só se reconstruiria se criasse uma ferramenta política que lhe garantisse sua projeção tanto para dentro da Europa como para fora. E este instrumento político foi à criação do Estado Nacional, um estado forte que fosse a grande âncora da nobreza, que juntasse todos os cacos dos pequenos estados em decadência — os feudos, além de garantir a Igreja como um grande aliado, que também tinha grandes interesses em conquistar mais cristãos.







Império e Igreja se dão as mãos e se lançam em terras de além mar. Ambos, em nome de deus, vão dar nomes e impor seus interesses nas novas terras. O novo mundo, cheio de riquezas, não era algo separado do mundo de Portugal e da Espanha, mas territórios que deveriam estar a serviço de um grande projeto: a ascensão da nobreza que se encontrava em crise. Talvez, à época, a nobreza não se desse conta que outra classe social estava emergindo, construindo outro projeto de sociedade — a burguesia em formação que era a classe trabalhadora formada por mercadores, artesãos, pensadores, escultores e artistas.

É bom lembrar que a crise do modelo feudal, da estrutura agrária, não significa o fim de uma economia baseada na produção agrícola. Os séculos XV e XVI são marcados por lutas camponesas importantes, principalmente na Alemanha.

A classe social em construção, os mercadores, que cria as bases do capitalismo mercantilista, ganha força com o conjunto de crises que se manifestam em todas as dimensões da sociedade.

Neste sentido, a ocupação das terras de além-mar, se impõe como extensão da política do Estado Nacional, ao mesmo tempo em que busca garantir os interesses da nobreza e da burguesia em formação. O processo de colonização que se estende pelo território brasileiro, por meio da grande empresa colonizadora, se estrutura por meio das bases feudais. Não tinha como ser diferente pelo fato de o feudalismo ter-se desmoronado totalmente com a Revolução Francesa. Podemos dizer que o engenho açucareiro buscou se estruturar através de três aspectos que se configuraram muito bem:

- a) resgatou o modelo escravista que serviu aos interesses de sociedades como do Egito, Babilônia, Grécia e Roma;
- b) recuperou elementos importantes da estrutura feudal (grande propriedade, relações senhoriais, presença da Igreja...);
- c) e, por último, elementos do capitalismo mercantilista que se desencadeou do modelo feudal em decadência.

Não está correta a compreensão apresentada por muitos historiadores de que a empresa colonial não tinha nada de feudal, mas capitalista. É bom lembrar que nem todos os trabalhadores e trabalhadoras do engenho eram escravos e escravas. Havia uma parcela de





escravos, em alguns engenhos, que trabalhavam nos finais de semana em terras doadas pelo senhor. Isso garantia parte da comida.

A empresa colonial era um conjunto muito complexo, sustentada por capital comercial vindo da Coroa e pela exploração violenta do ser humano, do fazer o homem e a mulher produzir por meio da negação do sentimento humano – daquilo que chamamos de castigo¹ (tripalium).

Esta elite agrária formada de homens bons, de senhores da terra, de coronéis, nada mais era que uma extensão de gente da própria família da Coroa. Ao mesmo tempo em que a empresa colonial, por meio do engenho e do trabalho escravo, garantia grandes lucros para a Coroa, formava ao entorno dos engenhos uma grande massa de gente desprovida de tudo, principalmente de sua dignidade.

Enquanto nobreza e mercadores se aventuravam em busca de novas terras, o campesinato lutava por terra, construindo as chamadas terras comunais, principalmente na Inglaterra, e que lá no início do século XVIII, serão invadidas pelo capitalismo que começa se afirmar como modo de produção e quer as terras para produzir matérias primas para servir ao capital. Abastecer as máquinas famintas para produzir riquezas e transformar os camponeses em assalariados nos campos e debaixo das máquinas, fábricas.

A centralização política, econômica e administrativa estabelecida entre os séculos XV e XVIII, favoreceu a expansão colonialista e, automaticamente, a entrada de riquezas naturais e manufaturadas nas metrópoles, além de fazer emergir os conflitos entre os Estados Nacionais da Europa Ocidental em função dos interesses políticos e econômicos que estavam em curso.

A Inglaterra, por exemplo, conseguiu reunir todas as classes sociais e fazer em pleno século XVII a revolução burguesa, derrotando o absolutismo. Os demais estados nacionais europeus só con-



<sup>1</sup> Tripálio (em latim: Tripalium) era um instrumento feito de três paus aguçados, algumas vezes ainda munidos de pontas de ferro, no qual os agricultores batiam o trigo, as espigas de milho, para rasgá-los, esfiapá-los. Tripalium (do latim tardio "tri" (três) e "palus" (pau) - literalmente, "três paus") é um instrumento romano de tortura, no qual eram supliciados os escravos. Daí derivou-se o verbo do latim vulgar tripaliare (ou tripaliare), que significava, inicialmente, torturar alguém no tripalium. https://pt.wikipedia.org/wiki/Trip%C3%A1lio



seguiriam fazer as revoluções burguesas no final do século XVIII e século XIX. Portugal fez a famosa revolução dos cravos no final do século XX (1975).

### A COLONIZAÇÃO DO BRASIL

O processo de colonização do Brasil, como em toda a América Latina, não foi nada mais que uma interferência violenta sobre os povos indígenas, que também viviam um processo de organização a partir dos diferentes modos de vida, sendo inclusive uma população bem maior que a da Europa Ocidental. Eduardo Galeano, em "As Veias Abertas da América Latina", afirma que foram dizimados mais de 50 milhões de pessoas dos mais diferentes povos indígenas, além das línguas e costumes culturais que desapareceram em consequência dessa invasão violenta. É claro que a implantação de outro projeto de sociedade exige a destruição de uma civilização muito mais rica em termos de convivência com a natureza e organização coletiva. É bom ter claro que o projeto empresarial colonialista implantado através do Estado Moderno, buscou destruir todas as experiências coletivas de produção, de convivência humana, tanto na América como na própria Europa, como o caso das terras comunais na Inglaterra (os cercamentos).

O capitalismo em processo de construção entendia que o Brasil era fundamental no sentido de produzir riquezas que garantisse o avanço do capital. Para garantir os interesses colonialistas, da nobreza e da burguesia em formação, foi criado aqui um sistema empresarial muito bem articulado entre os diferentes sujeitos mais interessados no processo de apropriação de riquezas.

A grande empresa colonialista foi estruturada da seguinte forma:

1) O Estado Português, por meio da Coroa ou da Metrópole, organiza o que podemos chamar de *terceirização colonial*, ou seja, cria um sistema de privatização colonial, que foi o modelo das Capitanias Hereditárias, dividindo o território invadido em 14 grandes propriedades doadas para famílias amigas e condicionando-as, conforme regras estabelecidas, como deveria ser o comportamento dos





donatários na gestão da terra que recebera. Na verdade, o sistema de Capitanias nada mais foi que uma extensão da Metrópole.

- 2) Garantir uma estrutura fundiária caracterizada por meio do latifúndio, da grande propriedade da terra nas mãos de famílias com a lógica colonialista, ou seja, que não criasse problemas para a Coroa. Ficava desta forma, descartada a pequena propriedade da terra.
- 3) Como a Europa estava se constituindo num mercado em franca expansão e havia muita gente com dinheiro disposta a consumir produtos caros, seria função da Colônia organizar a produção para exportar. Mas, para garantir muita produção para exportar e agradar consumidores europeus tinham que limpar o território: dizimar povos indígenas, transformando parte em escravos, para poder destruir a floresta. A madeira, na verdade, constituiu-se na primeira grande fonte de riquezas. Em seguida, onde antes era floresta, foram estendidas as grandes plantações (plantation) de cana e engenhos. A exportação de produtos manufaturados exige uma estrutura que envolve diversos fatores: produção tecnológica para a construção dos engenhos, para produção de navios, ferramentas, produção de correntes e muita gente para trabalhar e com aprimoramento de alguns conhecimentos necessários para fazer a estrutura funcionar. Ao mesmo tempo em que a colônia se define como uma empresa agroexportadora, afirma-se, também, como importadora de máquinas, equipamentos e mão de obra.
- 4) O fator principal para garantir o funcionamento desta estrutura era a mão de obra escrava. Não é que a África fornecia trabalhadores e trabalhadoras, escravizados, mas era exatamente lá na África que a empresa colonialista dizimou e transformou milhões de homens e mulheres livres, que viviam muito bem em suas comunidades, em produtores e produtoras de riquezas e de escravos para servir ao modelo colonialista. A aquisição de mão de obra escrava exigia diferentes sujeitos sociais no processo de submissão dos africanos à condição de escravos: os padres da Igreja Católica que, em nome de deus, legitimaram a escravidão, batizando todos por atacado e ainda acompanhando durante a viagem na travessia do mar adentro; e os empresários responsáveis pelo transporte (navegadores). Esse mercado de mão de obra escra-







vizada rendeu altos lucros para a Coroa, mais que a produção de açúcar propriamente dita.

- 5) Dentro da lógica agroexportadora não era interessante para o mercado colonial pensar numa produção diversificada. O importante era investir bem no produto que dava muito retorno. Caso entrasse em decadência no mercado, passaria a produzir outro que melhor respondesse a vontade do mercado.
- 6) E, para viabilizar e dar sustentabilidade ao projeto empresarial colonialista, a Coroa criou um sistema político interno, chamado de Câmara Municipal entre os senhores de engenho, era escolhido um, que era denominado de "homem bom", que fazia o papel do Prefeito de hoje. Seu poder local era mais forte que o Governador Geral.
- 7) A Igreja bem colada, unida a esta estrutura, sacramentaliza tudo dizendo que ninguém podia se revoltar contra os senhores. Tudo era vontade de deus.

Diante de tudo isso, o território se caracteriza como um espaço onde não se permite outra coisa a não ser o espaço da violência, da exploração de riquezas para exportar - lugar controlado por poucos senhores que se dizem donos da terra e do mundo. Essa foi a concepção de território criada e que se denominava em nome de um projeto. Trabalhadores africanos escravizados, homens e mulheres, não se veem no território, mas produzindo riquezas sob o comando da violência da lei, da chibata, da corrente, do toco, da fornalha - desterritorializados do continente Africano, negados de continuar vivendo na sua terra e de ser comunidade.

É exatamente por entre as sesmarias, em pequenas nesgas de terra, que surgem aqui e acolá alguns pequenos sitiantes caboclos, ou algum escravo que fora alforriado. Formou-se assim um protocampesinato que plantava pequenos roçados e criava porcos e galinhas ao redor da casa. Podemos dizer que as primeiras comunidades camponesas surgem como negação do modelo empresarial colonial, como uma forma de afirmar a liberdade. O mesmo acontece com os escravizados, ao se rebelarem e negar o toco, a corrente, a senzala, o canavial e o engenho - para formar o Quilombo de Palmares. Passam a se reafirmar como gente, seres humanos, como comunidade, como território, como cultura. Pal-







mares foi apresentado como um lugar de fuga. Não era fuga, mas uma afirmação de liberdade.

O território do Quilombo de Palmares, como tantos outros que buscavam se reafirmar, era o lugar onde as pessoas se definiam como sujeitos políticos, expressando liberdade, que se materializa no plantar e colher, construir formas de defender – se, e de festejar. O campesinato nasce para negar a estrutura fundiária agra exportadora. E negar esta estrutura significava a negação do modelo capitalista colonialista.

A sustentação do modelo empresarial colonial dependia de escravizados, da reprodução de escravos e de muitos sem terra. Não é à toa que o agronegócio atual não aceita a reforma agrária. Tanto a Igreja Católica como a Metrópole foram unânimes quanto à destruição do Quilombo de Palmares. Pois se "deixarmos os negros, livres nas matas, vão reproduzir o mesmo sistema de vida lá da África. O jeito é acabar com esse povo logo".

### O BRASIL DE 1500 - 1850

Durante este período, a elite agrária se impõe no campo construindo oligarquias, fazendo do campo um espaço onde as decisões políticas se sustentam em função da economia que se visualizou e se caracterizou através e ao entorno de cinco áreas de produção: a cana de açúcar no Nordeste, que exigiu um tipo de trabalho escravo; a criação de gado, que se estendeu às margens do Rio São Francisco e também no Sul do Brasil, que exigia outro tipo de mão de obra; a exploração de ervas do campo no Norte do Brasil; a exploração aurífera nos Estados de Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso, que exigia outro tipo de trabalho, talvez a pior escravidão já vista no mundo; e as lavouras café no Sudeste.

Cada área teve sua importância dentro da economia colonial. E todas sob o comando de grandes famílias unidas em defesa de seus territórios e interesses políticos. Através dos filhos que iam estudar na Europa, da Igreja, da produção econômica, estas famílias conseguiam produzir e reproduzir seus interesses.

O próprio estado brasileiro é fruto destes artifícios políticos tecidos - ou por relações de cordialidade entre os coronéis, ou por





relações conflitantes que, no fundo, produzem o Estado que desejam. Independente ou não de existir uma nação, um povo que quer se constituir como nação.

Durante os primeiros 300 anos de escravidão, do fortalecimento das relações de compadrio, de total domínio das elites agrárias, surgiram, por entre as frestas destas grandes extensões de terras nas mãos de poucos, algumas comunidades camponesas isoladas, desenvolvendo experiências importantes e cultivando sementes crioulas de milho, feijão, arroz...

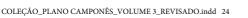
Muitas comunidades camponesas, que se firmaram na Bacia do Rio São Francisco, de certa forma são consequência do trabalho escravo nas fazendas de gado. Os vaqueiros recebiam algumas crias como parte de seu trabalho, o que aos poucos possibilitou a autonomia destas famílias, dando origem à formação de sítios.

Com o avanço da exploração de metais preciosos, durante todo do século XVIII, a comida passou a ser tão escassa que o valor de um prato de comida assustava as pessoas. Essa realidade nos leva a entender por que os escravos lutaram tanto por liberdade, pela busca da terra. O acesso à terra era, acima de tudo, o acesso à comida. Terra e comida são motivos de liberdade, de segurança e de autonomia.

#### O MERCADO DE ESCRAVOS

De 1538 a 1850, 18 milhões de homens e mulheres africanos foram comercializados nos portos da Colônia como escravos. A maioria morreu antes dos 40 anos de idade, em função das crueldades a que foram submetidos - péssimas condições de alimentação, higiene e trabalho pesado, com uma média de vida útil no trabalho de 8 anos. Essa situação desumana nos revela como era a ação deste modelo colonialista lá na África, onde foi necessário um contingente grande de agentes, para dizimar as comunidades e capturar os africanos para a empresa colonialista tanto aqui no Brasil como em Portugal. Somente no Rio de Janeiro, no Cais do Valongo, onde aportavam os navios do continente Africano, mais de dois milhões de homens e mulheres escravizados passaram pelo porto entre 1811 e 1831.

Além da ação violenta feita na África, para traficar os africanos, passando pelo sistema de transporte conhecido como navios negrei-







ros e pelo mercado aqui, havia o sistema de procriação em muitas fazendas. O modelo colonialista fazia a escolha de homens e mulheres como procriadores. Os meninos eram vendidos quando completavam seus quatro anos de idade. Podemos dizer que a mercadoria principal, dentro deste conjunto de relações entre metrópole e colônia, entre produção e mercado, era a mãos de obra escrava.

### NEGRO E CABOCLO RUMO À FLORESTA

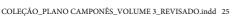
A partir de 1800, milhares de caboclos e escravos que se livravam das senzalas foram se refugiando no meio das florestas, onde criaram pequenas comunidades camponesas, principalmente na Região Norte do Brasil e Maranhão. Poucos anos depois, elas se despertam contra o modelo colonialista.

Com a crise que avança devido à falta de produção de comida, a agricultura começa a entrar em debate. Até então não se fazia nenhuma alusão à produção agrícola no sentido de produzir comida para a população que crescia em função de uma classe social pequena burguesia que começava a ganhar expressão e precisava de comida. Os caboclos e negros que se refugiaram no meio do mato buscavam garantir a comida para eles e pouco apareciam colocando comida no mercado. Produziam às escondidas e mais para o seu autossustento.

Em 1818 surge o primeiro assentamento com famílias vindas da Europa na Província da Bahia, na Região de Ilhéus, com pequenos e grandes proprietários de terra. A empresa colonialista cria as condições para poder garantir estas famílias na terra e produzir comida.

Doravante, vários assentamentos surgem principalmente no Sul do Brasil, inclusive do "Dia do Lavrador", 25 de julho, lembra a vinda de um grupo de famílias da Alemanha para São Leopoldo, no Rio Grande do Sul, em 1824 - data que é lembrada em quase todo o Brasil.

É bom registrar aqui que dois tipos de acesso à terra começam a ganhar feição, corpo, no Brasil Colônia, mais especificamente a partir de 1820. De um lado, os assentamentos com famílias brancas







vindas da Europa, sob o comando da empresa colonial.<sup>2</sup> Eram famílias que estavam perdendo suas terras em função do avanço das relações capitalistas no campo em seus países e não seriam aproveitadas, nesse novo contexto de expansão capitalista e são, então, enviadas para o Brasil.

De outro lado, cresce o número de comunidades criadas por famílias negadas, excluídas, que entram na terra por conta própria tornando-se um problema para o sistema colonialista - por isso tornam-se intoleráveis ao modelo. São os teimosos, os fora da lei, das decisões da elite agrária, por isso são combatidos e eliminados. Essa formação camponesa fora da lei, fora das regras estabelecidas pelo Estado, impõe-se no sentido de dizer não ao sistema escravocrata, à concentração da terra e a própria terra a serviço da elite agrária. Afirma-se numa relação de conflito, de vida ou de morte. Enquanto que o processo de colonização estabelecida, por meio de regras vindas de cima para baixo e que busca atender as famílias europeias, acaba caracterizando outra visão territorial, de produção e de mercado.

Não é à toa que os primeiros conflitos entre camponeses e empresa colonial vão acontecer no Pará e no Maranhão onde havia uma concentração de Comunidades Caboclas e Quilombolas, que passam a ser perseguidas. Tidas como intolerantes e perigosas, são violentamente trucidadas. Só na Revolta da Cabanagem (1835 a 1840), no Pará, mais de trintas mil pessoas - índios, mestiços e negros mortos pelas tropas do império com apoio e mercenários<sup>3</sup>·.





<sup>2</sup> No caso da imigração italiana, nas últimas décadas do século XIX, esse arranjo ocorrida através das companhias de navegação como Navigazione Generale Italiana, La Veloce, a francesa Transports Maritimes, que partia de Marselha, Ligure-Brasiliana e outras, elas obtiveram licença do governo italiano para transportar imigrantes que tinham suas passagens pagas pelo governo de São Paulo (imigração subsidiada). Angelo Trento (1989). Do outro lado do Atlântico: um século de imigração italiana no Brasil — páq. 44. —in Wikipédia.

<sup>3</sup> A Cabanagem foi uma revolta popular que aconteceu no período de 1835 a 1840 na província do Grão-Pará (hoje estado do Pará) — e recebeu este nome, pois eram trabalhadores índios mestiços e negros que viviam em extrema pobreza e abandono e a maioria moravam em cabanas às margens dos rios da região. Já os fazendeiros e comerciantes, que lideraram a revolta, queriam maior participação nas políticas da província. A revolta foi sufocada pelo governo central com o apoio de tropas de mercenários europeus. As estimativas de historiadores calculam que cerca de 30 mil pessoas morreram durante os cinco anos de combates. Estima-se que cerca de 30 a 40% da população de cem mil habitantes do Grão-Pará tenha morrido no conflito. https://pt.wikipedia.org/wiki/Cabanagem



Os modos de viver na terra, de plantar e de colher destas comunidades caboclas e negras eram um desacato à lei que defendiam outra relação com a terra, e não puramente de monocultivos para a exportação, com poucas comunidades camponesas produzindo para o mercado interno e dentro dos conformes da legislação, tendo a terra como mercadoria. Cabanos e Balaios foram e continuam afirmando-se como a negação da concentração da terra.

A criação da Guarda Nacional, em 1835, tem a única finalidade de vigiar o campo, de impedir a ação de camponeses e garantir os interesses das oligarquias agrárias. Além disto, as próprias oligarquias agrárias, por meio de seus coronéis, dos ditos "homens bons", criam suas milícias paralelas — pistoleiros, para garantir a continuidade da estrutura fundiária criada através do sistema de capitanias hereditárias.

Ao mesmo tempo em que cresce e se afirma, a formação do campesinato, a base econômica que sustenta a elite agrária e a burguesia europeia, sofre transformações como, por exemplo, a crise da produção aurífera no final do século XVIII, que obriga a empresa colonial a mandar parte dos escravos para São Paulo, Rio de Janeiro, além de favorecer a ocupação da região do Jequitinhonha (MG). A crise da produção de açúcar no Nordeste, já em meados do século XIX, obriga deslocar negros para São Paulo, fazer regressar uma parte para a África, dando origem a formação dos Mocambos de Recife.

Podemos dizer que o processo de formação do campesinato brasileiro está ligado ao avanço do capitalismo na Europa Ocidental e a esse contínuo processo de reordenação dos interesses econômicos provocados em função do mercado lá fora. Um campesinato caboclo, negro, que busca se afirmar na ilegalidade, por meio de sua própria teimosia, nas frestas das grandes fazendas; e outro campesinato que se impõe por meio da ação do Estado, da própria necessidade do capital.

### 1850 – LEI DE TERRAS E A NÃO REFORMA AGRÁRIA

Desde os anos trinta, a Inglaterra estava dizendo que seria muito "importante" romper com o escravismo como base da produção.





Para o crescimento do capitalismo industrial liberal, era necessário romper com o sistema escravocrata. O fim do mercado de escravos era conveniente, pois constituía certo problema para o avanço do capitalismo no mundo. Por isso a Inglaterra obrigava e ameaçava o Brasil para deixar de comercializar escravos.

A Lei de Terra de 1850 não foi feita por acaso. Ela surgiu sob pressão dos grandes barões do café que temiam o avanço de negros e caboclos nas terras, que exigiam uma lei de terra que possibilitasse o acesso à terra por meio da compra e que houvesse uma tributação sobre o seu uso. Com a Lei de Terra, o acesso à mesma deixa de ser uma concessão da Coroa, pois as terras pertenciam a ela que as repassava para terceiros, para virar mercadoria - ou seja, vendida e escriturada. A elite agrária rapidamente corre às Casas Paroquiais e legitima as melhores terras, restando aos pobres, a luta pela terra por meio da ocupação.

Em meados do século XIX, a crise do açúcar no Nordeste estava dando lugar à ascensão da cafeicultura no Sudeste, principalmente no Oeste Paulista. Como a economia se deslocava para o Sudeste, também as decisões políticas saiam do poder dos senhores de engenho e se concentravam nas mãos dos barões do café. Enquanto os barões do café se beneficiam da Lei de Terras, apropriando-se de grandes extensões de terra no Vale do Paraíba, principalmente em São Paulo e Rio de Janeiro, no Nordeste muitos senhores de terra perdiam o controle de seus domínios territoriais.

Enquanto o Sudeste recebia milhões<sup>4</sup> de trabalhadores europeus para trabalhar nas enormes lavouras de café, muitos como escravos, havendo inclusive rebeliões de brancos nas fazendas de café, como na Revolta de Ibicaba no interior de São Paulo<sup>5</sup> (um grande contingente de trabalhadores foi levado para trabalhar nas novas fá-



<sup>4</sup> Entre 1884 e 1959, entraram, no Brasil, 4.734 494 imigrantes, sendo 1.507.695 italianos e 1.391.898 portugueses. - Ângelo Trento, Do outro lado do Atlântico: um século de imigração italiana no Brasil. Studio Nobel, 1989. https://pt.wikipedia.org/wiki/Imigra%C3%A7%C3%A3o no Brasil

<sup>5</sup> Também chamada Revolta dos Parceiros ou Revolta dos Imigrantes, a Revolta de Ibicaba, foi a rebelião dos trabalhadores estrangeiros da Fazenda Ibicaba, em Limeira, SP, no ano de 1856, contra a exploração do trabalho pelos fazendeiros, que optaram pelo sistema de parcerias em substituição à escravidão. https://pt.wikipedia.org/wiki/Revolta\_de\_Ibicaba



bricas dos centros urbanos), o Nordeste vivia o avanço da pobreza. Essa situação fez com que milhares de famílias de caboclos fossem se metendo na Caatinga e nas terras abandonadas por senhores de engenho.

Neste período, por volta de 1860, podemos caracterizar o Brasil da seguinte forma:

- a) Crise da economia nordestina em função da decadência do mercado de açúcar de cana que estava sendo substituído pelo açúcar de beterraba no continente europeu. Transferência da base econômica para o Sudeste devido à alta dos preços do café no mercado europeu;
- b) Crescimento da emigração de famílias camponesas europeias para o Sul do Brasil em busca de terra.

O Estado repassava as terras para as empresas, para que as mesmas efetuassem a venda aos camponeses que chegavam com algum dinheiro no bolso. O Estado, ao invés de fazer a doação das terras às famílias camponesas, preferiu vendê-las por meio de sistema de privatização, como acontece ainda hoje no Norte do Brasil.

No último quartel do século XIX, cresce a migração de sem terra do Nordeste para o Norte do Brasil, atraídos pelo ciclo da borracha (seu auge foi entre 1879 e 1912). Foi um período de intenso processo de extração do látex da Seringueira e comercialização da borracha (que é o látex seco). O que provocou um massacre das comunidades indígenas, especialmente no Acre. As chamadas correrias, quando os índios eram dispersados na mata e mortos. Por ser o povo mais antigo, os Hunikuin/Kaxinawa foram um dos primeiros a enfrentar os seringalistas - os seringalistas se apropriaram das florestas e dos seringais nativos, expulsaram os índios e escravizaram aqueles que ficavam obrigando-os a consumir apenas o que era vendido no barração do seringal. Esse mesmo processo era também imposto aos nordestinos que viviam cativos dos seringalistas. Quando o ciclo da borracha entrou em declínio, os nordestinos, já livres e habituados com as florestas passaram a viver da caça e pesca, do uso de ervas medicinais e pequenas roças de subsistência.

Não podemos esquecer que, neste mesmo período, no Sul do Brasil, milhares de famílias caboclas estavam metidas nas terras, for-







mando muitas comunidades camponesas. O Sul do Brasil não recebeu somente migrantes europeus e que se apropriaram das terras por meio da compra.

É bom frisar que os caboclos – que compõem a maioria dos povos tradicionais - oriundos da união entre branco, indígena e negro, são vistos como "raça inferior" atrasada e que não gosta de trabalhar - conforme registra em sua obra José de Souza Martins. Pelo contrário, o caboclo foi aquele que assumiu o trabalho mais pesado. Nos engenhos de açúcar, os caboclos eram os agregados livres. Foram os responsáveis pelo trabalho mais violento (ou pesado) - a derrubada da floresta, e o preparo do terreno para o plantio da cana. No Sudeste, serviram aos barões do café, fazendo o desflorestamento para plantar o café.

Os trabalhadores migrantes cuidavam das lavouras e da colheita em troca de pequenas coisas: barrigadas de porco, de boi, frangos, sacos de alimentos ou até mesmo uma bebida. Os caboclos foram o apoio dos bandeirantes guiando-os floresta adentro aos lugares onde eles desejavam chegar. Noutras palavras: ajudaram os brancos cheios de ambição a apropriarem-se das melhores terras e dos metais preciosos. São estes fatores que justificam a presença de comunidades camponesas de caboclos em todo o território Nacional.

As famílias dos imigrantes europeus sentiam-se temerosas frente à exuberância da floresta densa e, por isso, tomados pelo medo, ofereciam aos caboclos pequenas coisas para que fizessem a derrubada, ou seja, limpassem as terras para efetivar os plantios (o trabalho de amansamento da terra para o plantio). É interessante observar que os caboclos não estavam interessados em destruir as florestas.

A floresta é uma fonte de vida fundamental: nela está a caça, a planta medicinal, os frutos, a água, o peixe, os metais preciosos, a madeira o uso doméstico. A floresta era e continua sendo base de sua vida (e sua sabedoria). Para o imigrante, a floresta era um problema, algo que precisava ser retirado para poder desenvolver a agricultura. Estas duas visões de convivência com a natureza, com a terra, ainda aparecem visivelmente (em todo o território nacional). O caboclo se vê na floresta, extraindo dela a comida, sem pensar em guardar.





O branco não se vê na floresta e entende que esta precisa ser destruída para gerar comida. Essa prática violenta (de destruição da natureza) começa agora a fazer parte de muitas famílias que sempre conviveram bem com o semiárido, que tinham a Caatinga como espaço fundamental para extrair a comida. Motivados pelo discurso de juntar dinheiro, de produzir muito gado, foram destruindo os umbuzeiros que produzem comida para o ser humano e para os animais. Também as baraúnas, as aroeiras, as umburanas e outras árvores importantes para fazer cercas em função do tipo de criação de gado que viria a ser desenvolvida no sertão, substituindo os porcos, as galinhas, as guinés, as ovelhas e as cabras.

A cultura agroecológica que sempre fez parte das comunidades caboclas e dos negros libertos passa a sofrer influências da modernização da agricultura a partir de 1970.

É bom lembrar que quase 100% dos estudiosos que fizeram estudos sobre os camponeses nacionais e os camponeses vindos da Europa Ocidental, demonstraram profundo racismo, apresentando as comunidades negras e caboclas como atrasadas, como gente não dada à racionalidade do trabalho, não dada à disciplina e nem dada ao progresso. É bom reconhecer que os caboclos não (só) desempenharam as funções mais pesadas no campo, desbravando as terras, preparando-as para a entrada dos brancos, como (também) serviram aos trabalhos mais pesados nas construções das médias e grandes cidades do Brasil. Expulsos da terra, negados em seus territórios, foram obrigados a trabalhar nas construções de estradas, de prédios, de grandes obras como a ponte Rio Niterói, Brasília onde morreram aos montes sucumbidos debaixo dos entulhos.

Podemos dizer que o caboclo, negado pelo modelo empresarial colonialista, foi quem construiu o Brasil, quem assumiu as tarefas mais pesadas depois dos negros escravos nos engenhos e na exploração violenta de metais preciosos. Aos negros e caboclos lhes negaram o acesso à terra, obrigando-os a viver soltamente, em trânsito, como reserva de mão-de-obra a serviço dos grandes proprietários de terra e empresários.

O Conde de Linhares (Rodrigo Domingos Antônio de Sousa Coutinho), um estudioso bem racista do final do século XIX, da província





do Espírito Santo, assim se manifesta: "é preciso limpar o terreno, retirar estes caboclos, estes negros, que estão atrapalhando o progresso, o desenvolvimento. Cabe a polícia fazer a limpeza do terreno..." é bom lembrar que o período de 1870-1880 foi marcado por fortes correntes de migrações de camponeses em boa parte do planeta, devido à grande seca que assolou muitas comunidades camponesas. Foi neste período que milhares de camponeses tiveram que migrar em direção ao Norte do Brasil, principalmente.

O campesinato caboclo que se forma no Brasil, desde o século XVII, sempre pensou em viver na terra com o objetivo de produzir o necessário para comer, garantindo os recursos naturais como fonte de vida. Diferente do camponês que vem de fora, do imigrante europeu, que busca a terra para produzir riquezas e garantir a perpetuação da família na terra. O camponês europeu se apega a terra com o objetivo de crescer, de progredir, de ficar bem de vida e até aumentar a propriedade. O camponês caboclo, negro liberto, pensa a terra como um espaço para garantir sua sobrevivência, sem a intenção de guardar as sobras, de destruir a floresta para plantar muito. Basta um pequeno roçado, uma caça, um pescado, um pequeno animal doméstico para comer nos finais de semana.

### O MESSIANISMO E A TERRA DA PROMESSA

Era exatamente em meio à decadência do escravismo e do avanço da cafeicultura, que a elite agrária e industrial, ainda em fase bastante incipiente, decide dar um basta ao Império, pois este já não respondia mais ao Brasil das velhas oligarquias rurais. A república nasce velha, nasce controlada por meia dúzia de golpistas.

Caboclos e negros libertos continuavam abandonados em busca de terra. Restava a este povo seguir os passos do Beato Antônio Conselheiro rumo à terra da promessa, ou seguir os caminhos do bom pregador que aconselha ao povo não se rebelar contra o barão do café, contendo-se com as migalhas.

Muitas famílias camponesas, sem orientação de ninguém buscavam o sertão como um espaço importante. Metiam-se no meio da Caatinga em busca de terra. Ao entorno de uma pequena fonte de





água, foram surgindo muitas comunidades sertanejas, constituindo-se através de laços consanguíneos. Isso explica ainda hoje a presença muito forte de comunidades sertanejas que se afirmam por meio de casamento entre parentes. Viver no sertão quente, com pouca água, não era para qualquer um.

Foi preciso construir as condições materiais e imateriais para poder viver no sertão, sem o apoio de ninguém. Aprendeu, através da observação profunda, a produzir e retirar da natureza as proteínas, as vitaminas e os medicamentos fitoterápicos para garantir a saúde.

Neste sentido, podemos dizer que a ocupação do sertão não se deu por meio de um projeto de assentamentos de famílias sertanejas, mas foi uma ação movida pela necessidade do acesso à terra, pela teimosia e coragem de arrancar do sertão o alimento sagrado. Sem políticas públicas, sem políticas compensatórias, restou ao sertanejo acompanhar as pegadas do Beato ou se organizar ao seu modo isolado em meio à Caatinga.

Estas comunidades camponesas criaram e recriaram seus modos de vida, suas formas de defesa. Quando perseguidas por fazendeiros que lhes negavam o direito à terra, estes camponeses que pareciam pacatos nas trilhas sofridas da Caatinga, levantaram-se contra os senhores da terra e contra o Estado. O Movimento de Lampião foi um dos gritos em defesa do camponês do sertão. Outros gritos de revolta foram ocultados, negados pelas elites agrárias.

De uma forma ou de outra, sempre a partir de sua realidade, o sertanejo fez do sertão o seu espaço. Criou um modo de fazer agricultura, de se relacionar com o criador e, de acordo com as intempéries do tempo, reinventava a conivência com o semiárido. Sem médico, sem políticas compensatórias do governo, sem prefeituras, sem apoio de organismos técnicos, o sertanejo vivia no sertão sem se aperrear tanto.

Todo o investimento na terra era pensado no sentido da produção de comida para matar a fome. Havia uma autonomia da família. Pensava-se a produção como alimento do dia-a-dia, para a festa do casamento de um filho ou de uma filha, para a festa do padroeiro e de São João. Havia um planejamento da agricultura a partir de um conjunto de sentimentos que fazem parte da vida das famílias do ser-







tão. A relação com a natureza estava conjugada com outros aspectos culturais, sociais e religiosos que exigiam tomadas de decisões importantes.

#### MODO DE VIDA CAMPONESA X RACIONALIDADE DO LUCRO

Estes modos de produzir e reproduzir a própria existência humana começa a sofrer alterações a partir de 1960, com o surgimento da Revolução Verde - que marca uma nova forma de entrada do capital no campo, baseado na imposição de técnicas e tecnologias alinhadas a indústria internacional, colocando no campo agrotóxicos, insumos e sementes híbridas sob o pretexto de matar a fome do mundo, mas que criou um ciclo de dependência da agricultura pela indústria.

Essa estratégia de dominação força a substituição do algodão preto (mocó), que era cultivado em várias regiões do Pernambuco desde 1750, pelo algodão branco (arbóreo); do gado pé duro e cabras pelo gado melhorado muito mais exigente em termos de capim, provocando desta forma a destruição da Caatinga e em 1975, a decadência da produção de mandioca. No alto sertão Pernambucano ela (a mandioca) é substituída pela exploração do gesso, fazendo aumentar assustadoramente a destruição da floresta nativa.

Além da Revolução Verde, aparecem outros instrumentos políticos, como foi o caso da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), das ações direcionadas de políticos interesseiros. Tudo isso muito contribuiu na mudança dos modos de vida de muitas comunidades sertanejas. Muitas fizeram resistência ao modelo que aparece se dizendo salvador da pátria. Não mudaram o jeito de fazer agricultura, ou seja, não entraram na racionalidade imposta pela Revolução Verde e viabilizada pelo estado. Continuam pensando a agricultura como uma forma de viver na terra, de saber conviver com a seca, tendo claro que existem épocas de boas colheitas e épocas de colheitas mais ou menos e épocas de colheitas fracas.

Os que entraram na racionalidade do mercado, do lucro, desaprenderam a conviver com a seca, por isso trocou a criação de cabras pelo gado melhorado, a mandioca por milho e feijão produzidos à base do uso de muitos agrotóxicos.







É interessante observar que a decisão de mudar o jeito de fazer agricultura, de entrar no ranking da modernização não é da família, mas de fora para dentro. Ao mudar, sem uma decisão política, a família passa a ser objeto de desejo para produzir uma agricultura para atender a vontade do capital. Passa conviver com problemas de saúde, de produção, técnicos, de mercado, que antes não faziam parte do seu mundo. Na verdade, continua sendo a velha família camponesa, mas carregando o peso das relações modernas de produção.

O discurso moderno entrou na propriedade, mudou o comportamento da família sem consciência ideológica das mudanças que estão ocorrendo. Mas, para poder sair deste caminho e tomar outro, é preciso perceber o que dá sustentação a este modelo de agricultura. Ela, a família, entra inconsciente e inconsequente e só consegue sair se conseguir perceber as contradições do modelo. Às vezes muitas famílias abandonam a produção por consequências graves, como envenenamentos, morte de alguém da família por causa de uso de produto químico, dívida no banco e queda brusca dos preços - mas não por compreensão crítica e ideológica de como funciona a máquina da agricultura moderna.

#### O CAMPESINATO DO NORTE

O campesinato do Norte do Brasil tem expressões complexas e difere muito das formas do campesinato das outras regiões. Sua formação tem início a partir do final do século XIX com a migração de milhares de Nordestinos que buscam escapar da seca. Grudadas ao extrativismo, as comunidades viviam no meio das florestas sem maiores problemas. Mas, a partir de 1970, com a abertura de grandes estradas, como a Transamazônica, PA-70) e a instalação de muitas madeireiras e projetos de colonização, como forma de negar a Reforma Agrária, a situação se agravou.

Vale lembrar que o INCRA não foi criado pela ditadura militar para favorecer a reforma agrária, mas com o objetivo de instalar projetos de colonização e favorecer o acesso à terra aos grupos econômicos ligados ao comando da ditadura militar. Muitas famílias ricas de São Paulo e Rio de Janeiro receberam títulos de terra via correios.





Estes casos aconteceram nos Estados do Pará e do Mato Grosso. Neste mesmo período, milhares de famílias de várias regiões do Brasil, principalmente do Nordeste, são deslocadas para o Norte e despejadas nos sistemas de Agrovilas. Não sabiam que estavam servindo aos grandes interesses de empresários e grileiros.

A estratégia da ditadura militar era colonizar e ocupar as fronteiras do Centro Oeste e do Norte "vazios de gente" - segundo o projeto geopolítico de Golbery de Couto e Silva — colonizar e ocupar o Norte "vazio de gente" - "integrar para não entregar" para evitar a penetração de "ideologias comunistas" e deslocar os conflitos de terra do centro sul do país).<sup>6</sup>

Surgem doravante os grandes conflitos, onde as vítimas são os povos indígenas, as comunidades tradicionais que vivem no meio da floresta e as famílias que estavam chegando de outras regiões do Brasil. José de Souza Martins na obra *A Militarização da Questão Agrária no Brasil*, (1984 - Vozes) denomina este tipo de comportamento de militarização da terra.

Os militares trataram a região Norte do Brasil como área que deveria favorecer os interesses do capital internacional e Nacional, via política de incentivos fiscais. Um exemplo claro foi o projeto Jari sob o comando do Norte Americano Daniel Ludwig. E a meta era a exploração de minério e produção de celulose. Podemos dizer que até mesmo a colonização foi uma grande farsa, uma jogada dos militares. (havia um projeto estratégico de ocupação militar na Amazônia e de controle das bacias hidrográficas — projeto traçado por Golbery).

O campesinato do Norte brasileiro, principalmente do Estado de Rondônia, tem uma expressão mista, reúne diversos modos de vida de todas as regiões do Brasil. Para o Norte do Brasil se dirigiram os mais diversos perfis de camponeses: foram as famílias interessadas em terra para produzir comida e dar a possibilidade ao filho para garantir terra para sua futura família, porque onde moravam tinha uma nesga de terra que era insuficiente para toda a família; foram famílias



<sup>6</sup> Golbery de Couto e Silva foi um general e geopolítico brasileiro. Tornou-se reconhecido como um dos principais teóricos da doutrina de segurança nacional, elaborada nos anos 50 pelos militares brasileiros da Escola Superior de Guerra (ESG), sendo um dos criadores do Serviço Nacional de Informações (SNI).



que só pensavam caçar e explorar a floresta – exploração predatória – a amansamento das terras para posterior venda para a agricultura intensiva; foram madeireiras com o objetivo de explorar a madeira e nada mais e, também, os milhares de aventureiros em busca de metais preciosos na região do Carajás.

O resultado foi o choque entre as comunidades tradicionais que viviam do extrativismo no meio da floresta, já com uma luta antiga sob a liderança muito forte do Chico Mendes, com os que chegavam a partir dos anos setenta. Enquanto os primeiros vivem mais do extrativismo, da conservação da floresta, os segundos, em boa parte, visam à destruição da floresta para industrializar a madeira, ou para derrubar e fazer plantios. As famílias camponesas que chegam depois dos anos setenta, estão dentro de um projeto militarizado, onde se misturam interesses diversos. Os problemas com os seringueiros, que começaram a ter suas terras griladas - uma vez que a maioria desses extrativistas não tinham a posse das terras - acirram-se com a chegada dos projetos de colonização mais voltados para empresários e não para camponeses.

#### O SERTÃO NÃO É MAIS O MESMO

Depois de algum tempo, convivendo com famílias e comunidades sertanejas, consegui observar como a população do sertão vem mudando em decorrência das decisões impostas por forças estranhas à realidade do povo. Podemos dizer que a trajetória do tecido social vem sofrendo impactos que merecem ser aprofundados em função dos grandes prejuízos que estão sendo produzidos no conjunto da sociedade sertaneja.

Segundo Josué de Castro, na sua obra *Geopolítica da Fome* (1951), a população do sertão até os anos sessenta não estava presa às rédeas do capital, das instituições governamentais e dos políticos profissionais. As famílias do sertão estavam entrelaçadas por laços de sentimentos humanos que se visualizavam nos mutirões, nas festas de São João, nas devoções aos padroeiros e às padroeiras. Eram as famílias, em função de suas necessidades do dia-a-dia, quem decidia o que plantar. Todas as famílias sabiam que era preciso estocar ali-





mentos. As famílias que não cuidavam do armazenamento de água eram atingidas brutalmente pela seca e acabavam sendo obrigadas a migrar de um lugar para outro, ou para as cidades em busca de trabalho. É importante frisar que os sertanejos conseguiam viver no sertão sem precisar de ajuda do governo, sem depender de favores. Às duras penas, criavam as condições para resistir no sertão.

Mas, para melhor entender o que vem acontecendo nos últimos quarenta anos, gostaria de sublinhar alguns aspectos que são responsáveis pelas mudanças no comportamento das comunidades sertanejas. A população sertaneja com menos de 25 anos de idade tem profundas dificuldades para entender o sertão, em conviver com o sertão. Não se apercebe mais sertaneja. Vejamos alguns aspectos:

- a) A introdução abrupta, do modelo de desenvolvimento capitalista por meio de órgãos estatais como a Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE) e Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER) - que agiram de forma evasiva desconsiderando e ignorando o modo de ser e viver do nordestino - e da Aliança Pelo Progresso, Programa de assistência ao desenvolvimento socioeconômico da América Latina formalizado guando os Estados Unidos e 22 outras nações do hemisfério, entre elas o Brasil, assinaram a Carta de Punta Del Este em agosto de 1961. Podemos citar como exemplo, a introdução do gado dito melhorado, substituindo o gado pé duro, além da introdução do algodão branco substituindo o algodão mocó (preto) que era muito resistente no sertão. As famílias que tinham a prática de cultivar o algodão "mocó" viram-se ameaçadas pela Revolução Verde. O incentivo à plantação de algodão "herbáceo" era tamanho que trinta por cento dos empréstimos bancários condicionado para a compra de agrotóxicos. O cultivo do algodão "mocó" foi brutalmente ameaçado pelas multinacionais.
- b) Queda profunda dos laços de solidariedade que encorajaram e davam vigor ao povo sertanejo. Era parte do modo de vida das famílias se comunicarem continuamente trocando favores, fazendo mutirões, um ajudando ao outro nos momentos mais difíceis da vida. Estes laços afetivos e solidários estão sendo estraçalhados pela presença dos agentes estranhos como: televisão, bandas, religiões prometendo a salvação, e a própria escola.







- c) As mudanças dos hábitos alimentares. Confesso que fiquei assustado ao ouvir, em muitas famílias do sertão que farinha, rapadura, leite de cabra, batata, macaxeira são comidas de preto, de pobre. Fiquei assustado ao ver a quantidade de frutos da Caatinga como mandacaru, palma, xiquexique se perdendo no sertão. Em todas as famílias chegou o mundo dos enlatados, dos plastificados, das comidas do mercado. O cuscuz é o único alimento que ainda está resiste, mas em queda.
- d) Mudanças no sistema de moradia as casas antes eram feitas com quase todo o material oriundo da Caatinga, com tijolos feitos com a mão de obra familiar ou comunitária, expressando o sentimento do povo, agora carregam a expressão sulista. Todas ao estilo da engenharia moderna, que exige muita madeira, cimento e telhas produzidas por grandes empresas, com um custo final quase três vezes maior. O madeiramento vem todo do Norte do Brasil. Assim disse um camponês de Valença, Piauí: "antes de chegar por aqui toda essa modernidade, toda essa tecnologia, a gente construía uma casa em pouco tempo. A gente, em mutirão, fazia as telhas, os tijolos, retirava a madeira da Caatinga sem prejudicar nada, rebocava com massa feita com estrume verde de animal, passava cal. As portas e as janelas eram feitas com a madeira serrada em casa. Tem casa com mais de 100 anos perfeita".
- e) Mudanças profundas quanto aos cuidados com a saúde até os anos setenta ninguém sabia o que era uma farmácia neste sertão. Todo mundo se trata com remédios extraídos das plantas da Caatinga. A sabedoria do povo foi absorvida pela indústria médico hospitalar. O povo do sertão, até os anos noventa, tinha as parteiras como uma referência importante na vida da comunidade. Elas eram como mãe de todas as pessoas. Hoje estão abandonadas, muitas vistas como bruxas. As pessoas com menos de trinta anos não conhecem as plantas medicinais do sertão. Não sabe os valores medicinais do angico, da Imburana, do Marmeleiro, do Quebra Faca, da Jurema Preta e de tantas outras espécies do sertão.
- f) Política de favores. Grande parte das famílias do sertão tem um parente ou amigo que trabalha para um determinado político, ministro, instituição governamental, no estado ou em Brasília. São es-







tas pessoas que influenciam as eleições, que fazem o papel de cabo eleitoral do velho coronelismo do sertão. A política de favores passa por essa teia muito bem articulada entre o sertão e os políticos profissionais.

- g) A reprodução da casa grande e da senzala ao entorno das famílias abastadas que vivem nas pequenas e médias cidades do sertão. Remanescentes das velhas oligarquias políticas que se articulavam por meio das relações de compadrio, formam as famílias ricas que comandam a política local, regional, que determinam o comportamento da Igreja, sendo boa parte dos padres católicos filhos dessa elite abastada. Ao entorno destas famílias está a mulher negra escravizada servindo a Casa Grande e ao senhor e aos filhos homens como escrava sexual, desde pequenas. E quando tinham seus filhos, eram criados à margem da casa e seu leite alimentava o filho da sinhá.
- h) O universo da casa grande e da senzala continua se reproduzindo dentro dos parâmetros modernos de nossa civilização.
- i) A presença de ONGs em todas as comunidades camponesas. Cada uma, ao seu gosto, vendendo seu peixe, buscando garantir os afortunados empregos dos técnicos que trabalham nestas ONGs. Muitas delas, nada mais são que extensão de grandes empresas que deixam de pagar impostos ao Estado e desviam o dinheiro através destas ONGs que têm objetivos bem definidos: dizer ao povo que estão a serviço do povo, vedando seus olhos para que não enxerguem a realidade.
- j) Como estão hoje aquelas comunidades camponesas que nos anos setenta e oitenta reuniam-se nas Comunidades Eclesiais de Base para rezar, conversar sobre seus problemas e reivindicar direitos, como escola, estrada, barreiro, cisterna, farinheira coletiva e outras coisas mais: viraram associações de pequenos agricultores, servindo ao braço forte do Estado, do Sindicato, da Prefeitura e de políticos espertos. Hoje, a escola não funciona mais. Foi fechada pelo governo e as crianças que ali estudavam estão sendo levadas para a escola da cidade ou para a escola polo, onde estão sendo domesticados pelos interesses do grande capital. A capela, construída com o esforço da comunidade, virou lugar onde o padre, de vez em quando, celebra missa, faz batizados e cobra caro pelo serviço prestado. Em quase todas as famílias do sertão, a religiosidade popular ainda resiste e







se manifesta por meio do novenário e das renovações. A renovação é uma celebração feita nas famílias e acontece uma vez por ano. É uma forma de agradecimento. Quem organiza a celebração é a família, oferecendo comida aos visitantes. Se numa determinada comunidade tem 100 famílias católicas, são 100 celebrações durante o ano, além das novenas que acontecem no período da padroeira ou do padroeiro. É uma forma festiva do povo se reunir para celebrar e agradecer. A instituição Igreja, sob o comando dos padres e bispos, ainda não conseguiu interferir neste modo do povo expressar suas devoções.

- k) Em todo o sertão nordestino, o poder institucional, por meio de seu sistema normativo, não tem voz ativa. Quem faz a lei é o povo. É normal crianças pilotando motos na maioria das vezes sem capacete.
- I) Bebendo cachaça e cerveja nos bares e botecos junto com a família; todos os espaços das ruas e praças são livres para quem quiser vender o que bem quer. E é exatamente neste universo, sem a presença mínima do Estado, com suas instituições funcionando que a destruição ambiental avança assustadoramente e os crimes de mando tornam-se comuns. Aqui a acolá o Estado de Natureza ainda funciona, ou seja, as famílias conseguem garantir seus valores e manter uma organização comunitária interessante. Mas, também, por outro lado, a barbárie cresce e joga ladeira abaixo os valores e modos de vida das comunidades.
- m) A presença alarmante de instituições financeiras: legais e ilegais, acuando os idosos aposentados para fazer os empréstimos consignados (descontados em folha). Muitos aposentados fazem estes tipos de empréstimos sob pressão de membros da família para comprar um celular para o neto ou para a neta, para comprar um televisor de 29 polegadas ou um móvel bonito. Milhares de aposentados estão em desespero, pois, sem saber o que fazer, negociaram seus cartões de cidadão com as casas de comércio com juros altíssimos (mais de 20 por cento).
- n) De uma forma ou de outra, estamos observando mudanças profundas nos modos de vida do povo do sertão. Não somente mudanças em relação ao convívio ambiental, mas em todos os sentidos.





As crianças sertanejas já não se veem parte do sertão, mas como um corpo estranho, feio, inconveniente ao ser humano. Agora, com a política do transporte escolar, com o afastamento das crianças de seus convívios comunitários e familiares, a situação está ficando ainda mais grave. Na medida em que avança a desintegração da biodiversidade, avança, por outro lado, a desintegração cultural, a derrota dos valores humanos. Cresce, na verdade, um processo brutal de desteritorialização da cultura, do sentimento de sentir-se parte, de estar inserido em um território.

- o) A reprodução do senhor, do "homem bom" da fazenda de gado do sertão dentro dos moldes modernos. Se antes o senhor vivia numa casa grande, lá na fazenda, tendo a mulher branca como esposa, a mulher negra como cozinheira e as concubinas mulatas para satisfazer seus prazeres sexuais, agora este mesmo senhor da fazenda de gado, encontra-se na cidade, com muito dinheiro guardado no banco, casado com uma mulher branca, cercado de concubinas, quase todas as filhas de camponeses, para servir sexualmente o senhor e seus filhos, além da doméstica negra para fazer a comida. Nas pequenas e médias cidades do sertão existe uma elite agrária e urbana, com muito dinheiro e que reproduz o voto de cabresto, de bico de pena, fazendo jogo com os recursos das políticas compensatórias do governo. Esta elite garante no poder as pessoas que interessam a eles. Na verdade, controla a política local (polícia, escola, hospital, religião) e influencia a política regional e nacional. Muitos pobres votaram no Lula pelo fato desta oligarquia local ter decidido votar no Lula Presidente.
- p) Outra questão grave é a substituição das expressões culturais locais por bandas musicais de todo tipo, manifestando o que tem de mais ridículo e vazio. Bandas musicais que reproduzem o machismo, a dominação política. Bandas sustentadas com dinheiro dos cofres das prefeituras locais e do Estado. Todas as prefeituras, sem exceção, destinam mais recursos para garantir o lixo cultural nos carnavais fora de época, nas festas que são criadas todos os meses para enganar o povo alienar e entupir o território imaterial do povo com coisas que nada dizem.
- q) A velha estrutura sindical, muito forte em todo o sertão, com programas diários nas rádios locais e regionais, é uma espécie







de braço do Estado, levando ao povo, as políticas compensatórias do Governo. Funciona bem mais por dentro do Estado do que por fora, ajustando o povo aos interesses do Estado e das Prefeituras locais.

- r) Com a criação do Projeto "de volta ao campo", sob o comando do banco Mundial, tendo o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE); Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI); Serviço Social do Comércio (SESC); Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR) como carro chefe no processo de materialização dos interesses inseridos nas entrelinhas do projeto. Dentro de sua constelação social, política, econômica e cultural, o projeto "de volta ao campo" tem como interesse maior ajustar o pequeno camponês às regras do mercado, fazer dele um "empreendedor rural", uma espécie de pequeno burguês rural. Na verdade, o objetivo deste projeto não é a viabilidade sustentável do *camponês*, mas a viabilidade do capital que está pensando em mudar sua matriz tecnológica.
- s) Hoje, para o conjunto das corporações multinacionais, que manipulam a lógica da produção e do mercado, não é mais possível continuar desgastando o solo com fertilizantes químicos, produzindo alimentos fracos em solo desnutrido e contaminado. Os responsáveis pela destruição dos solos e da biodiversidade, agora falam em apropriação das fontes de minerais que são encontrados, em grande parte, no Nordeste, principalmente a micaxisto, um tipo de rocha metamórfica que contém mais de setenta elementos essenciais para a alimentação das plantas. É deste bem fantástico, que a natureza levou milhões de anos para produzir, que o capital multinacional busca se apropriar para fazer agricultura sustentável, agricultura biológica, agricultura da vida. Falam, agora, em conservar inclusive a identidade cultural das comunidades. E, para poder garantir este espetáculo da agricultura da vida, ninguém melhor que o SEBRAE com pequenos empreendedores rurais, grandes negócios.
- t) Não podemos perder de vista que isto já está muito bem desenhado em todo o Nordeste. É o grande capital pensando o plano camponês do MPA no caminho do empreendedor rural, fazendo reuniões nas comunidades, com alto aparato tecnológico.





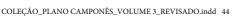


- u) A questão do lixo cultural é visível aos olhos de todos nós o que o mercado do lixo cultural vem fazendo com a música popular brasileira. O compositor e cantor João Luís Wanderley Filho (Lobão), filho do grande pensador Luiz Wanderley, vem fazendo severas críticas ao apoio descarado que a mídia vem dando à produção cultural de baixo nível. O Nordeste é hoje a grande vítima deste mercado musical que não só polui e aliena a cabeça da moçada, como acaba abocanhando parte importante dos recursos públicos do município, pagando a estas bandas de baixo nível para fazer shows que proporcionam o mercado de drogas e da prostituição.
- v) É lastimável saber que o Alto Sertão, terra de Luiz Gonzaga, não se encontra mais tocadores de sanfona. Ruas, praças, bares e esquinas estão tomados por este vergonhoso lixo cultural. Os jovens, esvaziados culturalmente em função da falta de formação oferecida pela escola e por outros organismos, dão-se ao luxo de tirar o silêncio da cidade, contaminando o povo. Até as festas de casamento no campo, lá nos sítios, estão sendo animados com estas "músicas". O bom tocador de sanfona desapareceu do mapa: ou está na banda ou aposentou a sanfona. Hoje, no Sertão Nordestino já não se fala mais em festa de São João familiar, nem em comidas típicas do sertão, nem em forró baião. A cultura popular está se desbotando muito rapidamente.

# OS CAMPONESES QUE SE GARANTEM NO SERTÃO

Todas as famílias que se modernizaram na lógica do mercado e mudaram o jeito de fazer agricultura, estão endividadas, sem reservas de comida – sem farinha, feijão, milho nem batata ou macaxeira no roçado, sem galinha, porco ou cabra no quintal da casa. Pode escrever: está endividada com o banco e o mercado de alimentos.

As poucas famílias que resistiram à tentação da Revolução Verde, que não entraram na canoa furada da modernização conservadora, estão conseguindo viver no semiárido com certa qualidade de vida. Estas famílias conseguiram entender muito bem que é impossível viver no sertão sem reserva de comida para poder atravessar os longos períodos de seca.







Todas as famílias que decidiram fazer a agricultura da modernização, da troca do gado pé duro e da cabra pelo gado sulista europeu, que deixou de fazer a agricultura diversificada, achando ser melhor fazer a monocultura para vender no mercado, estão quebradas, sem esperança de vida.

Se num primeiro momento, entre 1970 e 1990, a Revolução Verde exerceu um papel fundamental nas mudanças dos comportamentos camponeses, dos modos de vida que se afirmavam no sertão, por meio da implantação do modelo tecnológico - num segundo momento a interferência vem se dando mais em função da implantação das políticas compensatórias através do Estado e seus aparelhos micro físicos como as prefeituras e ONGs. No sertão, cada família camponesa é disputada por um universo de organizações não governamentais, sem contar as práticas espoliativas dos sindicatos e das religiões cristãs históricas e pentecostais.

A cada semana, em todos os municípios, são criadas ONGs para fazer chegar às famílias, os recursos do governo, a maioria ignorante quanto às formas de obter os recursos e como fazer a sua aplicação. Estas organizações em sua maioria são oportunistas e mercenárias. Chegam falando para as famílias que elas precisam participar de estudos e capacitar-se para serem empreendedoras rurais. Milhares de famílias estão se arrebentando, pegando o dinheiro e entrando em negócios que escapam profundamente aos seus modos de vida históricos.

Este monte de organizações governamentais e não governamentais exerce um duplo papel na vida das comunidades camponesas: por um lado, buscam legitimar, através de suas ações, mercenárias ou não, o motivo de suas existências; e, por outro, cumprem muito bem a vontade do capitalismo, fazendo chegar até as comunidades a linguagem do sistema e da dominação. Noutras palavras: elas não só "fazem chegar os recursos do governo" até as famílias, como também a lógica do sistema e boa parte dos recursos fica nas mãos das ONGs.







#### **DESAFIOS**

Uma coisa é certa: as comunidades camponesas estão no meio de uma grande confusão. No fundo, de forma bem concreta, sabem que a modernização imposta as colocou num atoleiro danado. Milhões de famílias estão devendo ao banco e com as terras danificadas em função do uso de agrotóxicos. As famílias que não buscaram o caminho da modernização, não estão com dinheiro guardado, mas também não estão devendo e nem estão com tantos problemas de saúde causados pelo uso de venenos. É grande o número de famílias que gostariam de abandonar a agricultura de mercado e fazer a agricultura diversificada, mas sabem que é muito difícil. Existem, também, milhares de famílias camponesas onde apenas o pai, a mãe e, quando muito, três filhos estão vivendo na propriedade. A força de trabalho é insuficiente para dar conta das demandas exigidas para fazer a produção dentro de uma linha agroecológica.

A juventude camponesa que estuda na cidade, a maioria à noite, sente-se continuamente impulsionada a deixar o campo e ir para a cidade, mesmo sabendo que dificilmente encontrará emprego. Existe toda uma preparação social, ideológica, enfim, todo um olhar que leva o jovem a deixar o campo. Ainda está muito forte a ideia de campo como lugar do atraso, do feio, não moderno, e a cidade como o lugar do novo, do bonito, do lugar onde me encontro com o moderno.

Diferentemente dos anos quarenta, cinquenta, quando milhares de nordestinos eram transportados em cima de pau-de-arara para o Sudeste, (muitos até sem saber por que estavam deixando o campo), quando o grande objetivo do capitalismo dependente era construir as grandes cidades e grandes empresas, hoje a juventude, principalmente, busca a cidade por ser continuamente motivada a ser *urbana* e não camponesa. Na verdade, desde os primeiros anos de vida, a criançada já é deslocada do universo camponês, dos saberes ali construídos por seus ancestrais.

A escola na cidade é vista como um espaço onde se aprende e apreende o sentimento urbano. Ao invés de aprender a lidar com a terra, aprende a lidar com o urbano. Junto a este aspecto soma-se ou-





tro desafio que é a pouca terra que a família tem disponível para produzir comida, principalmente no Nordeste. Todos nós sabemos que as melhores terras e as mais aguadas estão nas mãos de fazendeiros.

#### **TECNOLOGIAS POPULARES**

Nestes últimos quarenta anos, todo o modo de pensar e fazer a agricultura ocorreu a partir dos agentes externos, via produção de pacotes tecnológicos que negaram os saberes camponeses.

Hoje, mesmo com os desastres destas tecnologias de ponta, muitas famílias, apoiadas por movimentos e entidades sociais, estão se dando conta da necessidade de incluir nos processos produtivos estas tecnologias. Os bancos públicos, por exemplo, não aceitam que os projetos de financiamento do PRONAF Semiárido, contenham o uso das tecnologias populares, afirmando que elas não são comprovadas pelo saber científico das academias. Acreditamos, com certeza absoluta, que por meio da utilização das tecnologias populares, a convivência com o semiárido deixa de ser um problema para ser uma viabilidade.

Para nós do MPA fica o seguinte desafio: ou transformamos nossa ação política, nosso que fazer enquanto organização de massa, numa construção contínua, que seja capaz de reunir produção, comida saudável e mercado, sob a orientação do socialismo, ou ficaremos atrofiados sob a orientação de um discurso bonito e sem viço.

Nossos grupos de base precisam ser células de referência, capazes de expressar a produção agroecológica, identidade territorial/cultural, respeito às diferenças, o sentimento de justiça, de partilha e de orientação político ideológica. O grupo de base não é um lugar para aprender novas técnicas de produção, ter acesso à moradia e outras conquistas do movimento, mas um espaço onde aprendemos a nos reinventar, a parecer diferente na foto, ou seja, visualizando bem o mundo que queremos.







# PRINCÍPIOS E VALORES HISTÓRICOS DA COMUNIDADE CAMPONESA

As comunidades camponesas se constituíram e se afirmaram ao entorno de alguns eixos fundamentais que não podem escapar a nossa compreensão. Queremos, doravante, focar os principais eixos que, historicamente, configuraram a constelação ética, social, cultural, política e econômica da comunidade camponesa.

O primeiro eixo é a terra enquanto espaço de produção e sustentação da vida. Por não se verem dentro da lógica capitalista de produção e de mercado, as comunidades camponesas nunca primaram por ter muita terra, mas áreas pequenas e bem cuidadas. E o cuidar bem significa ter o máximo de variedades cultivadas e uma renda satisfatória para a família. Ou seja, pouco acesso a farmácia por ter muitas plantas medicinais no entorno da casa, da oca, ter vários tipos de alimentos e pouco acesso ao mercado.

Faz o manejo da floresta para não precisar comprar madeira para garantir as estruturas na propriedade. Aproveita bem os insumos produzidos pelos animais para não permitir o esgotamento do solo. Nesse sentido, a terra não se define como um espaço de produção de mercadorias, de commodities, mas como um território onde as famílias produzem e reproduzem seus valores, seus sentimentos e seus alimentos.

O segundo eixo diz respeito à conservação da base genética. As comunidades camponesas, que não se perderam em função da modernização da agricultura sabem da importância de fazer a seleção genética das sementes e dos sêmens. Sem uma boa colheita de sementes e sem boas técnicas de conservação, o alimento da família estaria comprometido. E, também preservar boas raças de galinhas, porcos, cabras, ovelhas e animais para a aragem do solo e transportar a produção. Creio que neste reino tão controlado pela agricultura capitalista, urgem desafios enormes para a Via Campesina e outras organizações inseridas neste horizonte.

O terceiro eixo diz respeito à produção de energia – o MPA levantou com profunda precisão o debate sobre produção de alimentos e energia. Até alguns anos passados, as famílias camponesas utiliza-





vam muito a energia dos animais para fazer o cultivo do solo. Além das boas juntas de animais que serviam no campo, as famílias eram grandes e assim podiam cultivar muitas variedades. No Nordeste, felizmente, ainda existem municípios onde todas as famílias ainda conservam seus carros de bois e bons cavalos para cuidar da terra.

O debate sobre produção de energias renováveis nos afirma que podemos avançar muito na construção de nossa autonomia.

# OUTROS ELEMENTOS CHAVES NO CAMPO DA PRODUÇÃO CAMPONESA

Sabemos que além do acesso à terra e água, são necessários outros elementos para que a família camponesa possa produzir: soberania genética (sementes, raças e mudas crioulas; Soberania Cultural (acesso ao conhecimento e afirmação da identidade cultural), controle dos sistemas de agro industrialização e mercado.

Não estamos falando aqui de modernização da agricultura, mas de políticas voltadas para a estruturação dos sistemas camponeses de produção, levando em conta as diversas realidades do campesinato brasileiro.

Não podemos pensar a produção camponesa divorciada de um plano de formação. Fala-se muito em agroecologia, em sistemas de produção sustentáveis, mas, na prática, como fazer isso acontecer dentro dos aspectos sociais, culturais, econômicos e ambientais?

#### O MPA E SUAS LUTAS

Quando, dentro do MPA, nasceu a ideia de sair de uma pauta reivindicativa, mais econômica, para uma pauta mais política, ou seja, uma pauta que fosse capaz de oferecer ao movimento uma visão mais ampla, mais profunda a respeito do campesinato brasileiro, as pautas pontuais tinham importância, mas não estavam ganhando visibilidade política pelo fato de não sabermos o que são os diversos modos de vida que configuram o campesinato.







Como, por exemplo, apresentar ao governo uma pauta sobre investimentos ou uma política pública de crédito para os pequenos agricultores sem o conhecimento de como se encontra o campesinato no Brasil, suas reais condições de vida — o que está produzindo, como está produzindo e se reproduzindo. O MPA, por se afirmar um movimento de pequenos agricultores, não tinha uma radiografia cultural, social, econômica e política do campo. Nem do campesinato e nem do agronegócio.

A falta de visibilidade e de compreensão dos próprios sujeitos camponeses, de não se verem realmente como são no campo e dentro da sociedade como um todo, garantiu ao inimigo as condições para seguir dominando há mais de quinhentos anos.

Doravante, os estudos que foram feitos em parceria com a Universidade, dando origem a coletânea de livros da História Social do Campesinato-HSC, nos pautam para sermos mais ousados nas formas de organizar as nossas lutas políticas e econômicas. Entendemos que não podíamos mais ficar apresentando uma pauta fragmentada

Os debates construídos ao entorno da elaboração da HSC e do modo como historicamente o Estado e os governos tratam a agricultura camponesa, nos municiam para aprofundar o entendimento dos dois modelos de agricultura. De um lado a agricultura camponesa, constituída por milhões de pequenos agricultores e com modos de vida (identidades) diferentes, produzindo comida para o povo brasileiro. De outro, o agronegócio produzindo commodities e não alimentos para o mercado externo.

Diante dessa compreensão da realidade, dos dois modelos em debate, percebemos que não podemos continuar olhando para produção a partir dela mesma, mas de um conjunto de fatores que se configuram no campo da produção. O crédito, a formação, o mercado, os instrumentos jurídicos e os arranjos produtivos devem estar a serviço de uma orientação política no campo da produção. Podemos ter muita formação e muito investimento e não dar passos.

O avanço do modelo de produção comandado pelas corporações que controlam o capital, revestido de agronegócio, continua violentando comunidades camponesas, seus modos de vida tradicionais, apropriando-se dos bens da natureza, enfim, fazendo aumentar





a fome e a miséria no mundo. A modernização da agricultura, por meio da Revolução Verde, nada mais é que um grande engodo.

Do ponto de vista do volume da produção houve aumento, mas exigiu muito investimento tecnológico controlado por poucas corporações e que não permitiu fazer que a produção chegasse até o povo. Sem contar que esse aumento contribuiu e continua contribuindo para o crescimento da erosão genética, enfim, para a destruição de grande parcela da agro biodiversidade. Milhões de famílias tiveram que migrar para os espaços urbanos onde também foram deterioradas pela destruição de suas culturas, de seus modos de vida.

Quando o objetivo da produção é o lucro e não a soberania alimentar, a segurança alimentar pode aumentar significativamente a produção e não resolver o problema da fome no mundo. O capital, para garantir preços altos, obter mais ganhos, armazena, deixa apodrecer ou queima a produção.

Quem precisa ter o controle da produção são as comunidades camponesas. São elas quem deve fazer a produção chegar até aos consumidores da cidade. Cabe ao Estado ajudar fazer essa mediação, não permitindo que grandes corporações detenham o mando do mercado.

Sabemos que é possível a produção de comida nas regiões onde chove pouco e somente durante certo período do ano, como nas regiões de semiárido. O semiárido brasileiro é o que mais chove no planeta, portanto existem outras regiões no mundo onde a chuva é bem mais escassa, podemos citar como exemplo a Palestina, Israel, Egito. Nestas regiões, os camponeses conseguiram construir experiências (conhecimentos) de convivência com este tipo de clima, não permitindo faltar o alimento.

No Brasil, por questões diversas, as construções de experiências de convivência com o semiárido foram impedidas de avançar. Podemos citar as ações violentas das elites agrárias, inclusive com o apoio do estado. As experiências de canudos, sertão da Bahia, foram brutalizadas pelas elites que viam naquelas experiências de vida um atentado à ordem imposta pelo Estado. Podemos afirmar, enfim, que ainda hoje todas as lutas camponesas que buscam cons-







truir suas autonomias são retalhadas pelas forças opressivas sustentadas pela lógica do agronegócio.

A Revolução Verde nada mais foi que a negação e apropriação dos conhecimentos camponeses por parte das elites organizadas através de suas corporações com o apoio do estado. A modernização da agricultura deu legitimidade ideológica dentro dos processos produtivos. As comunidades camponesas foram impedidas de continuarem se afirmando por meio de seus sistemas produtivos. O semiárido brasileiro é um exemplo, um exemplo bem claro.

O Estado Nacional, com o apoio das grandes corporações que controlam o capital, vem contribuindo largamente para submeter as comunidades camponesas aos interesses das classes dominantes. A distribuição de sementes é um exemplo claro. Ao invés de revigorar os conhecimentos tradicionais motivando as famílias camponesas a produzirem suas sementes, distribui variedades estranhas sem nem mesmo explicar a origem das sementes.

O fato de as comunidades camponesas não terem mais a autonomia de tomar decisões sobre o que é importante produzir, e até mesmo os próprios países, está cada vez mais difícil garantir a continuidade de sistemas produtivos nas comunidades tradicionais camponesas. As decisões sobre o que deve ser produzido o mundo estão cada vez mais a cargo das grandes corporações que controlam a produção de insumos e maquinários e da Organização Mundial do Comércio.

As políticas de investimentos dos governos nacionais são pensadas conforme a lógica do mercado definido pelas elites das grandes corporações do mercado de alimentos.

Além deste controle por parte do capital sobre o que se deve produzir e como produzir, tem outro grande problema que é a padronização dos alimentos. A diversidade culinária está dando lugar ao padrão alimentar definido pelo mercado de alimentos.

Como romper com a política dos oligopólios da produção e do mercado de alimentos? Não será fazendo agroecologia por fazer ou por achar que é bonito produzir sem impactar o meio ambiente. O rompimento ou a corrosão do modelo em vigor com todas as suas perversidades requer a construção de um novo modo de fazer agri-





cultura, sustentada por outra visão ou compreensão de mundo e de ser humano. Acontecerá, necessariamente, por decisões políticas que têm como objeto a negação daquilo que está dado e, ao mesmo tempo, pela construção e legitimação de conhecimentos por parte das comunidades camponesas, enquanto afirmam a construção do poder popular.











**(** 



# CAPÍTULO III: A EDUCAÇÃO PARA AÇÃO CAMPONESA

#### A ESCOLA E A IDENTIDADE HUMANA

Quando um povo encontra-se solto, sem referência, sem rumo e quando aparece como transitório, passageiro, certamente tem alguma coisa que precisa ser repensada. Imagine, por exemplo, a situação de grande parcela da juventude, que não é motivada para ser parte efetiva de um projeto de sociedade, mas é motivada para ser plateia, para ser consumidora dos supérfluos do mercado que visualiza muito bem todos os dias através da mídia. Deste jeito, a juventude acaba se vendo nas coisas que são apresentadas para ela e não a partir de outro projeto de ser humano, de teoria de conhecimento que busque explicitar seus sentimentos.

Em função disto ela acaba se desbotando, perdendo o brilho nos olhos, não conseguindo mirar o horizonte. Perdida, sem rumo político, sem uma sustentação ideológica de outra compreensão de mundo, acaba buscando o estudo como uma forma para poder servir melhor ao sistema capitalista. Assim, resta ir assumindo-se os vícios da dominação da sociedade burguesa, ou seja, estar sempre na moda, conforme a lógica imposta pela prática do consumo. Quando o acesso aos supérfluos fica impossível, restam os caminhos da violência, da prostituição e das drogas, os melhores meios para conseguir o acesso aos objetos de desejo que são apresentados todos os dias pela sociedade de consumo.

Outro instrumento que a sociedade burguesa apresenta como saída, como uma espécie de anestésico para ludibriar os sentimentos que são impedidos de se afirmarem como sujeito libertário, é o que podemos chamar de fundamentalismo religioso. Este se apresenta por meio dos dogmas, de afirmações alheias à realidade concreta, sem capacidade de oferecer ao ser humano uma visão transcendental da realidade, sem mística, reduzindo o Criador numa espécie de fetiche individual, onde buscam esconder nele suas dores. Reduz-se, desta forma, o processo de luta de salvação da humanidade, salvando a biosfera (terra, água, ar, plantas, sementes...) à corrida contínua na









busca, a todo custo, de salvar-se a si mesmo, como se tudo estivesse reduzido ao mundo individual. Não conseguindo respostas por este caminho, adentra pelo caminho das drogas, do sexo comercializado, da violência na busca de atender a demanda imposta pela racionalidade burguesa - a competição, o dinheiro, o crescer na vida a todo custo, mesmo sabendo que isso nunca será possível.

As escolas se transformaram em espaços onde os assuntos apresentados não escapam à orla do sistema. Meninos e meninas, rapazes e moças aprendem a lição de como crescer na vida. Não se cria, por meio do debate, outro referencial de mundo, não se explicita para a juventude as contradições do sistema, não são feitas leituras dos grandes clássicos da sociologia, da antropologia, das ciências políticas, das ciências econômicas, da história do próprio lugar onde vive.

Os estudantes acabam saindo da escola preparados para atender ao sistema. Noutras palavras: sem condições de propor, de construir um debate que produza outro referencial de vida, de sociedade, de mundo. Não aprendem a ler o mundo por dentro, ver seu interior, perceber como funcionam as coisas, como são a correlação de forças no interior da sociedade.

Os estudantes são imbuídos com o que podemos chamar de palavrório sem viço, sem rumo, sem fundamento político. Usam certas terminologias que foram inculcadas de cima para baixo. A leitura de mundo, que é anterior a leitura da palavra, que leva para a sala de aula, não é respeitada e nem transformada em conteúdo de debate para contribuir para o processo de elaboração de conteúdos importantes para a vida.

A primeira coisa que a escola deveria trazer à tona e fazer ganhar significado na feição dos estudantes são a identidade humana de como a comunidade de onde eles estão vindos se fez e se apresenta no sentimento de cada pessoa. Como, no interior da comunidade onde vivo, dão-se as contradições culturais, políticas e econômicas. Como conjugar a constelação do tecido sócio histórico da comunidade com o conjunto da sociedade. Estas questões fundamentais não fazem parte do debate educativo, da prática da aprendizagem.

Como, então, produzir outro sentimento de vida, fazer o brilho aparecer nos olhos e despertar a juventude para a luta. Pois se não





me envolvo com a realidade, não faço, por meio do debate, aparecer tudo o que está escondido aos meus olhos, não me transforma em sujeito transformador da sociedade, não passo a fazer parte da luta. Fico na janela olhando o povo passar.

#### O CAMPO DA EDUCAÇÃO DO CAMPO

Palestra proferida durante o "I Encontro do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária na Região Sudeste", realizado nos dias 29 de setembro e 1º de outubro de 2004, em Vitória – ES.

Quero iniciar minha fala, colocando à disposição de vocês alguns fatos que marcam o nosso cotidiano. Entendemos que as diferentes situações que estamos vivendo precisam ser decifradas, reveladas e compreendidas à luz das contradições dentro do contexto da sociedade, principalmente nas entranhas do tecido social do campo, onde imperam as vozes da União Democrática Ruralista (UDR), Associação Brasileira do Agronegócio (ABAG) e os prefeitos coronéis de grande parte dos pequenos municípios.

No campo da educação do campo tem muitos campos bem demarcados, onde poucos dão as regras do jogo. São os campos minados pelo agronegócio, pelo ecoturismo, pelo agroturismo, pelos transgênicos, pelas cercas do latifúndio, pelas multinacionais (Monsanto, Novartis, Basf...) enfim, são territórios onde se afirmam os interesses das exportações, da terra como espaço de negócio apenas, da negação do ócio, do encantamento.

Nestes campos não tem escolas, não tem festas, não têm biodiversidade, não tem sentimento, não tem a manifestação da terra porque fizeram dela o negócio do agronegócio. Nestes campos não são cultivados valores, nem sementes crioulas, nem seres humanos. São campos das multinacionais, dos desertos verdes do eucalipto, da soja, do algodão, da cana-de-açúcar. São os campos onde está a grande escola do capitalismo fazendo propagandas dos agrotóxicos, vendendo e ensinando como devem ser aplicados.

Observe bem uma pequena aula sobre uso de agrotóxicos, ministrada pela escola das multinacionais: "depois de aplicado o pro-





duto químico na natureza, deixando-a bem envenenada, lave bem as embalagens e devolva-as ao mercado".

Veja outra situação, na escola dos camponeses: ao arrancar os pés de eucalipto das terras que a Multinacional Aracruz Celulose - (ARACRUZ) tomou conta, um camponês já com seus setenta anos de idade, assim se expressou: "não estou simplesmente arrancando a muda de eucalipto da terra, mas estou arrancando a empresa, o inimigo que está se apropriando de nossa terra, da terra que é para produzir comida, liberdade."

A terra, que nos é dada como herança, não pode ser transformada em terra de negócio. Nesta fala, este camponês revela seu sentimento de autonomia, de liberdade. Compreende que é defrontando-se com o inimigo, com aquele que impede nosso jeito de ser, que nos cerca com a escola do medo, que a gente passa a revelar nosso sentimento de liberdade, de camponeses livres.

Outra coisa que me chamou a atenção foi, quando, nestes dias, fiz uma visita a uma escola pública na periferia da cidade de Colatina, Norte do Espírito Santo. Senti, de imediato, que a escola não tinha nenhuma feição de escola, de espaço onde se faz a reflexão sobre nossa vida. Os estudantes das comunidades camponesas não podem se manifestar como gente, com seus valores, como suas identidades, pelo contrário, são vistos como atrasados, como uma espécie de ridículo, de aversão ao "moderno". Como ancestralidades que precisam ser enquadradas nos códigos da modernidade. Precisam ser incorporados pelo paradigma do mercado moderno.

Todos nós nascemos com luz própria. Acontece que a escola nos tira da educação, da vida, das fontes que geram luz, que geram conhecimentos — a natureza - e luta para apagar a luz que está dentro de cada um de nós. E a gente só revela os conhecimentos quando tem luz própria. Não é à toa que a palavra educação significa revelar o que está escondido, o que é impedido aparecer, de ter visibilidade. Significa fazer a imagem aparecer, o humano se assumir como húmus, como significado que expressa a autonomia do plantar, colher, ou seja, estar presente, atuando, sendo referência na construção do diferente.

O que mais me assusta, nas visitas às comunidades camponesas, são as reclamações dos camponeses e das camponesas sobre os





conhecimentos e sabedorias que desapareceram e não são mais exercitados. Como produzir e reproduzir as condições materiais, quando não sabemos mais quem somos e como devemos agir?

Queremos uma escola que seja realmente um instrumento que ajude a educação do campo acontecer, revelando os conhecimentos das comunidades camponesas. O que a escola do campo vem fazendo é o que podemos chamar de negação dos saberes produzidos pelas comunidades da terra, das significações identitárias e representações simbólicas dos diferentes sujeitos sociais. Até o início dos anos setenta, os povos da terra eram muito mais autônomos quanto, ao seu modo, produziam e reproduziam seus valores, suas sementes, suas técnicas e seus filhos e filhas. Não compravam quase nada lá no mercado. Nestes últimos anos, depois que modernizaram os modos de viver, tornaram-se mais dependentes dos bancos, do mercado e dos conhecimentos.

As crianças passaram a ter medo da natureza, dos bichos, enfim, foram educadas como algo separado e não como parte da natureza, sem os sentimentos da natureza. Assim disse Dona Anelita Pinheiro: "as crianças de hoje são bem diferentes das crianças de antigamente, não conhecem nada. Não sabem fazer um carrinho de mão, uma canga, um canzil, construir tulhas e casas, nem sabem colher sementes, nem as preservar, nem conhecem as fases da lua, nem suas influências na vida das plantas não sabem quando a garapa atinge o ponto para virar rapadura, não ousam ouvir os mais idosos. "elas foram tiradas da educação da família e colocadas na escola para aprender a desrespeitar os conhecimentos dos mais velhos." É isso mesmo, Dona Anelita, se um povo perde sua sabedoria, seus modos de observar a terra, as plantas, os pássaros e todos os seus conhecimentos, vira escravo. Fica dependente dos conhecimentos dos doutores.

Depois da Segunda Guerra, todos aqueles que ganharam muito dinheiro com a guerra, vendendo armas para matar gente, inventaram outras coisas para acabar com tantos modos de vida e tantos saberes. Eles inventaram a Revolução Verde, o bebê Johnson, a Aliança para o Progresso, a peste suína, os agroquímicos e agrotóxicos, as sementes híbridas, medicamentos, os plastificados e os enlatados. Disseram-nos que somente os conhecimentos produzidos nas academias são corretos, são dignos de provas científicas.







Acorrentaram nossos saberes. Tudo veio de fora, do mercado, inclusive a educação. Veio em forma de pacote, dizendo o que é certo e o que é errado. A professora da cidade, sem cheiro da terra, sem o perfume da flor, sem jeito de entender menino do mato, que trilha por entre as grotas, que trepa nas árvores, só ensina coisas da cidade. E as crianças, para não deixar a professora triste, fingem que aprendem. O processo de ler e escrever, que na verdade, significa ver e apreender o mundo, o jeito como os bichos se comportam, como os humanos tecem a vida e decifram os enigmas da natureza, transformou-se num instrumento de dominação, de negação da mística civil de domesticação.

### A EDUCAÇÃO VEM DE BERÇO, ASSIM DIZIAM NOSSOS PAIS

Assim nossos pais nos contaram: quantas vezes, ao entorno da fogueira, assando milho verde, batata e aipim, que a educação vem de berço. Saboreando os produtos da terra, nossos pais nos alegravam contando estórias, histórias e causos. Falavam das plantas e dos animais. Estas coisas fazem bem para a alma. Era uma verdadeira espiritualidade que brotava das frestas da terra e se misturava com o orvalho da noite, com as vozes dos poetas mortos refletidas nos sentimentos da natureza.

Estas coisas, que ressoavam no fundo do coração, não eram apenas lembranças, más recordações. Tem uma diferença enorme entre lembrança e recordação. Lembrar significa trazer à tona uma série de informações, de dados, enquanto que recordar (re-cordis) significa trazer o coração de volta, trazer o amor que ficou esquecido, a poesia, a voz dos revolucionários. Trazer a memória da terra, das lutas, das sabedorias.

Quando um povo perde a capacidade de recordar, de recontar sua história, de despertar na vida dos mais novos os sentimentos das lutas, de alimentar continuamente o gosto de estar bebendo água no poço da vida, corre o risco de se perder. Por isso que a palavra recordar significa fazer aparecer o que estava escondido no coração, desembaçar a imagem que está proibida de aparecer e se apresentar, de ser identidade.





E, para não deixar o coração ser livre, expressar o que sente, as escolas ficam entulhando o sentimento humano com um montão de informações que não dizem nada. Ensina de fora para dentro e não de dentro para fora. E, não lendo a vida por dentro, os estudantes ficam alienados.

# QUANDO AS MÁQUINAS IMPEDEM QUE AS MÃOS **TOQUEM AS SEMENTES**

Era menino e acompanhava meu pai pelos campos fazendo as colheitas das espigas de milho, ou de feijão, ou de arroz... Esse processo de aprendizado por meio da convivência, da observação se dava desde a infância. Hoje, essa prática está acabando. As crianças camponesas estão sendo proibidas de participar deste processo de produção de conhecimento. O estar presente na terra observando o comportamento dos animais, dos insetos e do tempo que sempre fez parte do cotidiano do campesinato, significa a garantia dos conhecimentos, e sua continuidade.

As mãos, que antes tocavam e sentiam as espigas, que as colhiam para o alimento e para guardar e plantar no ano seguinte, agora são colhidas pela máquina. As relações diárias com a natureza eram marcadas por aprendizados importantes. Os mais velhos iam explicando os valores de cada planta aos filhos e filhas. Seus valores medicinais e veterinários. O valor de cada planta para conservar milho, feijão e outras sementes. As máquinas, as monoculturas e as dependências das tecnologias produzidas pelas classes dominantes estão destruindo as sabedorias e os conhecimentos das comunidades da terra.

As escolas não produzem consciência porque bloqueiam os processos e os sentimentos coletivos de produção de conhecimentos. As escolas acabam individualizando as crianças e impondo-lhes os conhecimentos das classes dominantes. As crianças são descontextualizadas e extraídas de suas identidades históricas, não mais afirmadas como partes de um processo de produção e reprodução





das condições materiais e subjetivas necessárias para a vida de cada comunidade camponesa.

A escola, ao se afirmar como um instrumento de poder das elites, das relações modernas, passa a olhar para o campo, para os modos de vida dos camponeses, como sentimentos atrasados, como não cultura, como modos de vida não convenientes, ultrapassados, que escapam às demandas do mundo moderno. Desde os anos trinta, Monteiro Lobato nos legitimou no sentido de que ser gente do campo, ser camponês, significa ser atrasado, fora do mundo. Daí o estudar para deixar de "ser camponês, de ser jeca, para sair da roça" e servir aos interesses dos ditos urbanizados e das elites.

Cabe à educação do campo se afirmar como um instrumento para ver o campo não somente como um território geográfico, como um espaço físico. Mas, acima de tudo, como território humano, cultural, onde se cultiva valores, gente que pensa a partir de sua realidade, de seus sentimentos. Um campo feito de agronegócio, de máquinas pesadas, de fanfarras, sem diversidades, cheio de produtos sem cheiro do mato, de calor humano, sem feição de roça, é um campo morto.

Quando falamos em educação do campo, estamos falando da reforma agrária, da construção de um novo sentimento de natureza, de biodiversidade, da inserção do debate sobre cultura, sobre sementes, produção e feiras. Estamos reafirmando que é preciso fazer uma leitura político-pedagógica, econômica, cultural a partir da terra e das contradições que estão postas dentro da lógica neoliberal. Sabemos que não é possível entender o campo sem entender a cidade. Isto por uma razão muito simples: hoje, quem decide os rumos do campo é a cidade. Não é o campo quem decide sobre o transporte escolar, nem sobre a merenda, o material didático, o fechamento ou não de uma determinada escola, enfim, o campo é pensado a partir do entendimento que o urbano tem dele.

É o campo, tecido pelos seus diferentes sujeitos (camponeses, quilombolas, mulheres quebradeiras de babaçu, ribeirinhos, caiçaras, fundos de pasto, faxinalenses, extrativistas etc.) e suas diferentes identidades e imaginários, quem deve decidir o que produzir e como fazer a produção chegar ao consumidor.







#### A CONSCIÊNCIA CAMPONESA

Quando falamos que este ou aquele povo é um povo consciente, sabe o que quer e não se rende aos interesses dos outros, estamos afirmando que este ou aquele povo tem consciência, autonomia e responsabilidade. Somente um povo que se produz e se reproduz, que reinventa seu projeto de vida, a partir de seus conhecimentos, pode se afirmar como identidade social, como sujeito político.

Consciência, neste sentido, significa produzir ciência em mutirão. Coletivamente. Quando um povo não consegue mais dar sentido à existência a partir de sua própria compreensão de mundo, acaba se transformando em rasgos, em pedaços desbotados, não se visualizando como povo. Podemos dizer que as comunidades camponesas, no Ocidente, foram deixando de produzir tecnologias e saberes, para consumir tecnologias produzidas pelas elites. Sendo que grande parte destas tecnologias não são convenientes para boa parte dos solos e climas, causando, desta forma, prejuízos ambientais e culturais incalculáveis. Foi dado ao campo um tratamento incompatível com a sua natureza.

Os territórios camponeses são feitos de sujeitos camponeses com diferenças enormes, com leituras de mundo completamente diferentes. O modelo de tecnologia aplicado não levou isso em consideração. Passou o rodo e nivelou tudo ao bel prazer dos interesses do capital. A transgenia é um exemplo. Estamos com a implantação de tecnologias alheias às comunidades, destruindo o jeito histórico de construir e exercitar os conhecimentos acumulados pelos camponeses e camponesas. A autonomia e a soberania de um povo residem na sua capacidade de produzir e de reproduzir seus valores materiais e seus sentimentos simbólicos, expressando essas coisas por meio de representações - o que podemos chamar de mística civil.

A mística civil se impõe por meio da produção de valores, de conhecimentos técnicos, de simbologias e de gente. É por meio deste processo de cultivo da consciência, da produção e reprodução dos saberes e técnicas que fazem o imaginário comunitário, que o sujeito social, seja ele quilombola, ribeirinho, catingueiro etc. sente-se com autoridade, transcendência, superação.







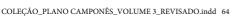
O fato de as escolas não estabelecerem diálogo com a realidade, com os símbolos que representam a vida da comunidade, não reconhecendo os conhecimentos que fazem parte do acúmulo histórico da comunidade, acabam servindo como instrumento para apagar a luz de cada indivíduo. Quando a escola nos individualiza, nos fragmenta e nos reduz a reprodutores e repetidores dos símbolos burgueses, deixamos de sermos indivíduos. Só é gente quem cultiva valores, quem cultiva sementes e quem cultiva gente, porque a terra nos cultiva e nós cultivamos a terra.

#### "ESTUDE PARA DEIXAR O CABO DA ENXADA"

A escola é espaço da reflexão a partir da leitura de mundo, da observação das coisas, da pesquisa e da sistematização. É o espaço da produção de sentimentos, de sujeitos, da inserção das pessoas no mundo. É o espaço onde a *res cogitans* e a *res extensa* se afirmam como processo de humanização. Cabe à escola fomentar nas pessoas o sentimento de que elas são natureza. A escola cartesiana fez a separação entre natureza e razão, e hoje motiva os filhos e as filhas dos camponeses e das camponesas para que deixem a terra. Mostra a relação com a terra como algo atrasado.

O campo é visto como o lugar feio, sem as "coisas modernas" e a cidade como o moderno, o lugar onde está o conhecimento. Essa dicotomia é profundamente perigosa. Na cidade, os excluídos da terra, dos roçados, das rodas de cultura camponesa são transformados em desbotados, em gente sem raiz que não consegue cultivar mais nada. Deixam de ser camponeses, de lidar com a natureza, com as plantas, com os conhecimentos proporcionados por meio da relação direta com seus mundos culturais, para lidar com armas, com drogas. Deixam de ser comunidade para se esconder no individualismo ou em religiões que são válvulas de escape.

Neste sentido, quando o campo levanta a bandeira exigindo uma política pública de educação do campo, que insere e contemple) em seus conteúdos e metodologias o campo que queremos e os camponeses e camponesas que queremos, estamos, ao mesmo tempo, afirmando que é preciso pensar o campo não somente a partir







do campo, mas do conjunto de relações que nos envolvem. Mudar o campo exige, também, mudar a cidade. Campo e cidade não podem ser vistos como inimigos e antagônicos, mas como espaços de humanização por meio de suas diferentes culturas e dos sentimentos que se aproximam.

O campo do agronegócio, por exemplo, não faz bem para o campo e nem para a cidade. A produção do agronegócio é para exportar, além de mandar as pessoas do campo para a cidade. Então, neste sentido, somente o campo com gente, e com gente produzindo para a cidade e para exportar o excedente é que serve para o Brasil. Quanto mais gente fica na roça, melhor para a cidade. Mas, sem uma escola que ajude a fazer essa reflexão, a organizar os conhecimentos do campo, não vamos ter campo com gente, com muita vida.

# A EDUCAÇÃO PENSADA A PARTIR DAS ELITES

Os teóricos do modelo neoliberal anunciaram aos quatro cantos do planeta que a agricultura camponesa estava fadada a desaparecer pelo fato de não ser capaz de concorrer com a agricultura moderna, com a lógica da produção em larga escala. Dizem os defensores do neoliberalismo que o mundo não precisa de muitos agricultores, mas de agricultores que respondam à lógica do agronegócio. Os pequenos, automaticamente serão excluídos pelas relações de competitividade.

O que fazer, então, com essa multidão de excluídos da terra, de suas comunidades? Grande parte dos camponeses viverá de ajudas, dos sistemas de cestas básicas, comendo alimentos de péssima qualidade. Outra parte será absorvida pelos grandes empreendimentos no campo. Não é à toa que os grandes investimentos do capitalismo neoliberal estão pensados para as regiões onde mais da metade da população não consome os produtos do ocidente: Índia, China e Oriente Médio. O campesinato é a metade da população do mundo e precisa ser consumidora dos supérfluos do capitalismo. Mas, para desmobiliza-lo, desarticular suas tradições, sentimentos e valores, é preciso afastá-los da terra. A identidade camponesa se afirma na relação com







a terra, ela se cultiva cultivando a terra, os valores, as sementes e as relações com a comunidade.

# OS CAMINHOS PARA UMA EDUCAÇÃO CAMPONESA

Brasil - quando se coloca o problema da educação do campo, grande parte de nossos governantes, secretarias de educação e intelectuais que se dizem pensantes da educação, partem do princípio de que os grandes desafios estão na falta de estrutura, de professores preparados, de transporte escolar adequado, de material didático-pedagógico.

O grande desafio, na verdade, é a mudança do modelo de educação presente no campo. A escola que temos no campo não prepara as crianças nem para o mundo urbano e nem para o mundo do campo - com suas diferentes expressões culturais, de organizar a vida e de convivência. Mas para serem subservientes à lógica do capitalismo, para serem explorados, espoliados e nada mais.

Enquanto as escolas agrotécnicas e os cursos de agronomia preparam jovens, quase todos oriundos do campo, para servirem as multinacionais e as regras do agronegócio, o que resta da educação no campo desenvolve-se como uma espécie de desaprovação do conjunto de sentimento sociocultural da comunidade camponesa. Não se mostra ou não se visualiza nas escolas camponesas, as contradições presentes entre os que se afirmam donos das terras e os explorados nas relações do capital trabalho. Impôs-se aos trabalhadores do campo uma visão de campo puramente capitalista: ou se produz e se reproduz a agricultura baseada no uso intensivo de fertilizantes químicos, de máquinas pesadas, agroexportadora, com muita terra a disposição e mão-de-obra especializada e não especializada, ou então não tem agricultura sustentável — é o que a mídia mostra todos os dias.

Fazer a Reforma Agrária e organizar outro modo de vida no campo, com políticas públicas voltadas para os desafios impostos pelas diferentes realidades culturais presentes nos diferentes sujeitos camponeses, são significados sociais e culturais que fogem a lógica do mercado neoliberal.







Esse caminho não é moderno, nem produz patrão e empregado, não trabalha com máquinas pesadas, não compra muitas sementes, nem insumos, não favorece a concentração da terra, não cria impactos ambientais graves, autonomia nas pessoas e nem ajuda o desenvolvimento de pesquisas nas pequenas propriedades, enfim, gera apenas grandes negócios para grandes empresários da terra.

O capitalismo sabe que transformar o campo em outro espaço de convivência humana, de produção, de intercambio, de gestação de outros sentimentos ambientais e reinvenção de outros valores, exige acabar com a expropriação e exploração da natureza. Negar esse modelo significa contrapor o agronegócio, os interesses das multinacionais, as políticas de preços, de commodities da famigerada Organização Mundial do Comércio. Significa mexer na racionalidade puramente burguesa e esclerosada do capitalismo.

A política que sustenta o agronegócio não tem coração, nem sentimento. Tudo é movido por meio do dinheiro, de mentiras, de mitos, de números que formam verdadeiras constelações de relações abstratas, longe dos impactos sociais, culturais e ambientais que ficaram para trás. Ao colocarmos, com certa urgência, a necessidade de um projeto político-pedagógico de educação do campo, afirmado por uma política pública que busque realmente expressar a realidade camponesa, não podemos esquecer o acúmulo de experiências de Educação Popular, construídas e acumuladas a partir do final dos anos 60, principalmente por parte das Comunidades Eclesiais de Base.

Foi exatamente no interior destas comunidades que milhões de camponeses vivenciaram experiências de Educação Popular, onde muita gente aprendeu a ler e escrever a partir das lendas dos povos, leituras de mundo das famílias camponesas. Entendemos que é preciso desentulhar todas as experiências que foram registradas e engavetadas, e transformá-las em referenciais para o projeto de educação do campo que estamos construindo. Fazem parte deste patrimônio, as pedagogias que buscaram incluir o ser humano como sujeito e que muito contribuíram nas trocas de saberes entre trabalhadores e trabalhadoras.

O Brasil precisa dar-se ao trabalho de reconhecer seu profundo descaso em relação ao saber popular camponês. Saberes profundos





que se originaram de nossas três matrizes socioculturais: afro, indígena e europeu. Estes saberes estão alicerçando continuamente o processo de construção do existir do povo brasileiro. Eles aparecem em festas populares, na agricultura, no uso de plantas medicinais em tratamentos de doenças, nos conhecimentos matemáticos e químicos que aparecem nas formas de plantios, nas observações das fases da lua, no ceifar e no guardar os produtos e nos tempos de cada plantio. Não se pensou, infelizmente, uma política de educação, nem linhas pedagógicas que respeitem estes saberes e aproximem de outros saberes.

Entendemos o processo educativo como um conjunto de ações pedagógicas, de organizações curriculares desde o ensino infantil ao ensino superior, envolvendo todos os responsáveis pela construção deste novo ser humano camponês. A luta pela terra requer de nós uma política pedagógica que ajude o campesinato a garantir tudo o que foi acumulado em seus imaginários, nas frestas lendárias onde os saberes se afirmam como identidade e como legado histórico.

#### **EDUCAÇÃO POPULAR**

Nos anos setenta e oitenta ficou muito visível na caminhada dos movimentos populares a importância da Educação Popular como uma ferramenta política/pedagógica. Surgiram, nesta época, muitas organizações voltadas para a prática da Educação Popular, que, além de elaborar materiais destinados aos movimentos sociais, sindicatos, comunidades eclesiais de base, pastorais, faziam-se presentes nas lutas concretas.

Entre estes centros de Educação Popular, estão o Centro de Estudo e Trabalho - CET em Minas Gerais; o Centro de Estudos Bíblicos - CEBI, em Minas Gerais; o Centro Comunicação e Educação Popular do Espírito Santo – CECOPES; o Centro de Pastoral Vergueiro - CPV e o Centro de Educação Popular do Instituto Sedes Sapientiae – CEPIS em São Paulo. Além destes centros específicos, havia a produção de estudos e debates das dioceses, a Comissão Pastoral da Terra - CPT; a Comissão Pastoral dos Pescadores – CPP; o Centro Indigenista Missionário – CIMI e as pastorais em geral (juventude, social, das migrações etc.).







Foram produzidos os mais diferentes materiais como panfletos, cartilhas, jornais, audiovisuais, filmes, músicas, poesias, teatros. É interessante observar como as Comunidades Eclesiais de Base, os grupos de jovens e os movimentos sociais em geral produziam teatros e cantos populares, poesias e outros meios que muito contribuíram no avanço da consciência e da luta do povo a partir da realidade de cada lugar.

Mas qual é mesmo o papel da Educação Popular? Não podemos dizer que a Educação Popular foi uma invenção recente. A Educação Popular sempre fez parte das grandes lutas importantes dos camponeses e das grandes revoluções que marcaram e continuam marcando nossa história. O povo Hebreu, por exemplo, tinha uma prática de Educação Popular importante. Moisés, por exemplo, para ajudar o povo Hebreu a se dar conta de como era explorado pelo Faraó, buscou apropriar-se da cultura do povo, construindo toda uma simbologia que reunia o povo em torno de seus objetivos. Contribuiu para que o povo pudesse ler as artimanhas nas formas como os Faraós agiam. As dez pragas, por exemplo, foram instrumentos pedagógicos populares utilizados pelo militante Moisés para despertar o povo e levá-lo a entender como se dava a dominação e como fazer para sair da submissão. Jesus Cristo, através das parábolas, despertou a curiosidade do povo. Por meio de uma linguagem indireta, de falas a partir da cultura do povo, Jesus conseguiu fazer com que as pessoas se dessem conta da forma como os partidos religiosos e políticos agiam e como se davam os grandes interesses do Império Romano.

Na Bíblia existem milhares de textos que nasceram a partir da prática de Educação Popular e que podem ser trabalhados nas nossas práticas populares. Nos anos setenta e oitenta foram muito utilizados por meio das CEBs e grupos populares.

É importante frisar que a Educação Popular não pode ser reduzida simplesmente à prática popular, ao jeito diferente de ajudar o povo se apropriar da realidade, de ver como as coisas das classes dominantes estão atravessadas na nossa cabeça. A Educação Popular é uma ferramenta revolucionária, que tem como papel fundamental despertar as pessoas, os oprimidos e as oprimidas não somente para a leitura da realidade, que é o ponto de partida, mas de ajudar as







pessoas a se reinventarem no dia-a-dia por meio de outro projeto de sociedade.

Acredito ser uma perda de tempo fazer Educação Popular fora de um projeto de sociedade. A Educação Popular é, podemos assim dizer, o combustível que alimenta o nosso plano estratégico, que dá viço à prática libertária. Quando o projeto de sociedade se desloca do povo, perde o sentimento da base, como está o sendo o caso do Partido dos Trabalhadores - PT, restam dois caminhos: ou a base retoma o projeto, dando brilho novamente, ou o abandona.

O trabalho de Educação Popular tem a missão de ir responsabilizando o povo, a classe trabalhadora, no sentido de assumir-se como sujeito político, revolucionário. Nenhuma revolução será feita por um iluminado, mas pela classe trabalhadora organizada. Se ela não interiorizar, assumir o sentimento de transformação da sociedade a partir de sua cultura, de seus desafios, com certeza, não haverá revolução.

A ação da Educação Popular, no processo de construção do projeto libertário, tem como objetivo a criação de simbologias políticas capazes de unir a classe trabalhadora ao entorno de seu projeto.

Neste sentido, a ação política desenvolvida pela Educação Popular, além de ajudar o povo a ver-se diante da realidade, desvendar e decifrar os enigmas e visualizar as contradições - tem a grande missão de ajudar a classe trabalhadora a visualizar-se lá na frente, criar o sentimento de superação e de elaboração em outro modo de vida. Noutras palavras, a ação da Educação Popular que se materializa no dia-a-dia, dentro dos movimentos sociais, deve desembocar na ferramenta política capaz de conduzir, de orientar a classe trabalhadora rumo à nova sociedade. Partindo deste princípio, toda e qualquer ação realizada pelos movimentos sociais libertários, deve carregar o sentimento de negação do atual modelo.

# EDUCAÇÃO POPULAR E CULTURA POPULAR

Quando falamos em Educação Popular não estamos falando em educação para todos, mas num instrumento de educação que faz parte de um projeto de sociedade, e que trabalha a formação da consciência a partir da cultura do povo, do sentimento popular.





O educador ou a educadora popular não é aquele ou aquela que ajuda o povo ou a comunidade onde trabalha, afirma-se como sujeito libertário. Para isso, precisa beber constantemente no poço do povo sem aceitar tudo o que o povo faz como certo. A missão do educador popular é a de aprender com o povo e, ao mesmo tempo, ajudar a produzir questionamentos sobre a forma como o capitalismo cria certos vícios e faz com que vão grudando no tecido humano deixando-o desbotado, manchado, sem feição e sem identidade.

A Educação Popular requer do militante sua presença ativa na vida do movimento, da causa assumida. O educador popular se pauta pela ética, pela responsabilidade frente às tarefas assumidas. Não está preso às regras formais e às disciplinas curriculares, mas está grudado ao projeto de sociedade. Defende uma concepção de mundo, de ser humano e está pautado por uma teoria do conhecimento que garante a construção do projeto revolucionário. Busca ler nas fendas da vida e fazer aparecer aquilo que fora escondido, negado e colocado na contramão da lógica da modernidade.

O educador e a educação popular não morrem porque não se permitem enclausurar naquilo que já lhe é dado como pronto, como acabado. Pelo contrário, está sempre criando, dando corda à imaginação, ao gosto de estar perto do povo, reinventando, com ele, o humano, o horizonte que, às vezes, parece fugir à imaginação, perdendo a leveza. E o povo se anima e começa a participar da luta quando se apercebe valorizado, compreendido e sente-se bem quando seus saberes são respeitados.

Partindo desta compreensão, desta visão, podemos dizer que a Educação Popular está grudada a uma prática de vida que materializa, que dá viço e clareza à concepção de sociedade ou à estratégia definida. Tem muita gente enganando o povo em nome da Educação Popular. Não podemos confundir educação populista com Educação Popular, nem educação para todos com Educação Popular. São entendimentos diferentes, são projetos diferentes que estão em jogo.

O papel fundamental da Educação Popular é o de alimentar o projeto revolucionário. Partindo deste fundamento, o papel do educador revolucionário é o de reinventar o ser humano, de (re) projetá-lo. Não podemos esquecer que toda luta que se afirma revolucioná-





ria tem a necessidade de estar se reinventando sempre, redesenhando o mapa da humanização. Mas, como o militante, por meio da Educação Popular, alimenta o processo de reinvenção do ser humano? Por meio da pedagogia do exemplo. Quando o militante deixa de beber na fonte, de ser povo, ou seja, quando se desgruda da realidade concreta, perde o que chamamos de utopia. Passa a pensar somente a partir daquilo que está nos livros e não mais a partir dos desafios postos pela realidade, pelas contradições das correlações de força que produzem alterações na vida das pessoas.

# **EDUCAÇÃO CAMPONESA**

Talvez o grande mal nosso de cada dia é o de acreditar que já existe um modelo de educação dada e que basta colocar todas as crianças na escola. Este modelo dado por uma determinada classe social tem também uma visão de mundo, de sociedade, de ser humano. Ou seja, desenvolve um projeto de sociedade que inclui o campesinato como objeto, incapaz de se ver como classe social, mas como agricultores familiares obedecendo as regras do jogo.

Historicamente, as famílias camponesas que foram se estabelecendo ao redor dos fazendeiros, dos senhores de engenho, viam-se quase como protegidas por estes fazendeiros até de possíveis ataques indígenas. Estes fazendeiros não eram vistos como inimigos, como uma elite agrária interessada em ter o controle das famílias camponesas. Era a família do fazendeiro que alojava e dava comida ao padre que ia celebrar missa. Era o fazendeiro, o padrinho de batismo, de crisma dos filhos e filhas das famílias camponesas. E cabia ao padrinho de batismo, de crisma e de casamento, dar conselhos, orientações no campo da moral, do trabalho, da obediência.

O instrumento religioso foi e continua sendo muito forte na construção dos laços de dominação e subordinação dos pobres aos ricos. No sertão Nordestino, muitos jovens têm os padrinhos de batismo, principalmente, como os responsáveis para a compra do material escolar, a roupa de festa do padroeiro ou padroeira. As relações de compadrio e apadrinhamento contribuem muito para subordinar o camponês ao fazendeiro.







Em muitas paróquias as ações pastorais são sustentadas pelas famílias mais ricas, por aqueles que controlam as terras e as decisões políticas. Desta forma, o tecido social afirma-se por relações de ajustamento, de apadrinhamento, de boa vizinhança, por interesses eleitorais e centenas de pequenos favores que acontecem no dia-a-dia.

Se no passado o poder eclesiástico/religioso conseguiu, em nome de todas as divindades abafar o grito dos pobres, alienando-os e consubstanciando à lógica estabelecido pelos senhores, hoje apareceram novos instrumentos que contribuem para exercer a dominação que são muito mais sutis, como, por exemplo, as centenas de ONGs criadas pelas classes dominantes, as religiões pentecostais, a maioria dos sindicatos rurais e a ação das instituições do Estado por meio das políticas governamentais.

As comunidades camponesas que conseguem visualizar-se territorialmente, afirmando-se como território geográfico, cultural, humano, como é o caso de muitas comunidades de Fundo de Pasto, estão avançando, percebendo que o fazendeiro é inimigo.

Neste reino onde o senhor sempre reinou acima de tudo e de todos, cabe a educação camponesa situar bem quem é a comunidade camponesa, como é o território que ela ocupa e como ocorrem as relações sociais, políticas, econômicas, culturais e religiosas dentro do território. Sem essa contextualização, em todas as dimensões, podemos dizer que não existe educação que liberta, mas que aliena e subordina. Somente a clareza das contradições exercitadas continuamente através dos diferentes sujeitos presentes no território, é que vai nos ajudar a superar e entender como são bons os desafios.

Numa determinada comunidade do Sertão Baiano, quase todas as famílias estavam perdendo um hábito bonito: a produção das sementes dos cereais plantados pelas famílias (como milho, feijão, mandioca). Estavam substituindo as sementes crioulas por sementes híbridas e transgênicas, influenciadas pelo discurso do agronegócio.

A comunidade só conseguiu dar-se conta da enrascada que estava entrando, a partir do momento em que foi feita uma longa discussão sobre o conjunto de valores que a comunidade estava perdendo ao trocar as sementes crioulas por sementes das multinacionais.







Tanto a escola coloca na cabeça da criança o discurso que o estudo vai lhe trazer resultados econômicos, como o agronegócio. Tanto para a escola rural como para o agronegócio o importante é descontextualizar a comunidade de seu universo, de seu território, tanto no aspecto material como no aspecto imaterial. O lugar onde se exercita a vida, onde ela ganha viço, (em seu espaço vital), é desconsiderado e visto a partir de outro olhar: o olhar do capital, do mercado.

Desde 1500, quando foi implantada no Brasil a empresa conhecida como modelo de capitanias hereditárias implantou-se também, um modelo de escola, de ensino para domesticar as crianças, os escravos para ensinar as coisas que interessavam ao modelo colonial, aos invasores. Podemos dizer que o povo foi obrigado a apreender através das escolas dos padres Jesuítas, que Deus conduz para o inferno todos aqueles que não obedecem a ordens dos senhores de escravos - a escola foi criada para ser um espaço de dominação. Todos deveriam ver o mundo do mesmo jeito, com a mesma cara, o mesmo olhar, o mesmo sentimento.

O jeito como os povos indígenas veem o mundo, conversam com o mundo, com as nascentes, com os pássaros, onde o mundo e as coisas do mundo são parte da vida e nada é mercadoria. Os povos indígenas são a cor da terra, a natureza. Já os invasores chegaram aqui para destruir o lugar onde as comunidades indígenas viviam. Para os ricos, a natureza não é um espaço de convivência, mas de apropriação das coisas que existem ali - a madeira, os animais, as pedras minerais, a água. Tudo é pensado a partir do dinheiro, do lucro, das relações de mercado.

Este território, que hoje chamamos de Brasil, sempre foi pensado a partir da voz dos senhores de engenho, das câmaras municipais, dos "homens bons", dos púlpitos dos templos, dos grandes proprietários de terra e da nobreza que controlava tudo. O povo não se via e não se reconhecia como gente. Tudo ajustava- se à vontade do senhor, do "homem bom", do coronel, da voz da coroa. Negros escravos e caboclos, a maioria da população não se vê territorializada, inserida como parte efetiva de uma comunidade, foi forçada a ir ajustando-se aos interesses dos poucos homens brancos que faziam a lei e mandavam. As poucas vezes que este povo se levantou e exigiu liberdade, foi tratado a ferro e fogo.









Os primeiros 320 anos de colonização conseguiram preparar uma elite agrária poderosa, enfeitada com os luxos europeus, que podia viajar e participar de grandes festas. Esta elite agrária continua dizendo o que pode e o que não pode, o que deve e o que não deve fazer no campo. Ninguém melhor do que o MST para falar destas coisas. A partir de 1820, surge uma elite urbana cheia de arrogância, resultante da corte que acompanhou D. João VI e se instalou no Rio de Janeiro. A elite de Ipanema, do Aterro do Flamengo, de Copacabana, de Botafogo, de salto empinado, carrega os matizes dessa elite urbana que odeia povo.

Tanto a elite agrária como a elite urbana criaram seus mecanismos de educação, suas escolas reproduzem muito bem seus sonhos e desejos. Exigem do governo, inclusive por meio das novelas, que estes bairros sejam bem protegidos através de uma boa política de segurança.

O que muito nos preocupa é o fato de que o imaginário do povo brasileiro é permeado continuamente pelos sentimentos cultivados na educação rural agrária elitista, via agronegócio, e do cidadão urbano burguês que incorpora o imaginário do agronegócio. Estas duas elites conseguem trabalhar muito bem a política do ajustamento, das relações de compadrio, das políticas compensatórias, não permitindo o avanço da democracia por meio do diálogo.

Não foi permitido ao povo em formação se ver por meio do diálogo, do conflito. A elite conseguiu garantir a construção de uma sociedade bastante impermeável, não transparente, onde o povo não se vê presente, sendo parte de classe social. Os pobres se veem na pessoa do senhor, do "homem bom", agradece por ter recebido um pequeno favor. As relações de submissão e justaposição, onde uma situação se impõe a outra situação, camuflando a realidade e não permitindo que o problema apareça muito tem contribuído na formação de um tecido social delinquente. Aprendemos a não ver as diferenças sociais, políticas e econômicas. Se não nos vemos desiguais não conseguimos nos firmar como povo, como identidade sociocultural.

A escola rural nasce para ensinar, para carimbar este modo de ver o mundo, de ler o mundo, de apropriação da natureza, na cabeça das crianças. Os pobres são levados a pensar como pensam os ricos.







A escola traduz a vontade e os grandes interesses das classes dominantes em verdades que não podem ser recusadas, como por exemplo, a obediência às autoridades, aos senhores de escravos, aos padres, que a professora sabe tudo e as crianças devem seguir tudo o que ela ensina.

É através desta escola, desta ferramenta, que o mundo imaterial, a ideologia dominante é inculcada na cabeça da criança. Ela passa a pensar do mesmo jeitinho que o rico pensa. E para aqueles que não obedecem, que fogem à regra, resta o castigo, a punição, suspensão, reprovação.

É interessante observar que as melhores notas estão reservadas ao mais domesticados, aos que passam a gostar de saborear o almoço e o jantar dos ricos, mesmo não tendo quase nada na mesma. Passa a saborear a ilusão de que um dia será igual ao rico. Para isso preciso me esforçar "correr atrás". E, para isso acontecer, tenho que dominar o meu vizinho, tirar o pouco que ele tem. Não tem despertado o sentimento de superação das injustiças, de não permitir que poucos dominem o mundo, de não permitir a exploração, de aprender mais para melhor entender o jeito melhor de organizar o povo. Uma coisa é vencer na vida conforme impõe o capitalismo, no sentido da competição, de mostrar como ser mais capaz para impedir que o outro deixe a miséria. A outra coisa é o espírito de superação.

Nós pobres, explorados, excluídos, temos que ser capazes de superar o medo de falar em público, de não gostar de ler, de participar das conversas sobre o que está acontecendo no mundo, de participar da mobilização, de descobrir porque têm ricos e pobres no mundo, de começar a escrever o que penso, o jeito como vejo as coisas que estão ao meu redor. É isso que chamamos de espírito de superação.

A escola colonial, do agronegócio, diz exatamente o contrário. Afirma assim: olha, a sociedade é assim e pronto. Deus criou ricos e pobres e ninguém pode contestar. A superação significa não aceitar a ideia de ser dominado e de não dominar. A escola tradicional, do agronegócio, ensina que é preciso aprender bem a lição do rico para poder deixar de ser pobre. Neste sentido, deixa de ser pobre quem aprende a dominar.





Vejam por exemplo, o que fazem as escolas agrícolas. Organizam teatros mostrando como as famílias devem aplicar bem os agrotóxicos: usando bem os equipamentos exigidos pela norma criada pelas grandes empresas que produzem o veneno, recolhendo todas as embalagens, lavando bem as mãos depois das aplicações. Esta é uma forma de motivar a usar mais veneno, de dizer que o problema está nas embalagens e não nos venenos.

O que uma escola dentro do sentimento da educação camponesa iria trabalhar com as crianças das famílias do campo? A primeira coisa mostrar como funciona a natureza através dos seres vivos que foram a biodiversidade, e que todas as vidas são importantes para nós. As vidas maiores (macro organismos) dependem das vidas miudinhas (micro organismos). E essa relação entre as vidas que dão o equilíbrio. Quando esse equilíbrio é rompido pelo uso de venenos, aparecem as consequências na plantação. A Segunda coisa que as crianças iriam aprender é sobre os caminhos para superar o problema. Aprendendo a corrigir o solo, a fazer insumos naturais, a observar mais de perto as lavouras.

A educação camponesa parte do princípio que é preciso ler o mundo, compreender o que está acontecendo com a natureza, com o semiárido, com as nascentes e com o modo como as pessoas estão se comportam e atuam.

A educação colonialista, empresarial, empreendedora não gosta do território ocupado por comunidades camponesas, por diversidades. Não quer que a cor da terra sejam as famílias camponesas, não quer que o cheiro da terra sejam as flores, os animais ao redor da casa, não quer que a alegria seja o cantar dos pássaros, as modas de viola. Ela quer um território só com um tipo de plantação, com catinga de veneno, sem gente, sem festa, sem canção para animar a noite. Quer um campo empresarial e sem escola. Quer algumas escolas que chamam de escolas polos, com o objetivo de ensinar as crianças a serem empreendedoras rurais, a fazerem a propaganda do agronegócio, dos produtos das empresas multinacionais. Aprendem a serem meninos e meninas de propaganda do modelo empresarial para passar bem o recado ao agricultor - o conhecimento considerado perfeito do ponto de vista técnico. Um conhecimento inquestionável,



que não precisa envolver a família, natureza, o que tem na propriedade que pode ser discutido e como pode ser superado. A resposta está na aplicação do veneno, dentro das técnicas criadas num laboratório bem distante do mundo da família camponesa. Enquanto a educação rural comercializa pacotes tecnológicos, viabiliza os interesses da burguesia, apresenta o seu modelo de desenvolvimento.

# **EDUCAÇÃO E TRABALHO**

Quero falar do trabalho, não o da imposição do senhor sobre o escravo, do trabalho como dor, como trampolim, nem do trabalho a partir da lógica do capital, do emprego, do trabalho em troca de salários, de soldos. Quero falar do trabalho como criação, como inventividade do ser humano, como ato de embelezamento da vida a partir das condições oferecidas pela própria natureza. Acredito que não podemos confundir políticas de geração de empregos com políticas voltadas para entendermos o trabalho como a ação do ser humano que deveria se manifestar em todas as suas dimensões.

Quando ouço a elite falar que as crianças devem se afastar do trabalho, ela está nos impondo uma compreensão de trabalho que não é aquela vista a partir das diferentes culturas, das diferentes visões de mundo de cada povo. Dizer que o mundo da criança deve ser somente o mundo do ler e do brincar, acaba fazendo veicular no imaginário das crianças que o trabalho é algo ruim. E mais: que ler e brincar não fazem parte do mundo do trabalho. Não podemos confundir trabalho com coisa ruim, com algo puramente pesado, imposto por alguém. Na maioria das comunidades camponesas é comum as crianças fazerem parte do trabalho, como convivência com a natureza, como estar inserindo-se nas suas entranhas, decifrando seus segredos.

Ao afastar as crianças desta relação íntima com a natureza, com a produção do encantamento, do embelezamento, da leitura deste mundo que faz parte de seu dia-a-dia, estamos impedindo a criança de ser parte, de ser sujeito de uma ação, de criar o sentimento de construir respostas. As crianças camponesas se sentem bem brincando com sementes, com a terra, com pedras, ajudando o pai ou





a mãe numa pequena atividade agrícola. Esse é um mundo da leitura, da curiosidade, do despertar para algo.

A elite, em nome da democracia, do acesso à escola, está motivando as crianças para o mundo do vazio, do afastamento das coisas que motivam para o mundo das indagações, da inserção e da superação.

Em nome da política do emprego, do estudar para buscar trabalho, estamos nos preparando para favorecer cada vez mais as classes dominantes. O emprego é uma decisão do capitalismo, dos patrões que precisam de empregados para garantir lucros. E os patrões sabem que não podem permitir que todas as pessoas tenham acesso ao mundo do emprego.

Partindo desta realidade, gostaria de falar da pedagogia do trabalho, de como despertar no ser humano uma visão profundamente humana do trabalho, este processo de criação, de relação profunda dos seres humanos com a natureza e como trabalhar a produção de comida, de cultura, de sentimento humano, sem destruir a natureza.

Fico triste ao passar pelas ruas das cidades do sertão e ver centenas de crianças diante das telas de jogos eletrônicos exibindo as imagens oferecidas pela sociedade de consumo, aprendendo como ser grande, como explorar, como vencer destruindo o outro. Será que ao invés de estarem frente a estes aparelhos, aprendendo um montão de leituras perigosas, não é muito mais digno estarem fazendo atividades artísticas, fazendo hortas, organizando viveiros de mudas nativas, plantando e colhendo, desenvolvendo saberes importantes para a vida.

Temos a grande responsabilidade de inserir em nossas relações a pedagogia do aprender através da prática, do aprender fazendo, dinamizando as coisas, dando saber ao que fazemos. Todas as crianças e adolescentes precisam, urgentemente, serem despertadas para o trabalho como ação libertadora, criativa, de estar produzindo comida e as condições que favoreçam a dignidade humana.

É impossível educar para a responsabilidade, para a tomada de consciência do mundo que está ao nosso entorno, sem nossa inserção no mundo, sem nossa participação no processo de elaboração das coisas por meio do trabalho. Estamos falando de uma pedago-







gia de elaboração de nossa conduta, de superação daquilo que está dado, caso contrário estamos aceitando a alienação, vedados diante das coisas, sem ver o que está acontecendo. Ao produzir coisas, ao transformar matérias, estamos nos transformando, aceitando o desafio de não aceitar a submissão. Somente a consciência profunda do trabalho, daquilo que é produto de nossa ação, nos levará à dignidade, a mais profunda liberdade. Liberdade no sentido de não permitir que outro se apodere do fruto de nosso trabalho, de nossa ação, de nossa criatividade.

Quando falo do trabalho do ponto de vista do emprego, estou falando de estar submisso às regras do patrão, produzindo aquilo que é de interesses do mercado, onde alguém está se apropriando de mais valia, de horas de trabalho que estou doando para alguém.

As comunidades camponesas são espaços importantes para gerar trabalho, para inserir todas as pessoas produzindo coisas, reinventado e embelezando a comunidade, passa a ser o lugar onde não se gera trabalho. Os produtos primários que são produzidos na comunidade são levados embora e vão parar nas mãos de poucas pessoas. Essa produção de leite, de milho, de legumes, de carne, de frutos, de algodão e tantos outros produtos que poderiam ficar na comunidade sendo transformados pelas pessoas que moram ali, vão embora e acabam levando a juventude atrás, onde será empregada daquilo que suas famílias produzem.

Queremos, portanto, entender a pedagogia do trabalho como ter a produção do domínio sobre aquilo que a comunidade produz. Se não tenho domínio sobre o que estou produzindo, não estou vendo o produto de meu trabalho e seu significado para o conjunto das pessoas que produzem, posso dizer que estou alienado do produto feito por meio de minhas mãos, de meu pensar.

É tendo consciência do significado da produção que passa por minhas mãos, que deixou de ser empregado para ser trabalhador, para ser sujeito daquilo que estou produzindo, o que me leva a dizer, com todas as letras, o significado político, econômico, social e místico que daquilo que estou produzindo em comunidade. O trabalho tem um significado comunitário, coletivo, que expressa o conjunto de pessoas envolvidas no processo de produção.





Precisamos construir a consciência social, política, libertária, humana e cultural de nos vermos trabalhando, fazendo aparecer aquilo que está na nossa imaginação, que está escondido e quer aparecer, ganhar feição no mundo. Se educar é o ato de fazer aquilo que está escondido aparecer, então o trabalho se manifesta como o ato de fazer aparecer aquilo que está no nosso sentimento. Quando o camponês levanta e vê a terra molhada, animado pega a semente que está na tuia e vai até os campos fazer a plantação, ele não planta pensando em ter uma grande produção para vender e comprar outras coisas, mas planta pensando em comer. E ele se visualiza, ao ver a plantação verde, bonita, cheia de vida. A beleza do trabalho se expressa na natureza.

## **EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

A partir do século IV AC, com o surgimento da escola de filosofia Aristotélica, começa a se delinear um corte bem epistêmico entre ser humano e natureza, como se fossem duas coisas antagônicas e paralelas. A *res cogita*ns de um lado e a *res extensa* de outro lado. A produção dos saberes, dos conhecimentos, passa a ser orientado pela lógica da racionalidade.

Grande parte do conhecimento utilizado na agricultura a partir da segunda metade do século XX afirma-se como uma imposição do mundo acadêmico e controlado por grandes grupos econômicos.

A educação ambiental que estamos vendo acontecer nas escolas é puramente técnica, que não incorpora o sentimento da natureza, dos povos que convivem com as plantas e animais. Uma coisa é um grupo de crianças de um centro urbano plantar árvores perto de um determinado rio, sem conhecer o conjunto de relações que envolvem o rio. Isso não passa de uma ação mecânica.

O que muito nos preocupa é o fato de estarmos, através deste método puramente científico, deste tipo de racionalidade que escapa ao conjunto da comunidade, preparando uma geração morta, sem sentimento, que não consegue mais visualizar o contexto da comunidade, sua realidade sócio histórica e seus desafios. A leitura orgânica, histórica, do mundo das crianças e adolescentes, praticamente desapareceu do imaginário da escola.





Boa parte do campesinato atual reflete exatamente tudo o que o modelo de educação produziu de errado nestes últimos quarenta anos. Uma escola que conseguiu ser uma excelente mediadora do discurso dominante, vendendo a ideia do certo e do errado, do bom o do ruim, da cidade como lugar do moderno, do avançado, e do campo como lugar onde reina o atraso. Basta ver a forma como é apresentado o agronegócio e como é apresentada a agricultura camponesa. Na verdade, estão em conflito duas visões de mundo, de produção e de mercado.

A separação entre razão e natureza, entre o pensar e coisa pensada, entre o sujeito que pensa e age e o objeto desse pensar, muito contribuiu no processo de destruição da natureza. Nos prendemos numa racionalidade, de verdade estabelecida sem se dar conta que a natureza não é algo separado de nós, que a natureza é um todo dinâmico. Cabe ao ser humano decifrar a profundidade de seus segredos, de como funciona a biodiversidade. Ao dar-se conta desta dinâmica que lhe é própria, com certeza vamos mudar o nosso agir.

A mesma racionalidade capitalista que fala em conservação ambiental, em cuidar da natureza, às vezes, por meio da escola, conduzindo crianças às florestas para que se encantem com a natureza, motiva, através da produção e do consumo, destruir os recursos da própria natureza. Vejam, por exemplo, as fábricas de sapatos produzindo sapatos que requerem mais e mais matérias primas.

Diante desta situação, que educação ambiental deveríamos construir nos movimentos sociais e nas escolas de um modo geral? O primeiro passo seria a desconstrução desta racionalidade burguesa que se sustenta e se afirma através de uma matriz tecnológica, que depende da lógica do consumo exagerado, sem limites. Nestes dias vi um pai fazendo um discurso bem duro quanto à conservação ambiental e, no dia seguinte, comprava um DVD para seus filhos de três anos de idade. A criança se vê dentro de uma teia de consumo, de tantos produtos da sociedade de consumo, dentro de uma racionalidade pronta e acabada. Está posta, aqui, uma contradição visível, entre o discurso ambiental e o consumo.

Acredito que precisamos colocar em debate, com muita urgência, a construção de outro modelo de sociedade. A burguesia diz para





nós todos os dias, por meio da televisão, que este é o caminho correto. Sim. Mas para quem? Este modelo não é criação nossa, do povo, mas da elite que está se beneficiando deste o século XVII.

O discurso ambiental que transita nas escolas, em algumas ONGs e movimentos sociais é muito pobre. Só fala de reciclagem, de como cuidar do lixo. É claro, se não cuidar do lixo vai faltar espaço para colocar tanto lixo. Mas, o grande desafio é outro: como fazer para evitar a produção de tanto supérfluo, de tanto consumo? Noutras palavras: como viver com pouca coisa, sem estar o tempo todo entupido de supérfluos? Como buscar outras fontes de produção de energia, de alimentos, de comunicação, de vestes e parafernália para o uso doméstico? Não precisamos viver abarrotados de produtos que exigem mais consumo de energia, de água e produtos químicos.

A indústria farmacêutica hospitalar sempre aparece com grandes novidades na tela da TV, dizendo: encontramos o remédio que serve para curar este ou aquele tipo de câncer. Mas, a cada ano que passa cresce espantosamente o número de pessoas com a doença e cresce o número de pessoas que morrem por causa da doença.

As questões de fundo não são abordadas, que são mudanças profundas nos hábitos de alimentação, de relações com o meio ambiente.

# A RECONSTRUÇÃO DO SUJEITO CAMPONÊS E A FUNÇÃO DA EDUCAÇÃO CAMPONESA

Nos últimos anos as comunidades camponesas introduziram hábitos urbanos comparados aos das classes médias urbanas, aumentando vertiginosamente o consumo da família. Não só aumentou o consumo como mudou sua visão socioambiental e cultural. As crianças já não se percebem dentro de um modo de vida camponês, mas se veem e se visualizam como se fossem crianças do universo urbano. Estão, na verdade, aprendendo a ser capitalistas e não camponesas.

Como, então, a partir desta situação, criar o sujeito camponês com identidade camponesa que ajude intervir no mundo e reduzir sensivelmente o uso de produtos oriundos da matriz que dá susten-





tação ao modelo dominante e a compra de supérfluos e artificializados como enlatados e plastificados - produzindo parte dos insumos necessários à produção agrícola. Ou muda por completo o modo de vida produzindo somente o necessário para continuar vivendo bem sem depender de muitos investimentos.

Outro aspecto que muito nos chama a atenção é o fato das comunidades camponesas do sertão nordestino vender quase 100% da produção da propriedade e comprar os mesmos produtos, industrializados, pagando um valor muito alto. Quase todas as famílias do Alto Sertão estão devendo ao banco o PRONAF e os empréstimos consignados feitos pelos aposentados. Quase todo o dinheiro que vem através do empréstimo consignado está sendo usado para compra de supérfluos, de aparelhos de som para ouvir músicas que não tem nada a ver com a cultura sertaneja, para comprar televisão e ficar vendo novelas que incentivam o comportamento do mundo do consumo e dos ridículos vícios do mundo burguês.

Até os anos oitenta, era muito comum, no café da manhã, o consumo de batata, de cuscuz, de mandioca, açúcar mascavo ou rapadura, de leite e café. Estes hábitos praticamente desapareceram. Hoje, falar em comer rapadura ou açúcar mascavo é até perigoso. Isso é coisa de gente pobre, atrasada. Gente que se preza usa açúcar refinado, limpo, disse uma camponesa do sertão Pernambucano.

Quanto menos usar produtos do sertão melhor. Temos que nos modernizar, disse uma moça. O que significa ser moderno: subir num pau de arara e ir estudar numa escola pública na cidade, comprar a roupa de marca que aparece na propaganda da televisão, comprar um aparelho de celular, comprar o sapato que tem 15 centímetros de altura. Tudo isso com o dinheiro do Fome Zero, do Programa Bolsa Escola, do Bolsa Família, do empréstimo consignado do avô ou da aposentadoria.

Namorar e casar com rapazes de suas comunidades, de seu meio, já não faz parte do imaginário das moças do campo. Querem, sim, buscar os rapazes ricos da cidade. Estes acabam se aproveitando da inocência delas, deixando-as grávidas e abandonadas.

Nas escolas, infelizmente, não aprendem a falar do corpo como um território coletivo, que faz parte de uma identidade cultural, que





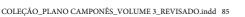
tem uma expressão social e que é portador de uma economia moral, mas aprendem a ver o corpo a partir da lógica do mercado, dos produtos que devem ser usados para aparecer para a sociedade conforme as regras do capital, de uma beleza exigida pelas empresas que vendem tais produtos. O corpo é uma espécie de fetiche de mercado. E este fetiche precisa estar moldado, seguindo os modelos determinados. Os valores humanos não servem mais para nada.

A escola, independentemente de estar no campo ou na cidade, desde o curso básico até o doutorado, não tem como função educativa despertar as pessoas para o mundo da crítica e da autocrítica, da elaboração e da formação de sujeitos coletivos que pensem e construam relações libertárias a partir dos desafios locais e regionais, territorializando a cultura, a produção, o mercado. Impregnada com o sentimento capitalista, de como crescer na vida, a escola faz exatamente o contrário: desmonta o espírito territorial, os valores locais, a produção do conhecimento a partir do lugar onde as crianças e adolescentes estão presentes. É lhes ensinado aplaudir o capital, o herói que controla tudo, que resolve todos os problemas ao seu modo.

A escola está cada vez mais se afirmando como um agente motivador de consumo de tecnologia e não produtor ciências simples e que ajudem a comunidade produzir sua autoestima. A escola rural, por exemplo, motiva as crianças e adolescentes do campo a serem consumidores de sementes híbridas, máquinas e equipamentos, insumos químicos e entrarem no mercado. Será que ser moderno é entrar neste mundo do consumo dos produtos ditos modernos das corporações internacionais? Será que ser moderno é entrar na lógica de mercado pensado por aqueles que querem controlar a produção?

Este modelo de escola que tem como objetivo reproduzir o modelo de sociedade capitalista, nada mais é que uma racionalidade que vê o mundo conforme está dado, uno, não vê o mundo como possibilidade, como superação, como transcendência.

O que a escola faz muito bem no dia-a-dia: motiva as crianças e adolescentes para o consumo exagerado, assim como a mídia em geral. Desprovidas do trabalho e dos recursos por meio da família, resta o caminho do assalto, do furto, da venda do corpo, da venda de drogas.







Fica aqui um desafio: ou tomamos consciência que este modelo de desenvolvimento está nos levando ao esvaziamento do ser humano e buscamos construir outra forma de viver em sociedade, ou sucumbimos no abismo. Estamos reproduzindo uma matriz tecnológica que nos nega, que não insere as pessoas em seus diferentes e diversos contextos, que dizima milhares de comunidades históricas em nome do progresso, como é o caso da Empresa ARACRUZ Celulose que está tendo a ousadia de produzir uma cartilha ignorando a cultura e a realidade indígena dos Tupiniquim e dos Guarani e fazendo chegar até às escolas. São absurdos como estes que ajudam a acabar com o planeta. É exatamente este modelo de empresa que passa a ser exemplo para as crianças da região. Todas as semanas a empresa recebe crianças das escolas para que aprendam a lição de como ser um bom ganancioso, de como ser um bom destruidor da cultura popular.

# UMA EDUCAÇÃO CAMPONESA QUE INCLUA O CAMPO QUE QUERE-MOS COM NOSSOS MODOS DE VIDA AGROECOLÓGICOS

Ao levantarmos o debate sobre a educação camponesa, estamos provocando o aprofundamento do assunto a partir dos textos e contextos que estão movendo nossa ação. Estamos falando de uma educação que ajude as comunidades camponesas, a partir do contexto sócio histórico, da teorização da agricultura familiar e da teorização do agronegócio, repensar e redesenhar o jeito como devem organizar suas ações no campo.

A expansão do capitalismo, por meio das corporações privadas, a partir da década de 1970, mais especificamente, afirmou que os modos de vida campesinos do México, do Peru, do Equador, da Bolívia, das Filipinas e outras regiões do mundo não se sustentariam. No entanto, estes modos de vida campesinos, historicamente assentados em bases técnicas agroecológicas, desenvolvidas e sustentadas via trabalho familiar ou comunitário, tão condenados pelo agronegócio em expansão, não desapareceram e continuam ganhando força, negando inclusive teorias de muito dos clássicos e neoclássicos do Marxismo.







A partir dos anos noventa, principalmente, o Banco Mundial e o Ministério da Educação definiram a educação rural para o Brasil. Na verdade, decretaram que a educação deveria inserir-se nas frestas da modernização conservadora, compreendendo o campo como espaço onde se exercita o agronegócio, onde se produz uma visão de território moderno, com grandes máquinas, com muitos insumos químicos, com sementes transgênicas, com regras de mercado definidas somente pelo OMC. Ou seja, um campo conduzido somente pelos conhecimentos produzidos e orientados pelas classes dominantes.

Cabe ao militante da educação camponesa se preparar suficientemente para ajudar a comunidade camponesa se perguntar e questionar: será que este modelo capitalista de apropriação e desenvolvimento moderno do campo tem sustentação? Qual a contradição profunda que está atravessada no interior deste modelo capitalista agrário? Podemos impor à natureza o tratamento tecnológico definido pela ciência burguesa, como se fosse a única resposta para a agricultura?

O mesmo modelo de desenvolvimento definido e imposto pelo capitalismo agrário, define também um modelo de educação rural às comunidades camponesas, (des) construindo saberes, sentimentos, sistemas agrários e agrícolas históricos, como se estas coisas não tivessem nada a dizer para a humanidade.

O que significa, então, criar uma base teórica da educação camponesa, ou seja, uma fundamentação que oriente-nos politicamente? Diante do massacre dos sentimentos das comunidades camponesas, da dizimação dos saberes e bases técnicas que sempre tiveram um papel importante na vida de milhões de camponeses e camponesas, resta-nos reagir construindo uma resposta político pedagógica, elaborando um instrumental metodológico que dê rumo em todas as dimensões: a produção de comida auto sustentável e agroecológica, sustentação e viabilidade dos valores e saberes, reforma agrária, sustentação dos biomas com suas diversidades, liberdade de mercado local e regional como as feiras.

Isso só é possível se tivermos uma educação garantida por nós, elaborada pelos sujeitos que traduzem os diferentes modos de vida camponês, que estão atravessados no campo e sabem o quanto é im-





portante sustentar as identidades que dão significado e ressignificam os sujeitos envolvidos.

É sabido que o único modo de agricultura que garante produzir comida saudável em espaços pequenos é o sistema ou os sistemas agroecológicos. Essa constatação sustentada em bases epistemológicas nos responsabiliza no sentido da importância de estarmos construindo um modo de educação que nos visualize não somente como pedagogia do exemplo, mas, acima de tudo, como a pedagogia da esperança.

Não estamos falando somente da educação produzida, vivenciada na sala de aula, mas da educação camponesa do exemplo que se faz e refaz, afirma e reafirma no interior das comunidades camponesas. São as atitudes quanto ao trato com as sementes crioulas, com as plantas medicinais, as arbóreas nativas, o trato com os pequenos animais, o cuidado com aquilo que produzimos e comemos. Estes sempre foram valores históricos, que fizeram parte das pegadas das comunidades camponesas e que precisam ser continuamente revigorados com a nossa prática.

Não podemos continuar reproduzindo um sentimento de produção e de consumo que nos escapa por completo. E o pior é que estamos reproduzindo os interesses das elites sem a mínima apropriação crítica.

Quando vejo centenas de crianças e adolescentes campesinos passeando pelas ruas com os cadernos debaixo do braço, sinto que algo precisa mudar - que está muito errado. A escola está tão ruim que não motiva os estudantes. Na verdade, eles não se sentem parte, mas plateia, aplaudindo um mundo de coisas que não lhes diz nada. Mas uma coisa é certa: a mensagem que interessa à burguesia está sendo inserida muito bem no imaginário das crianças. A visão de mundo e de ser humano que interessa ao agronegócio, ao mercado, estão sendo fincadas e grudadas na imaginação das crianças e adolescentes.









# CAPÍTULO IV CULTURA

A palavra vem do latim de *cultue* e do alemão de *kultur*. Ambas vêm de cultivar a terra, de lidar com o solo, cuidar bem, fazer a terra produzir mandioca, feijão, milho. Mas expressa também conjunto de valores sociais, econômicos, políticos e identitários de cada povo. A palavra cultura foi inventada pelos camponeses, através da relação com a natureza e está intimamente ligada ao ato de produzir comida.

Até hoje é muito comum encontrar agricultor falando assim: foi fazer o cultivo de feijão, de arroz. Cultivar, para o camponês, tem este significado muito forte, que é o cuidar da terra e da produção de comida E, dentro da compreensão camponesa, a cultura tem um significado material, que é a produção das ferramentas de trabalho: enxada, foice, machado, facão, cavadeira, picareta, as estruturas para zelar dos animais, as tulhas, os tubos; além da conservação das sementes e a produção da comida e dos medicamentos por meio das plantas. E tem o significado imaterial que são as expressões subjetivas, as devoções aos santos e as santas, os reisados, as músicas.

Estes dois aspectos da cultura camponesa em função da modernização e da industrialização das sementes, das ferramentas, de insumos e assim por diante, ao invés de produzir e se reproduzir a partir de seu estatuto cultural, ocorre exatamente o contrário: quem o reproduz é o sistema, ou seja, é o externo que acaba determinando seu modo de ser e de pensar.

#### ASPECTOS IMPORTANTES DA CULTURA CAMPONESA BRASILEIRA

Alguns estudiosos importantes da cultura brasileira, como Darcy Ribeiro, conseguiram traduzir muito bem os valores que dinamizam a cultura camponesa e do povo brasileiro em geral.

Mas, sendo justo com a cultura camponesa brasileira, podemos dizer que ela acumulou, ao longo da história, uma sabedoria in-





vejável e que precisa ser reinventada continuamente. Dentre os saberes importantes, podemos evidenciar os que mais nos chamam a atenção, como:

- a) os conhecimentos das plantas medicinais: valores terapêuticos, valores sagrados das plantas;
- b) conhecimentos das sementes, cultivares e seus valores quanto à nutrição e resistência;
- c) conhecimento astrológico: o efeito dos astros, as fases da lua e suas influências sobre as plantas;
- d) o conhecimento no campo da matemática que se expressa por diversos sistemas de medidas e valores: braça, quadra, alqueire, quarta, bacia, tarefa (ver a Revolta dos Quebra Quilo) <sup>7</sup>;
- e) conhecimento da religiosidade popular: devoções, romarias, crenças, festas;
- f) conhecimento no campo da culinária: os diversos pratos com sabores diversos;
- g) conhecimento no campo da física e da química que se expressam por meio das construções de cercas, de casas, de produção de insumos, de armas caseiras, de garrafadas.

Todos estes conhecimentos são parte do acervo cultural camponês por onde se manifesta e visualiza sua feição, seu modo de ser e de pensar na relação com as pessoas e frente a elas. Este conjunto de valores e conhecimento expressam e afirmam a identidade camponesa. A identidade camponesa brasileira é um pouco a síntese das três vertentes étnicas que formam a cultura brasileira - Indígenas, Negras e Europeias.

Cada povo se reconhece por meio daquilo que produz, e é por meio da produção material e imaterial que ele dignifica, se alegra e se apresenta para a sociedade. Quando um povo perde sua cultura, ou



<sup>7</sup> A revolta do Quebra-Quilos foi uma revolta ocorrida na região Nordeste do Brasil, entre fins de 1872 e meados de 1877. Em 26 de junho de 1862 foi aprovada no Brasil uma lei determinando que o sistema de pesos e medidas então em uso, seria substituído em todo o Império pelo sistema métrico francês, na parte concernente às medidas lineares de superfície, capacidade e peso. https://pt.wikipedia.org/wiki/Revolta\_do\_Quebra-Quilos.



seja, não consegue mais se ver por meio da sua produção: do plantar e colher, do fazer e do que fazer acaba se deixando levar pela chamada cultura de massa. Segue a onda produzida e orientada pelos meios de comunicação de massa. Noutras palavras: não se vê mais e nem é visto. Perde a cor, o brilho, o significado.

É importante reconhecer, negritar, que somente os seres humanos produzem cultura, reinventam as coisas, fazem a história acontecer por meio de suas atividades e inventividades. Por isso, a cultura é dinâmica e mantêm vivo o jeito de cada povo se manifestar.

### **CULTURA AGROECOLÓGICA E TERRITÓRIOS**

Entre o agronegócio e a agricultura familiar, definidos pelo modelo neoliberal, pela globalização do mercado, está a chamada agricultura camponesa, que são os diversos modos de organizar a vida no campo, em comunidades camponesas ou territórios. Estes agroecossistemas afirmam-se por estarem articulados como sistemas de convivência social, econômica, religiosa e política. É praticamente impossível falar de cultura agroecológica sem que fique bem claro para nós, o entendimento de território.

Não estamos nos referindo aqui aos territórios criados pelo Estado, mas os territórios enquanto significados culturais, sociais, religiosos, ambiental, ou seja, enquanto organização que expressa um modo de vida, uma tradição permeada por valores que definem identidades de vida<sup>8</sup>. Fundos de Pastos, Povos Indígenas, Quilombolas, Pescadores, Faxinalenses, Povos da Floresta, das Serras do sertão nordestino, são alguns destes modos de vida que escapam às diretrizes estabelecidas pelo modelo de desenvolvimento que define a agricultura dentro dos moldes do mercado.



<sup>8</sup> Entende-se Território em seus aspectos materiais e imateriais, os materiais estão ligados ao espaço físico onde se reproduz a vida camponesa, a comunidade e suas extensões familiares e coletivas, e o imaterial ligado a mística, o sentimento de pertença e de defesa desse território além dos elementos históricos e intangíveis produzidos nesses espaços como tradições, técnicas, e entes queridos. tudo isso se conforma numa atmosfera só.



É interessante compreender que existe uma Lei Internacional chamada Direito Internacional dos Agricultores (cap. IX) que reconhece que as comunidades e povos tradicionais, com seus modos de vida, são intocáveis. Não foi à toa que o Supremo Tribunal Federal votou favorável aos povos indígenas da Raposa Serra do Sol. Caso contrário o fórum de julgamento seria o Direito Internacional assentado na FAO. É interessante lembrar que o Brasil é signatário desta lei, juntamente com outros 120 países.

Mas, voltando ao assunto, podemos dizer que a cultura agroecológica não está presa às regras do mercado, nem às determinações das multinacionais e de organismos como SEBRAE e Confederação Nacional de Agricultura - CNA. A agricultura agroecológica está continuamente se reinventando a partir de cada território. Sua cultura se reconhece e se afirma através de um conjunto de elementos. Não pensa somente a produção de comida, mas na reprodução dos valores subjetivos, as plantas medicinais, a feira, enfim, o sistema de convivência como um todo.

Creio que está em construção, no mundo inteiro, o que podemos chamar de cultura simbólica territorialista. Sem o sentimento territorial, as florestas, os animais, as plantas medicinais, as árvores, as fontes de água - todas as configurações geológicas, biológicas e zoológicas - não podemos falar de cultura agroecológica. Não é à toa que o agronegócio quer mudar o Código Florestal para classificar as plantações de cana, de eucalipto e café como florestas plantadas.

#### **AVANÇANDO UM POUCO MAIS**

Mais tarde, a partir do século XVIII, com a Revolução Industrial, a palavra cultura começou a ganhar outros significados ou conotações diferentes. Passou a ser entendida como o conjunto de produção, de criação do ser humano. Tudo o que o ser humano cria é cultura. São, então, as diferentes formas de sentimentos manifestadas pelo ser humano. Não podemos aqui incorrer no erro de que tudo é cultura. Temos a grande obrigação de manter viva a origem da palavra, do significado que historicamente foi implicada à palavra: cultivar a terra. E como diz a música do Zé Pinto "e a gente cultiva a terra e ela cultiva a gente".





Em relação à cultura do povo brasileiro, não podemos esquecer que a nossa formação histórica vem sendo construída no encontro de culturas diferentes. Neste sentido, podemos dizer que nossa cultura é universal, porém orientada pela cultura europeia. A elite brasileira conseguiu garantir que Europa fosse a expressão da civilidade, do apreço, do sentimento de deus que deveria se impor a todos. O mundo de além-mar é o mundo dos sem saberes, dos sem ciência e dos sem religião. A Europa precisa ser "a guardiã dos bons costumes". Negros e indígenas precisam aprender, por meio de nossos "instrumentos de civilização, os caminhos da técnica e da verdade".

Os indígenas e quilombolas forçados rejeitar sua identidade, tendo que se visualizarem no mundo do branco. As expressões culturais presentes nas comunidades camponesas, como é caso da festa de São Gonçalo, muito comum no sertão nordestino, são sentimentos que vem de longa data e que reúne características do cristianismo e das festas pagãs como culto ao deus Dionísio. Podemos dizer que as festas religiosas que em geral reúnem expressões dos cultos dos povos afros, das culturas pagãs, que se misturaram ao cristianismo e da cultura Indígena, ganharam, com o decorrer do tempo, dinâmicas diferentes.

A cultura se expressa como uma espécie de farol clareando a estrada, indicando o caminho por onde o carro deve passar. É por ela que o povo conduz o seu sonho, alimenta a esperança e sua identidade. É por meio dela que nos reinventamos e seguimos o caminho. Nossos movimentos, o MPA e MST se fazem representar para a sociedade por meio de seus símbolos. Os símbolos traduzem valores, sentimentos que animam a grande caminhada, que dizem como cada ser humano, homem e mulher, moça e rapaz, menino e menina, devem agir na organização que dela fazem parte. O MPA, por exemplo, carrega um sonho que está materializado em cada militante. Quando o Movimento é perseguido, difamado, na verdade é o seu sonho que está sendo repudiado.

Nenhuma expressão cultural pode ficar presa em si mesma, olhando o tempo todo para o seu umbigo. Qualquer expressão cultural precisa, sem perder sua origem e princípios, abrir-se para o mundo. O papel fundamental das culturas de cada povo é enfeitar o mun-







do com seus valores, com seus modos de expressar os sentimentos humanos.

Quando as pessoas perdem seus vínculos culturais, seus sentimentos de pertença a uma identidade cultural caem no esvaziamento do sentimento humano. Talvez isso explique o que estamos vendo acontecer em milhões de jovens em nosso meio. Infelizmente, o espaço humano da cultura foi substituído pelo espaço da ambição, do crescer na vida a todo custo, de ser melhor, de ver o mundo sempre com o olhar da dominação e não da superação das coisas que matam o belo, o criativo, a indignação, a sabedoria e o interagir entre as pessoas.

Somos motivados, desde nossa infância, a olhar o passado como algo que ficou que não serve mais, velho, sem viço. Não somos motivados a ler e sentir a vida humana como uma dinâmica, onde nada fica velho e ultrapassado. Não é à toa que hoje se houve muito essa expressão: é preciso resgatar estes valores, tal manifestação cultural etc. Na verdade, ninguém resgata nada, mas dinamiza-se, recria, reinventa. Isso revela muito bem a situação em que nos encontramos. O mundo moderno, técnico, voltado quase somente para o lucro, não nos deixa olhar para nós mesmos e ver como realmente estamos.

É exatamente isso que o professor lá no filme Sociedade dos Poetas Mortos<sup>9</sup> chama a atenção dos jovens quando motiva rasgar a página do livro. Ele está dizendo: acordem para o mundo, olhem para os poetas de ontem e sintam as coisas boas que eles nos disseram e vamos retomar o rumo de nossas vidas. Esqueçam a métrica poética e sejam criadores, inventivos, fazendo jorrar a poesia que está dentro de cada um.

Neste sentido, a cultura é, acima de tudo, a manifestação mais íntima do ser humano. Vejam, por exemplo, os foliões de reis ou rei-



<sup>9</sup> Sociedade dos Poetas Mortos é um filme americano de 1989 dirigido por Peter Weir. Conta a história de um professor de poesia de nome John Keating, em uma escola preparatória para jovens, na qual predominavam valores tradicionais. Com o seu talento e sabedoria, Keating inspira os alunos a perseguir as suas paixões e tornar as suas vidas extraordinárias.



sados, Ticumbi <sup>10</sup> e outras expressões da cultura popular religiosa, como os participantes se concentram e deixam fluir o que tem de mais profundo do sentimento humano. Cultura não é qualquer sentimento humano, qualquer coisa produzida e colocada no mercado. A cultura é parte profunda da identidade de cada povo, do jeito como ele se expressa, se afirma e busca dar significado a si mesmo. Os povos indígenas fazem isso. Os povos caboclos da floresta do Amazonas também fazem isto.

Quando nos entupimos de músicas que esvaziam nosso jeito de ser, de pensar, colocando em risco nossa identidade, estamos de certa forma, produzindo lixo e não cultura. É por meio da Cultura que as pessoas se reinventam, se assumem como identidade, como sujeito social. Os indivíduos em si, isolados, não podem ser reconhecidos como sujeitos sociais. O sujeito social é um coletivo humano, um grupo que se identifica com uma causa, que tem um objetivo definido, que sabe o que quer. E a manutenção do sujeito social afirma-se através daquilo que ele celebra, que ele demonstra, exercita no dia-a-dia.

Quando usamos a expressão Cultura Camponesa, estamos usando um termo por demais genérico. No Brasil, por exemplo, os camponeses são tantos e com diferentes modos de vida, e são estes tantos camponeses com seus diferentes modos de vida que expressam a cultura camponesa brasileira, seus significados se manifestam por meio do cuidar de sementes crioulas, de plantas medicinais, de suas devoções aos santos, de suas expressões artísticas - música, artesanato, danças, folclore, causos, prosas, linguagens. A Cultura Camponesa tem um corpo, uma expressão histórica.

# A CULTURA COMO REINVENÇÃO DO HUMANO

Não é bem adequado dizer que precisamos resgatar nossa cultura. Cultura não se resgata, não busca lá no passado, mas é algo que precisa ser dinamizada. É por meio da cultura que as pessoas se afeiçoam, se encontram e se encantam. A cultura precisa ser reinventada, dinamizada porque a realidade é dinâmica e o tempo todo infestada por outros elementos que interceptam no dia-a-dia da comunidade.



<sup>10</sup> É uma dança típica encontrada no Espírito Santo, também chamada de Baile de Congos



Olhando para o conjunto da juventude brasileira, com quase 35 milhões de jovens com idades entre 15 e 24 anos de idade, perguntamos: toda essa juventude nasceu num período de crise. Principalmente a juventude camponesa nasceu nos anos mais cruéis, quando todo o discurso se afirmava no sentido de que o campo não seria mais o lugar para a juventude, onde os pais passaram a motivar as crianças e adolescentes para que estudem para conseguir emprego na cidade.

O "novo" rural do José Eli da Veiga, <sup>11</sup> surge para dizer que o caminho não é mais o rural da família fazendo a agricultura camponesa, mas a agricultura do agronegócio, da empresa rural dentro dos parâmetros pensados pelo mundo urbano, o que cria no imaginário do jovem do campo um sentimento bem "urbanoide".

Na verdade, o campo passa a ser visto como o lugar da não cultura, do atraso, do velho, como o lugar da falta de perspectivas; e a cidade como lugar do emprego, da cultura. Dentro deste grande reino do encanto e do desencanto do mundo rural como o lugar que não reina mais perspectiva de vida, precisamos nos deter com muita profundidade para não distorcer a realidade.

O que está acontecendo é que o agronegócio tem como objetivo negar o campo como espaço de produção e reprodução da cultura camponesa, dos modos de vida do campo. E tem mais: os recursos que chegam aos municípios são direcionados para a sede do município, não para a área rural. É interessante observar que muitos dos empregos urbanos são gerados em função daquilo que é produzido no Município ou na região. Exemplo: o mercado de caldo de cana em todas as cidades do Brasil, geram milhares de empregos. O campo é lido com o olhar do atraso, do feio, do sem futuro, do inconcebível.

O que tem chegado até as casas e os campos das famílias camponesas nos últimos 50 anos: a televisão, falando de coisas da cidade, do moderno "urbanoide", os produtos do supermercado, os agrotóxicos e os agroquímicos, as máquinas, as sementes transgênicas e híbridas. A população camponesa que nasceu nos últimos 40 anos foi



<sup>11</sup> VEIGA, José Eli. "Destinos da ruralidade no processo de globalização", Estudos Avançados, n.51, pp. 51-67, maio-agosto 2004-a.



motivada pela Revolução Verde, pela cultura das bandas de baixo nível da indústria do entretenimento. Ela aprendeu a ver o campo com os olhos das multinacionais, com os olhos da cidade.

Durante todo este tempo o campo não foi reconhecido como importante, mas como lugar feio, do "fica lá quem é bobo". E são exatamente estes pais que nasceram nos anos sessenta que estão dizendo aos filhos e filhas para que estudem e procurem emprego na cidade. Sem política de crédito, sem política de educação camponesa, sem política de cultura, sem política de moradia, sem valorização dos produtos camponeses, resta a estes pais dizer para os filhos e as filhas que estudem e deixem o campo.

# A QUESTÃO DA SEMICULTURA

A cultura de massa se manifesta como produto de mercado, como representação dos interesses das classes dominantes. No universo da cultura de massa, o que interessa não é a produção cultural enquanto ação criativa do humano, mas as relações de mercado. Nela, as pessoas não se veem como sujeitos, como portadores de uma identidade, mas como objetos, como representação do grande fetiche que envolve uma massa de gente que não consegue se aperceber mais num processo de afirmação de seus próprios significados.

Jesus, como os antigos profetas, adotou uma postura política que fazia um profundo contraponto ao comportamento fechado e religioso do povo Judeu. Para Jesus, a religião judaica se transformou numa espécie de cultura de massa, dividida em três grupos: Esses (muito egocêntricos), Saduceus e Fariseus – que não conseguiam enxergar além do nariz por estarem presos aos interesses mais mesquinhos. É por isso que Jesus, ainda bem jovem, levanta uma questão muito forte: "não vim para trazer a paz, mas a guerra".

Para Jesus, diante do quadro da época, não adiantava derrubar o nacionalismo Judeu, nem o Estado Romano, mas criar uma consciência universal, destruindo todas as estruturas de poder, as religiões, criando comunidades autônomas, afirmadas e definidas em suas identidades.





Não vamos, de forma alguma, irromper com esta sociedade e reinventar outra sem primeiro nos situarmos no mundo, sem criarmos consciência de como estamos no mundo. Noutras palavras, sem uma consciência de classe orgânica e revolucionária.

Seguindo o pensamento de Jesus, o que impede a formação da consciência orgânica é a racionalidade religiosa que prende as pessoas aos dogmas e às instituições, caindo na imoralidade. E chama a atenção das pessoas repudiando templo.

Para Adorno e Habermas, o que reduz as classes subalternas ao mundo da semicultura é o fato de o próprio capitalismo fazer com que as pessoas se definem como representação do capital, comunicando, por meio das mercadorias, o fetiche das classes dominantes.

## O ESPAÇO CULTURAL DA JUVENTUDE

Olhando o Brasil de Norte a Sul e de Leste a Oeste, logo visualizamos como mudou o cenário da juventude. Uma grande parcela da juventude está desocupada, sem trabalho e sem se envolver em questões sociais. Estuda pensando em conseguir um emprego. Cada jovem busca se visualizar individualmente, sem se ver no coletivo no que se refere ao aspecto político.

A juventude busca encontrar-se nas praças das cidades, nos bailes, nas festas de aniversários e nos shows dessas bandas que crescem em todos os municípios. Estes são os espaços onde os jovens aproveitam para beber, fumar, fazer sexo, consumir drogas. Na verdade, são espaços coletivos, mas o que realmente vigora é o individual, onde cada um revela sua solidão.

O que estamos vendo nos últimos tempos, principalmente nas grandes e médias cidades, é o fechamento de cinemas. Estes mesmos espaços estão virando lugares de shows religiosos e bailes. Setenta por cento dos municípios com menos de 30 mil habitantes não têm livrarias Menos de 80% dos municípios brasileiros contam com biblioteca pública. Por outro lado, crescem as lojas de eletrodomésticos, de vídeo games, os espaços de vendas de CDs de bandas de baixo nível, bancas para vendas de revistas plastificadas e fitas de pornô. E









os espaços reservados às apresentações de músicas regionais, MPB e expressões culturais locais são cada vez menos frequentados.

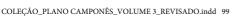
Nestes espaços, onde reina as apresentações do vazio e da sociedade de consumo estão os jovens do campo e da cidade. Cada vez mais são motivados a entrar num mundo onde não se percebem mais como cultura. São lançados dentro de um caldeirão onde tem sexo, bebida, drogas, danças, barulho e nada de cultura. Depois, no final de tudo, da "festa" nada resta deste reino sem encanto, sem viço, apenas o caos, o embriagado rumo de casa.

#### **CULTURA DE MASSA**

A escola de Frankfurt, durante os anos sessenta e setenta, produziu uma literatura muito rica sobre o marxismo a partir das grandes questões postas pela modernidade. Adorno, grande pensador Alemão, falando sobre a semicultura como negação da cultura como instrumento de reflexão, de manifestação da autonomia da comunidade enquanto sujeito social apresenta a semicultura como a cultura de massa, ou seja, o esvaziamento da razão, do sentimento de pertença a um determinado grupo social.

A cultura moderna contém uma racionalidade positivista, onde as diferenças se esmiúçam num processo agressivo de homogeneização das relações humanas estabelecidas através do fetichismo mítico presente no mundo das mercadorias. Aparece aos olhos das pessoas como se fossem deuses resplandecentes que transformam os seres humanos em espectadores do sistema. Uma espécie de sombra que não permite mais que as pessoas se vejam além de sua própria sombra, de seu próprio fetiche.

A cultura Ocidental se manifesta como uma representação do reino do capital, onde as pessoas se veem nas mercadorias e não através da relação capital trabalho, mas como algo abstrato, que foge o mundo real, do trabalho empregado na produção da mercadoria. As pessoas se veem nas mercadorias não por meio de uma relação dialética: capital/trabalho, mas simplesmente do ponto de vista do consumo, do fetiche.







Quanto mais avança o processo civilizatório, mais o técnico-científico se destaca como uma racionalidade abstrata, mais avança a subcultura e, consequentemente, a alienação. Infelizmente, em nome do moderno, do técnico, do avançado, cada vez mais os indivíduos perdem-se no individualismo e vão esvaindo-se dos significados mais profundos das relações sociais. Nesse sentido, estamos observando que os protestos sociais não se afirmam como uma organização política, como luta para reinventar a sociedade e desconstruir este modelo perverso.

Os protestos se individualizam e se afirmam como uma exigência no sentido da legalidade, da moralidade, cobrando pulso firme do Estado. Visualizando a sociedade entre o mundo dos bons, dos santos e imaculados, dos puros e castos, e o mundo dos demônios, dos maus, dos perversos. Imaginário este que aparece muito bem no mundo das novelas da Rede Globo. A leitura dos desiguais está muito presente no confronto do bem e do mal, ou seja, no sentido da moralidade.

Isto em função das pessoas não se perceberem que estão inseridas numa sociedade marcada por contradições profundas. O fetiche que tomou conta do mundo via globalização, que paira sobre toda a humanidade, muito bem veiculado pela lógica imaterial que se expressa por meio das religiões, da mídia e de todos os mecanismos oferecidos no dia-a-dia, anunciando que a ascensão social está batendo à sua porta todos os dias. Todos se sentem representados pela burguesia e a burguesia sente-se a grande representante da sociedade.

Atingimos o esvaziamento mais profundo do sentimento humano. Imagine, por exemplo, cinco, seis jovens em cima de um caminhão todo enfeitado, repetindo algumas notas e algumas palavras musicadas. E, embaixo, uma multidão seguindo-os por horas a fios como se fosse a máxima sapiens.

A sociedade já não se dá conta do rumo que o Capitalismo, conduzido por um aparato técnico científico conferido por uma racionalidade fria e calculista, está dando a multidão dos excluídos de suas identidades e da produção de seus artefatos.







Uma coisa é certa: os herdeiros de Caim são hábeis. Conseguem colocar multidões atrás dos grandes trios nas avenidas e fazer o que mandam: batem palmas e todos batem, mandam gritar e todos gritam, mandam cantar e todos cantam. Conseguem, em nome da ordem e da desordem, colocar uns contra os outros. Criam policiais para bater e matar aqueles que atrapalham o sono da burguesia. Criam os pastores para pregar o acomodamento e dizer que depois deste mundo cheio de violência tem outro mundo cheio de paz (o céu) esperando as almas que querem descansar eternamente no reino da vida.

Enfim, enquanto deliciam-se em festas, a multidão que produz toda riqueza para fazer as festas privadas, defronta-se em constante guerra e em diferentes formas de violência. E a elite, de forma sarcástica, nos chama de bandidos, de vagabundos, de perturbadores de suas festas nos lugares mais nobres que as mãos calejadas dos excluídos construíram. Enquanto as relações são embrutecidas cada vez mais nos espaços que se afirmam como públicos, nas cadeias e nas "FE-BENS" da vida, nas salas de aula e nos templos são ditas coisas bonitas para que todos se acomodem à lógica da ética Calvinista<sup>12</sup>. Todos e todas estão sendo moldados à sujeição ao capital e à representação da ordem. Se entre nós existem pessoas que ainda cultivam a santa e imaculada ilusão de que os gritos de dor, recheados de sentimento moralista, diante de milhares de vítimas da barbárie produzida pela lógica burguesa, vão tocar no calcanhar de Aquiles da burguesia, ledo engano. Ou nasce do meio deste reino sem rei, desta realidade confusa e complexa, uma utopia, uma voz organizada que aponte outro mundo, ou vamos todos nos definhando neste reino guiado pela falácia da ilusão.



<sup>12</sup> O calvinismo é tanto um movimento religioso protestante como um sistema teológico com raízes na Reforma Protestante, iniciado por João Calvino em Genebra no século XVI. De acordo com o sociólogo alemão Max Weber na obra A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo (1904), o princípio teológico fixado por Calvin na base do calvinismo resulta em economia e local de trabalho como o sucesso nos negócios: ficar rico, ganhar uma posição na empresa e, portanto, ter sucesso nos negócios não é apenas um fim em si para o crente calvinista (de acordo com a interpretação weberiana), mas também tem o propósito de entender se Deus o considerou digno de sua graça. A distinção entre certo e errado não se resolve por meio de uma descoberta da dialética e sim pela revelação divina do que é bom e mal.



#### **CULTURA E TERRITORIALIDADE**

A passagem do estado de natureza para o estado de direito não significou, na verdade, um acordo assumido publicamente e livremente, onde a sociedade civil aceitou abandonar sua liberdade em troca de uma liberdade vigiada e punida pelas normas do Estado, conforme Michel Foucault.<sup>13</sup>

O que ocorreu, na ação civilizatória da sociedade segundo Karl Marx foi um processo de privatização violenta dos meios de produção e uma apropriação do produto resultante das forças produtivas por parte de uma classe que se impôs como redentora, como dominante. E essa mesma classe passou a impor leis e regras aos povos que iam sendo violentados.

Não podemos ignorar que esta violência continua muito mais intensa para dentro e quase nada para fora. Está oculta. A destruição das identidades culturais e a desterritorialização dos povos camponeses são parte da luta contra os bárbaros, aqueles que estão nas fronteiras. A barbárie contra o outro para ocupar o seu território se dá em todas as direções. Ele, o capital, é insaciável, é de sua própria essência ocupar todos os espaços, apropriar-se de tudo. Todo e qualquer povo que perde sua base material, objetiva, esgota-se enquanto subjetividade, identidade cultural. Perde a sua narrativa, seus modos e seus fazeres. Perde o rumo. Ao perder o caminho, o que resta é reorganizar-se para reconquistar a base material perdida.

#### **TIPOS DE CULTURA**

**CULTURA POPULAR:** São manifestações das diferentes expressões presentes no campo e na cidade que se expressam por meio de valores, costumes, tradições sociais, religiosos, econômicas. São saberes construídos pelo povo e que foram acumulados ao longo do tempo, passando de geração para geração, e que garantem as identidades e sentimentos de cada modo de vida. Estes modos culturais estão continuamente sendo impactados pela cultura dominante, que



<sup>13</sup> FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir: nascimento da prisão 36ª ed. Petrópolis: Vozes, 2009.



aliena e tenta a todo custo esvaziar estes embelezamentos e estas cores que o povo construiu e continua construindo para poder se afirmar.

**CULTURA ERUDITA:** É cultura produzida nas universidades e academias por uma minoria que, quase sempre, por uma questão econômica tem o acesso ao mundo do estudo e das pesquisas. O conhecimento produzido nas universidades como medicina, engenharia, agronomia, teatro, cinema e demais ciências, não serve ou não são colocados a serviço do povo. A EMBRAPA, por exemplo, recebe verbas públicas para fazer pesquisas, mas quem determina o que deve ser pesquisado são as grandes empresas que controlam o agronegócio.

CULTURA DE MASSA: É cultura que aliena, que engana e chega, quase sempre, gratuitamente até o povo via os grandes meios de comunicação de massa. A produção da cultura de massa acontece de forma bem articulada e tem objetivos bem definidos. A cultura de massa se organiza e se manifesta por meio de conteúdos que chegam até o povo com muita facilidade pelo fato de atingir exatamente o imaginário do povo, como: doenças, religião, música, ajuda, cura, político, econômico. Tudo isso dentro de uma linha alienadora.

Não podemos correr o risco de colocar cultura de massa, comunicação de massa e indústria cultural no mesmo saco e achar que tudo é a mesma coisa. Com exceção da cultura de massa, todas surgem com a revolução industrial. A Cultura de massa antecede à revolução industrial. Nasce com o avanço do mercantilismo. Mas, com o avanço da revolução industrial, nasce uma indústria cultural com o objetivo de produzir para consumir e, ao mesmo tempo, veicular essa produção por meio da propaganda.

O mundo da pós-modernidade que se enfatiza muito por meio do mercado, onde tudo vira mercado, inclusive a religião, deus, consegue fazer algo extremamente alarmante: destruir as referências históricas e ancestrais das comunidades humanas. As representações criadas por cada povo ou comunidade são devastadas, em outras palavras, elas perdem suas referências de representação e passam a ser representadas por outros, pela sociedade de consumo. E trabalha para consumir e não para viver, trabalha em função daquilo que o mercado cola nas vitrines e em como ter acesso a esses produtos.





Mas, ao perder suas referências, os indivíduos buscam, por meio da cultura de massa, do consumismo, dos mecanismos de dominação, algo que lhe possa ser referência. Espelha-se em produtos, em artistas que são mostrados como famosos. São criados estereótipos, fetiches, onde as pessoas buscam formas de se encontrarem.

**COMUNICAÇÃO DE MASSA:** Os meios de comunicação de massa têm como objeto fazer com que as pessoas se vejam e se referenciam por meio dos programas de entretenimento. As pessoas não se veem, mas se espelham naquilo que é introjetado em seus imaginários como referência - e o mundo que entra nas casas passa a ser o mundo visto e reconhecido por elas.

A CULTURA DA INTERNET: Ao mesmo tempo em que a Internet se apresenta como um meio de comunicação rápida, ágil, vem trazendo danos ao conjunto da cultura, principalmente no que diz respeito ao mau trato à língua falada por cada povo e a destruição brutal de milhares de signos construídos ao longo da história da humanidade. O avanço do analfabetismo, em nome da modernidade, no que diz respeito à escrita e à leitura, sem contar que o encantamento e a magia da cultura de cada povo está sendo substituído por uma racionalidade puramente voltada para o mercado.

# A IMPORTÂNCIA DA LEGITIMAÇÃO DO CONHECIMENTO POPULAR

Historicamente a burguesia vem se apropriando dos conhecimentos construídos por meio das comunidades tradicionais. Sem essa apropriação e legitimação efetivado através da academia, não seria possível da dominação e hegemonia de uma classe social, ou seja, da burguesia, sobre a classe trabalhadora.

Entendo que temos pela frente uma tarefa importante – o controle político e ideológico de nossos conhecimentos, não permitindo que eles sejam legitimados pela academia burguesa. Pesquisar e aplicar os conhecimentos populares, dentro da construção de outra visão de mundo, de humanização, é uma tarefa crucial e extremamente revolucionária.







As comunidades camponesas, dentro do processo de construção, de negação e de afirmação da sociedade que queremos, têm uma tarefa enorme. A produção e a reprodução das mesmas, além das intervenções que podem gerar no conjunto da sociedade, dependerão muito da produção daquilo que o Levy Strauss chamou de ciência do concreto, ou seja, da construção de conhecimentos agroecológicos que vão além do local onde são produzidos.

É importante ficar claro em nossas cabeças, que a construção dos conhecimentos agroecológicos não acontece de forma linear, mas por um caminho dialético. Requer cotidianamente o enfrentamento com o agronegócio burguês, com este modelo de produção e reprodução legitimado todos os dias nas salas de aula.











**(** 



# CAPÍTULO V SOBRE AS JUVENTUDES

#### **JUVENTUDE E SEXO**

Cresce, largamente, em todo o Brasil, a busca cada vez mais precoce da primeira relação sexual. Setenta por cento da juventude está tendo a primeira relação sexual, em média, aos 15 anos e meio de idade. Destes, segundo o IBGE, 76% tiveram a primeira relação entre 10 – 17 anos de idade, e com maior a incidência de gravidez em meninas com idades entre 15 e 16 E, apenas 45% revelam ter relações com seus namorados e namoradas. Mais de 50 % assumem ter relações com parceiros diversos. Isso implica no aumento das doenças sexualmente transmissíveis. Existem dois fatores que estão propiciando a juventude ter vida sexual cada vez mais cedo: por um lado, a motivação por meio da mídia, dos filmes pornôs, do contato quase direto com revistas e motivações de "amigos e amigas" e, por outro lado, o "amadurecimento biológico" precoce.

O consumo de uma alimentação cada vez mais a base de hormônios acaba apressando a atividade sexual. Já é muito comum em nosso meio o encontro de adolescentes com bebidas, onde tudo acontece e muitas vezes com a permissão dos pais. A mesma sociedade que se demonstra rígida quanto ao trabalho de crianças e adolescentes, torna-as extremamente frágeis quanto ao comportamento em festas que viram a noite e conduzem a moçada para outros caminhos.

Resta aqui uma questão que merece aprofundamento. O fato de a juventude estar buscando a vida sexual mais cedo não significa avanço sobre os significados da sexualidade. Ela está buscando mais em função da forte pressão da mídia e da sociedade como um todo. Segue aquilo que é posto pela ideia de que ser moderno é fazer aquilo que agrada o conjunto das ideias dominantes da sociedade.

Hoje, o que está mais presente no território imaterial da juventude: aparecer bem enquanto visual, sendo a preocupação maior





com a compra de produtos de beleza e a presença em salões, ficando a aquisição de livros de momentos de leitura e participação em lutas sociais em último lugar.

Segundo dados da Organização Internacional do Trabalho de 1994, do conjunto da força de trabalho a nível mundial, a juventude representa 23.5%, sendo que 40% deles estão desempregados. Isso não implica dizer que, mesmo diante deste quadro grave, a preocupação principal da juventude seja a de buscar formas de como interferir no modelo de desenvolvimento. Suas preocupações principais estão mais voltadas para a segurança, o desemprego, o prazer, o esporte e formação profissional

# JUVENTUDE, INSERÇÃO SOCIAL E POLÍTICA

Mesmo sendo cria de uma geração, de um tempo onde a palavra-chave exposta pela sociedade é o "crescer na vida, ficar rico a todo custo", poder aparecer na sociedade, consumir ao máximo, essa geração juvenil sente todos os dias, na carne, as graves consequências resultados deste modelo econômico neoliberal. Mas não reage.

Gostaria de buscar apontar alguns aspectos que muito contribuem para a forma como este quadro está configurado.

O primeiro ponto refere-se ao fato desta juventude não estar sendo convidada ou convocada a fazer a conversa sobre a realidade sociopolítica e econômica que permeia o tecido humano. O conteúdo escolar, quando muito avança, toca de leve nos problemas, mas não consegue visualizar as contradições geradas pelo conflito de classes. A sociedade dos desiguais não aparece.

O segundo ponto reside no fato da juventude não ter um referencial teórico para poder compreender a sociedade. Tem uma visão de chavões e totalmente fragmentada e não orgânica. Os grandes clássicos da história e principalmente o Marxismo estão descartados das salas de aula.

O terceiro ponto está no fato desta juventude estar tendo uma compreensão da sociedade por meio de uma mão única, vendo o mundo sempre com os óculos da mídia. A comida é padronizada, en-







fim tudo está sendo visto por um único olhar. Não consegue perceber as diferentes culturas e os sentimentos identitários.

O quarto ponto é que a juventude consegue falar do social, mas não do político ideológico. Marxismo, luta de Classes, ideologia, organização política, contradições entre capital e trabalho, são expressões que não aparecem mais no dia-a-dia da juventude.

O quinto ponto é resultante dos aspectos acima. A juventude olha o mundo a partir do "meu" interesse - do estudar muito e ser aprovado num concurso público, ganhar uma boa grana e os demais que se danem.

#### A CULTURA DO TRABALHO

O termo emprego que muito se afirmou a partir do século XVIII, com a Revolução Industrial, tem como ponto de partida garantir as relações patrão x empregado. O emprego, na verdade, faz parte da estrutura capitalista, das leis da oferta e da procura. O capitalismo cria os empregos conforme seus interesses. Milton Friedman, Fukuyama, Hayeck, teóricos do neoliberalismo afirmam que o desemprego é muito bom para o capitalismo acumular mais fortunas, o que obriga a classe trabalhadora a negociar com o patrão.

É por isso que o nosso debate precisa ser feito em torno da importância do trabalho e não do emprego. É muito incômodo saber que mais de setenta por cento dos jovens rurais que estão cursando o segundo grau, afirmam estar estudando para conseguir um emprego na cidade.

No norte do Estado do Espírito Santo, milhares de jovens deixaram suas propriedades e foram se empregar em facções que são empresas pequenas e médias, que prestam serviços para grandes empresários de São Paulo. Estes jovens levantam entre quatro e cinco horas da manhã, preparam a comida e vão para o trabalho. Das onze horas ao meio dia, eles voltam correndo para casa onde almoçam e saem novamente muito ligeiro para o trabalho e vão até cinco horas. Oitenta por cento deles reclamam não ter condições de comprar a comida e pagar o aluguel. Recebem ajuda das famílias, ou seja, da









renda obtida na lavoura. Quase cem por cento empregam os salários recebidos em moto ou carro velho.

A juventude está sendo cada vez mais motivada em buscar o emprego e não lutar por trabalho. O trabalho enquanto espaço criativo, inventivo, onde as pessoas possam produzir e reproduzir suas condições subjetivas e materiais, independente de lucro. As comunidades camponesas, por exemplo, podem estruturar-se no sentido de garantir a criação de trabalho para todas as pessoas que fazem parte da comunidade, transformando a banana, o coco, o leite, a macaxeira, o café, a carne, o milho, a batata, a cana, as frutas, o mel, o algodão, além da produção de artesanato.

O importante é garantir a comida para todo mundo e poder vender o excedente na feira. Cabe ao Estado garantir a estruturação para garantir trabalho para todos, por meio de políticas públicas adequadas a cada realidade e assim por diante. Não tendo isso, os jovens começam a brigar por emprego e, automaticamente, por salário.

Precisamos colocar a questão do trabalho em debate no sentido de devolver ao labore, ao fazer a terra produzir, ao fazer a transformação da produção, o significado criativo, de realização humana, de satisfação, de encantamento.

#### JUVENTUDE CAMPONESA E QUESTÃO CULTURAL

O que mexe ou mobiliza a juventude camponesa? O que existe de política pública que oferece ao jovem da roça algo que lhe dá viço, que sensibiliza para uma maior inserção na sociedade?

Podemos dizer que os espaços que envolvem os jovens são, em sua grande maioria, construídos pelos próprios jovens. São as festas de aniversários, os jogos de futebol nos pequenos campos da comunidade, os bailes movidos por bandas ou os forrós organizados pelos grupos de jovens. Não são oferecidas, por meio de políticas públicas, oficinas de dança, de poesia, de artesanato, de viola. Existem algumas oficinas que capacitam para questões práticas no campo da produção.





O certo é que de uma forma ou de outra, a juventude camponesa, em sua maioria, participa de algum tipo de atividade. O que nos preocupa, e muito, é o fato da juventude não estar sendo sujeito, protagonista, libertário, construindo outro modo de vida em sociedade. Ela está indo muito no balanço que vem de fora.

Dentro da família camponesa, os jovens não se sentem parte no tocante ao processo produtivo. A razão disto reside na falta de oportunidades oferecidas aos jovens pelos próprios pais. Não sentindo-se parte no processo de decisão da administração da propriedade, o jovem acaba desanimando e vai à busca de trabalho fora. Os problemas oriundos das relações machistas e patriarcais que ainda estão presentes em muitas famílias camponesas, não são assuntos colocados em debate nas salas de aula, nem pelas religiões que estão muito mais preocupadas com discursos apologéticos, longe do mundo da iuventude.

Não sendo contemplada e referenciada na família, nem na religião, na escola e às vezes nem nos movimentos sociais, a juventude camponesa está decidindo (50%) frequentar a escola com o objetivo de conseguir um emprego, sabendo que a escola não prepara nem para o mundo do trabalho e nem para a vida.

**IMPORTANTE**: nas famílias camponesas onde os rapazes e moças encontram uma abertura maior, ou seja, há diálogo mais aberto, os jovens destas famílias estão buscando formas de investir na propriedade, de produzir comida e pensam em continuar na terra por se sentirem parte, sujeitos.

Existe uma camada muito grande de jovens camponeses que está fora da escola. Parte desta camada excluída está buscando as fileiras do MST, de outros Movimentos de luta pela terra, além do Crédito Fundiário.

Falta, tanto nos assentamentos como nas comunidades camponesas, investimentos em teatro, danças, música, poesia, agroindústria, produção de artesanato, capacitação tecnológica. Falta, enfim, juntar produção, formação, capacitação, cultura e mercado local.

Faz parte do universo cultural da juventude sair de seu mundo, conhecer outros lugares, participar das atividades, ter autonomia, construir novas relações, voltar para seu mundo e recomeçar de tudo de novo.











**(** 



## **CAPÍTULO VI**

## O PLANO CAMPONÊS E A PRODUÇÃO DE ALI-MENTOS SAUDÁVEIS

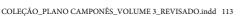
Quando falamos de Plano Camponês no campo da produção de alimentos, não estamos falando simplesmente dos modos ou dos sistemas camponeses de produção. Estamos falando de sustentação do planeta, da agro biodiversidade. Estamos falando da democratização da terra, de novos modos de organizar a produção, de mercado e de consumo. Estamos, na prática, negando todos os pacotes que todos os dias nos são empurrados, através das propagandas, para dentro das comunidades camponesas.

Em função dos pacotes tecnológicos que dão sustentação ao modelo de produção do agronegócio, estamos vendo muitos modos de produção autossustentáveis sendo violentados.

Neste sentido, o que queremos e defendemos é algo que vai além da preservação das sementes crioulas, da produção de comida limpa, da reforma agrária, enfim, dos próprios modos de produção autossustentáveis. Podemos ter milhões de comunidades camponesas produzindo dentro de parâmetros agroecológicos fechadas em guetos, sem alterar em nada a miséria no mundo, o consumo de venenos e sementes modificadas, com milhões de camponeses sem acesso à terra - sem alterar, pelo menos, as correlações de força entre as elites e a classe trabalhadora.

Os sistemas camponeses de produção autossustentáveis só têm sentido se estiverem configurados numa constelação ideológica que tem como objeto a transformação da sociedade, ou seja, o fim das relações de dominação, exploração e espoliação da classe trabalhadora. Não tem nenhum sentido produzir comida limpa, saudável para alimentar bem a burguesia que nos explora.

Se compreendermos o Plano Camponês simplesmente como um modelo de produção agroecológico e até mesmo com uma visão crítica ao agronegócio, estamos, na verdade, reduzindo o plano







e ignorando seu verdadeiro significado. Por isso, o debate sobre a produção precisa ir muito além das práticas agroecológicas. Não tem nenhum sentido, por exemplo, não utilizar os agrovenenos, ou sementes modificadas, sem a superação da visão romântica da produção. Toda a nossa prática camponesa precisa ser sustentada por uma afirmação ideológica que negue profundamente quem nos domina, e quem nos nega.

## CONTROLE IDEOLÓGICO DA PRODUÇÃO

Nos últimos anos, com o avanço do agronegócio, grande parte da produção camponesa vem sendo definida, desde o tipo de sementes, de adubo e até o mercado, por um pequeno grupo de grandes empresas. São as grandes corporações que determinam o controle político, ideológico e econômico da produção de comida. Além do controle da produção, as grandes empresas definem as classes sociais que podem ter acesso ao mercado. Esse tipo de perversidade arquitetada pelo mercado faz com que bilhões de seres humanos quase não tenham acesso ao alimento. O que interessa, na lógica perversa dessas grandes corporações, não é possibilitar que o povo tenha acesso ao alimento, mas garantir os exorbitantes lucros. A WalMart, por exemplo, controla sessenta por cento do mercado de alimentos nos Estados Unidos.

É impossível, neste sentido, fazer o dbate da produção deslocado do debate da democratização do acesso à terra, da semente, da água, dos instrumentos de produção e de mercado. E tendo clareza que alimento não é uma mercadoria, um meio para se ganhar muito dinheiro, mas um bem para alimentar bem toda a humanidade. Tanto os produtores de alimentos como os consumidores devem ter a compreensão política e ideológica de que o alimento não deve se configurar na sociedade por meio de uma relação de apropriação de mais valia, mas por uma relação de bem estar social. Cabe, neste sentido, o preço justo para quem produz para poder continuar produzindo e também para os consumidores.

Terra, água e produção de alimentos para alimentar a humanidade precisam ser vistos e reconhecidos por todos os povos como bens dos povos e a serviço da humanidade. Ou seja, somente numa







relação de sistemas de interação sustentável entre formas de acesso à terra, a água, a produção e ao consumo. No modelo capitalista, isso é completamente impossível.

Urge aqui uma questão de fundo para a Via Campesina: não basta o conjunto das comunidades camponesas e os movimentos do campo ter este entendimento, se os consumidores da cidade não se envolverem nos debates em torno da produção de alimentos como reforma agrária, política agrícola, política dos insumos por parte das corporações nacionais e internacionais, sistemas de produção agroecológicos, controle dos alimentos, soberania e segurança alimentar. Essa, sem sombras de dúvidas, é a questão de fundo que mexe com toda a humanidade.

Partindo deste princípio e desta afirmação, fica evidente para o MPA que a produção agroecológica, os sistemas agroindustriais de mercado direto, os debates das sementes crioulas são importantes, mas não abarcam o conjunto de reflexões e práticas libertárias que estão na essência do plano camponês. Exemplo, uma coisa é a produção agroecológica feita por uma ONG que pensa em ficar rica. Outra coisa deve ser a compreensão política e ideológica que sustenta a produção agroecológica que visa transformar a sociedade, o fim das desigualdades e a sustentação do planeta.

## MATERIALIZAÇÃO DO PLANO CAMPONÊS

Sabemos que o Plano Camponês é uma elaboração teórica em construção a partir das diversas realidades que configuram o campesinato brasileiro. Por isso se impõe como uma estratégia para dentro do Movimento dos Pequenos Agricultores. Em nossas jornadas de luta, tendo em vista o campo e a sociedade que queremos, por meio de nossa pauta de luta, apontamos os desafios inerentes ao campesinato no tocante às questões agrária, agrícola, educacional, produção de energia renovável, mercado, luta contra o agronegócio, defesa dos biomas, enfim, da agro biodiversidade.

Mas, na verdade, esses grandes desafios só se afirmam, ganham feição no rosto da sociedade (campo e cidade) a partir de nossas práticas lá na roça. Hoje, por exemplo, todo mundo está falando





115



que agroecologia, isto ou aquilo, mas que sentido tem fazer um montão de experiências agroecológicas sem visualizar a construção de uma sociedade diferente.

Os detentores do capital, que são as grandes corporações nacionais e internacionais, afirmam que é preciso continuar investindo muito dinheiro na modernização da agricultura para vencer a fome e a miséria no mundo. Há mais de cinquenta anos estas grandes corporações estão dizendo isso e a fome continua crescendo e as terras estão cada vez mais danificadas. A França, por exemplo, que havia negado investimentos em tecnologia transgênica, agora, por razões econômicas, volta a defender a produção de sementes modificadas.

O que está em jogo, dentro dos grandes interesses colocados pelo capital, é a produção de tecnologias (máquinas, sementes modificadas, venenos, controle de mercado) para vender aos produtores.

Enquanto o agronegócio se apresenta como uma racionalidade extremamente tecnificada, tudo é pensado com a visão de mercado. A agricultura camponesa, dentro da compreensão do Plano Camponês, parte do princípio que é preciso organizar a agricultura sobre uma base ética. Primeiramente, democratizando o acesso à terra, a água e aos conhecimentos necessários, e não para serem comercializados, mas produzidos em bases coletivas. Sendo o conhecimento um acúmulo histórico da humanidade, dos povos, com suas diferentes identidades culturais, como privatizá-lo e fazer dele uma mercadoria, principalmente no que diz respeito à produção de comida.

Estamos percebendo, a partir destas questões, que colocar o Plano Camponês em prática e materializá-lo, não se resume somente em fazer a agricultura agroecológica e vender diretamente ao consumidor. O Plano Camponês requer a construção de uma grande reflexão, envolvendo campo e cidade, instituições de ensino e a sociedade em geral sobre produção de comida saudável, vida de qualidade e vida para a biosfera. Nesse sentido, o Plano Camponês é entendido como um instrumento político filosófico, pois é provocador de novos debates e reflexões a respeito das nossas relações com o planeta e com as pessoas.







E, dentro de tudo isso, a formação tem um enorme significado, que é o de ajudar os camponeses e as camponesas a se verem como classe social a partir das lutas históricas, inclusive como parte fundamental das grandes revoluções que marcaram o mundo. E tendo a compreensão deste processo dialético de contestação e afirmação histórica, de expropriação e apropriação dos meios de produção, que o campesinato consegue ver-se como uma classe social para si. Cabe ao campesinato dar-se conta que é a apropriação violenta do seu trabalho por meio da renda bruta da terra, que define os salários baixos pagos aos operários e a concentração de riquezas nas mãos dos empresários.

#### PÃO OU COBRE DOIS OLHARES SOBRE A TERRA

Não podemos olhar para a produção camponesa com um olhar romântico, onde tudo é permeado por relações que dão sentido ao respeito à vida, a natureza, ou seja, onde tudo é agroecológico. As ideias dominantes, dentro do conjunto da produção e do mercado, são as ideias do agronegócio. No dia-a-dia, os homens, as mulheres e a juventude estão se vendo no canal do boi e em tantos outros programas que falam do modelo de agricultura sob o comando das grandes corporações do mundo. Essa realidade nos coloca, então, a seguinte pergunta: como desterritorializar o modelo que nos massacra, tão enraizado no imaginário da sociedade.

Sabemos que o modelo de agricultura moderno e agroexportador tem como objetivo produzir não comida, mas mercadorias de luxo que vão parar dentro das grandes redes de supermercados (Wall Mart, Carrefour, Pão de Açúcar e outras) e que serão consumidas por uma parcela pequena de gente e de animais de luxo. E é exatamente esse modelo devastador da natureza que mais recebe recursos públicos para produção de tecnologia específica para os grandes.

No outro lado do rio está a agricultura camponesa fazendo o contraponto ao modelo do agronegócio. No mundo, quase três bilhões de seres humanos vivem em pequenos pedaços de terra produzindo alimento com suas famílias. Mais de oitocentos milhões vivem ao redor das cidades fazendo agricultura. É interessante frisar que







essa multidão de camponeses não tem acesso às tecnologias avançadas e isso é muito bom...

A importância desse jeito de cuidar da terra, de fazer agricultura, não está na modernização tecnológica, nem em investimentos feitos pelo Estado, mas no conhecimento e na sabedoria cumulados ao longo de muitos anos. Naquilo que Levy Strauss chamou de ciência do concreto, de uma construção de valores, de experiências a partir de cada realidade. de cada modo de vida.

#### **SOLOS ADEQUADOS PARA A AGRICULTURA NO MUNDO**

Estudos sobre climas, tipos de solos, disponibilidade de água para a agricultura no mundo, mostram que apenas 16% das terras do planeta oferecem condições adequadas para a produção de comida no mundo. Isso corresponde a quase dois bilhões de hectares. Parte significativa destas terras está na América do sul, principalmente no Brasil. Acontece que essas terras se encontram nas mãos de latifundiários e servindo ao agronegócio. Mas, nos chama a atenção os milhões de pequenos agricultores, com até dois hectares de terra, metidos em áreas montanhosas, em solos semiáridos produzindo comida, responsáveis por mais da metade da produção de alimentos no mundo. As terras de boa qualidade, os chamados latossolos vermelhos estão sob o controle dos latifundiários. E são os que mais têm acesso aos recursos disponibilizados pelos governos no mundo.

Graças à resistência destes camponeses e camponesas, através de seus conhecimentos historicamente acumulados, conseguem manter-se no campo produzindo comida para suas famílias e comercializando o que sobra nas feiras locais. Estes modos de vida, por meio de suas lutas, de seus esforços, organizando-se em movimentos de luta, estão conseguindo fazer com que os governos destinem pequenos recursos para melhorar suas rendas. O Brasil, nos últimos anos tem dado passos significativos.

#### **SOLOS LUVISSOLOS**

Os solos do semiárido nordestino são rasos, com profundidade entre 40 e 60 centímetros. O que estes solos se diferenciam dos solos do Sul, do Sudeste e do Norte do Brasil? O diferencial está no fato de





serem ricos em nutrientes, mas se não forem bem cuidados, podem ser facilmente destruídos. Os sistemas de irrigação, que estão sendo feitos em várias regiões do semiárido, podem levar, num espaço de tempo bem curto, ao que chamamos de salinização. Outro problema que muito aparece são as formas inadequadas de aração do solo.

A utilização de máquinas pesadas e aração profunda produzem, muito rapidamente, a degradação do solo. Precisamos nos dar ao trabalho de compreender, com certa urgência, que fazer agricultura não significa simplesmente exigir da terra que ela produza muito, impondo-a sistemas tecnológicos ultramodernos, mas cuidando da terra. Cultivar quer dizer cuidar da terra, construir sistemas de manejo do solo.

O semiárido é fortemente marcado por ventos secos e constantes, o que produz a erosão eólica, além de favorecer a transpiração do solo e ressecar as plantas. A criação de gado de corte solto na caatinga acaba trazendo danos irreparáveis ao ecossistema. Outra coisa que não cabe de jeito nenhum no semiárido são os grandes plantios homogêneos.

Não adianta pensar em política de crédito para o Nordeste sem levar em conta o modo com o cuidar da terra, como conviver em meio à caatinga. Os grandes projetos, por exemplo, estão sendo implantados à revelia das condições concretas. O que importa ao grande projeto para a região é o interesse econômico e não as questões que são mais de fundo como garantir as comunidades camponesas no campo, favorecer as formas de conservação do bioma, recuperar as áreas degradadas e a produção de alimentos a partir da realidade socioambiental.

# QUINTAIS PRODUTIVOS - SISTEMA CAMPONÊS DE PRODUÇÃO AGROECOLÓGICA

Grande parte da alimentação produzida no mundo, cerca de sessenta e cinco por cento, ocorre em pequenas áreas, nas proximi-





dades das moradias camponesas. São áreas de até dois hectares, ou seja, de zero a seis tarefas.<sup>14</sup>

Para se produzir no entorno da casa, da moradia ou da oca, como dizem os povos indígenas, é preciso água disponível para irrigar os plantios. No caso do semiárido brasileiro, uma das questões que mais dificultam as famílias que querem garantir os quintais produtivos, é a falta de uma política de água bem ampla que ajude as famílias a produzirem. Hoje está provado, partindo das práticas produtivas já existentes, que basta um bom conhecimento das condições do terreno e um bom planejamento de produção, que é possível garantir, numa pequena área, alimento para a família e até mesmo vender na feira.

Diante disso, seguem abaixo, algumas orientações que poderão servir de embasamento para organizar o sistema de produção no seu quintal.

- 1) Caso o seu desejo seja a produção de hortaliças durante o ano todo (alface, couve, coentro, cebolinha, cenoura, quiabo, pimentão, beterraba, chicória...) construa, nalgum canto do terreno, um espaço para produção de compostagem. Utilize para a produção do composto orgânico, todos os restos de alimento, folhas da própria caatinga, estrumes de cabra, gado, porco, galinha. Um espaço medindo 2x1 e com meio metro de profundidade é suficiente para se produzir bastante adubo natural. Encha o espaço com os produtos citados acima, molhe bem, mexa, cobre com uma lona e, se possível, coloque um vergalhão de ferro no meio para medir a temperatura e remexa de 15 em 15 dias até ganhar uma cor parda escura. Nunca utilize o adubo enquanto estiver quente.
- 2) A área onde serão feitos os canteiros necessita de cobertura verde ou um sistema de sombreamento feito com sacos de nylon, sombrite ou uma cobertura verde feita com maracujá, o engradado, tanto para colocar os sacos de nylon ou servir de suporte para a ramificação do maracujá, pode ser feito com arame liso num espaçamento de quarenta centímetros de distância entre fios.



<sup>14</sup> Tarefa: unidade de medida muito utilizada no Nordeste com tamanhos variados por região, geralmente entre 3 a 5 mil metros quadrados

- •
- 3) Para economizar água, os canteiros podem ser feitos colocando uma lona de plástico preto no fundo do canteiro ou cimentar. O importante é o bom nivelamento do terreno. Os canteiros podem ser 5x1.2º com trinta de profundidade. Coloque sobre a lona ou piso, o esterco misturado com trinta por cento de terra, trinta por cento de área escoada pela chuva e o restante de esterco.
- 4) A cobertura verde permite produzir o ano todo sem danos em função da incidência de raios solares. A planta precisa receber sessenta por cento de energia solar durante o dia.

### **CONSTRUINDO REFERÊNCIAS**

Não podemos negar que o avanço da política econômica globalizada trouxe e continua trazendo consequências graves para grande parcela da humanidade. Produziu dissabores e desbotamentos no campo da cultura, dos sentimentos territoriais, da produção e dos mercados locais, enfim, fez com que as relações humanas se prendessem aos interesses mais economistas, isto é, a corrida por dinheiro e por apropriação dos saberes dos povos tradicionais. Fez-se presente, no imaginário dos povos, a ideia do ter, do possuir a todo custo, de se colocar como marca registrada o luxo, a grandeza, o aparecer para o mundo como sendo "capaz de ganhar dinheiro".

O importante é "ser famoso" conforme determina o sistema, o modelo de consumo que se impõe às pessoas. Os meios de comunicação de massa decidem o que fazer com certas pessoas, como é o caso dos ditos craques do esporte, as modelos do sistema de consumo. A mídia, patrocinada por multinacionais, ilustram certas pessoas e faz delas referência para todas as pessoas. Criou-se uma linguagem padrão, um modo de como as pessoas devem aparecer para a sociedade e para o mundo.

As culturas e as identidades locais, os modos de ser e de fazer a vida se revestir de certos significados, próprios da criação e da inventividade humana, estão perdendo importância a cada dia. As pessoas vão ganhando importância e expressão para a sociedade na medida em que melhor servem à lógica do consumismo, ao modo de se ver







no mundo e de se sentir no mundo que agrada ao modelo de desenvolvimento das elites.

Mesmo com a derrocada do socialismo como grande referência da classe trabalhadora e da destruição de milhares de comunidades camponesas e povos que viviam profundamente referenciados sob suas culturas; mesmo com o avanço em passos largos de uma grande parcela da humanidade rumo à miséria; mesmo com o distanciamento entre as pessoas num mundo repleto de meios de comunicação de massa; mesmo dentro de um modelo de mercado que oferece o tempo todo milhares de produtos ao povo sem que ele possa comprar, não podemos deixar de colocar em evidência que existe uma grande parcela de comunidades e de organizações que estão fazendo frente ao modelo, que estão - mesmo com pouco espaço nas estreitas fendas do sistema - afirmando que a construção de outro modo de ser, de produzir as relações entre as pessoas depende da construção de outra concepção de mundo, de planeta, de biosfera, de ser humano e de produzir a própria existência.

Temos que ter claro que a construção de outra compreensão e de relação com o mundo, certamente não virão das instituições que servem ao modelo, que estão a serviço do sistema de consumo, que afirmam os significados da sociedade a partir do individualismo - mas da construção de outro projeto de mundo e de como podemos viver no mundo de outra maneira.

Neste processo de construção de outro projeto de humanidade, podemos dizer que existem três aspectos importantes que favorecem a alimentação de nossa utopia, que nos ajudam a visualizar, no fim do túnel, o socialismo como um novo modo de ser e de viver no mundo.

O primeiro aspecto: a grande maioria da humanidade ainda não foi corrompida pela lógica da barbárie, de pensar e ver o mundo somente a partir do protótipo da riqueza, do consumismo a todo custo.

Segundo aspecto: a própria lógica do capitalismo, por não ter fronteiras, por colocar o lucro acima de tudo, por pensar somente em acumular riquezas, cria, em meio à sua *ractio perfectae*, suas contradições.

Terceiro aspecto: faz parte da essência humana, diante das contradições dadas observar, por meio de outras práticas de vida e de







outros discursos, que é possível a construção de outras trilhas por entre as florestas, matos e matagais que ainda resistem. Que é possível reinventar, redesenhar outro olhar para o mundo e para as pessoas, que é possível ir ao deserto e trazer à vista, ao tempo *kairós*, as memórias de nossos ancestrais e, desta forma, postular e fazer ganhar vigor o projeto de mundo que o passado já havia deixado para nós.

### COMO, ENTÃO, DAR VIGOR À UTOPIA AFIRMADA EM SONHO?

A materialização do projeto de sociedade, da utopia e da humanização não serão frutos de discursos bem elaborados, de ações perfeitas, bonitas, e até comoventes, do crescimento de número de organizações governamentais e não governamentais. Mas de uma compreensão orgânica de mundo, de um projeto de humanidade, que seja produto da Classe Trabalhadora, capaz de inserir nele os sentimentos dos povos, das culturas excluídas, das referências de modos de vida e de ser humano que não foram usurpadas pelo sistema de dominação.

As práticas isoladas das minorias, dentro do modelo de desenvolvimento, acabam reforçando, ainda mais, o sistema. Precisamos construir referências de inserção no mundo, de relação com o mundo, de comunicação entre as pessoas que tenham como desenho, como utopia, a materialização de outro mundo. Noutras palavras: uma nova prática de produção e de mercado, de inserção e de comunicação no mundo, que tenha como desenho, outro olhar sobre o mundo e que seja revestida com uma ideologia revolucionária.

O caminho está naquilo que se expressa como eixo central deste texto: a volta ao deserto, seguindo, em boa parte, as mesmas trilhas por onde nossos antepassados deixaram suas marcas, cravaram suas memórias, e lá, com muito jeito, com muita dedicação, (re)descobrir, (re)dimensionar e decifrar a sabedoria dos sábios, dos poetas e profetas.

Juntar todos os pedaços de mundo, todos os restos de consciência, todas as memórias rebeldes que ficaram à margem do caminho, enfim de todos aqueles que se deram ao trabalho de ler o mundo sem a ambicão de fazer do mundo propriedade.



Sem a vontade louca de se apropriar das coisas do mundo e, com muito jeito, puxar o novelo da história feito com tanta sabedoria e tecer à luz da lua, à luz do sol, à luz das estrelas, através de todas as nossas prosas, de nossos debates, de nossos encontros, o mundo diferente que desenhamos dentro de nós.

Precisamos, urgentemente, nos (re)descobrir e nos (re)desenhar nas falas sábias que transcendem a lógica do mercado e da truculência contra a natureza que perpassa a racionalidade burguesa.

Um povo, uma nação, só se sustenta quando percebe sua identidade cultural, da transcendência de seus valores, de suas referências que determinam e afirmam seus significados enquanto povo. Sem isso, sem dar visibilidade à sua feição, acaba perdendo o rumo e se submetendo à decisão vinda de fora.

O capitalismo, com muita volúpia de lucro, percebendo a fragilidade da sociedade e a falta de rumo cria uma constelação de ilusões e conduz seus interesses para dentro da sociedade.

O que está acontecendo em quase todo o sertão Nordestino com a tradicional festa de São João - feita com forró a base de sanfona e todos os tipos de instrumentos moldados pela artesania sertaneja e acompanhada com os alimentos caseiros - revela exatamente a destruição dos sentimentos culturais. Hoje, em boa parte do sertão, quem manda nas festas são as grandes bandas vindas de fora, com músicas e letras vazias e motivadas pelas prefeituras que destinam valores absurdos de seus orçamentos para pagar rios de dinheiro a estas bandas.

Todas as pequenas festas locais estão desaparecendo. O povo, que antes era protagonista de suas festas, que organizava tudo, que era sujeito de seu sentimento, de sua cultura, agora está se tornando refém da prefeitura e das grandes bandas. As festas de São João, como espaços de inventividade, de organização das relações com o mundo onde vive, decifra e se orienta na vida, aos poucos estão deixando de existir, de ganhar viço e simbologia na feição do sertanejo e da sertaneja.

O povo, que até pouco tempo era protagonista de sua festa, parte e sujeito, agora é plateia das bandas. Antes, durante as festas, o povo consumia seus alimentos tradicionais feitos a base de milho,







de macaxeira e de leite de cabra e vaca, passando, agora, a comer os produtos vindos de fora e da cultura Norte Americana, como cachorro quente, x isso e x aquilo e tomando Coca-Cola o tempo todo.

Para muito jovens e até mesmo idosos, o sertão está se modernizando, está deixando as coisas velhas e está assumindo uma cara nova, uma cultura avançada, uma dinâmica diferente. A moçada já não tem mais a linguagem do sertão; linguagem feita com tantos saberes, com tantos meandros que conseguia decifrar os segredos das plantas medicinais, das florações e a importância dos frutos em épocas de muita dureza imposta pela seca. Tudo isso tira a feição do rosto da juventude.

Quase todos os jovens que moram nas comunidades mais distantes da cidade, vivem o tempo todo grudados num aparelho de celular, mesmo sem fazer nenhuma ligação para fora, por não ter condições de colocar crédito. Quase sempre se usa o dinheiro do bolsa escola, do bolsa família e mais não sei o que para sustentar todos os tipos de supérfluo que o sistema de consumo impõe às famílias. Muitos camponeses estão deixando de plantar o milho, o feijão, o arroz e a macaxeira por causa do dinheiro que estão recebendo do Governo.

Esse processo de desarticulação da cultura popular, das formas tradicionais de organização dos saberes do povo, da relação com os sentimentos do sertão, encontra resistência em muitas comunidades, em muitas famílias que não aceitam de jeito nenhum a cultura de massa e os técnicos que cumprem a lógica do sistema buscando impor às comunidades a agricultura de mercado.

Isso fica evidente, quando vemos na televisão programas, reportagens que tratam os problemas da desertificação, ou da destruição dos biomas mas sem dar "nome aos bois", não vemos em nenhum desses programas referência a Bunge por exemplo, multinacional norte americana, a maior destruidora do cerrado do Sul do Piauí e que mais utiliza lenha para secar soja - centenas de metros cúbicos de madeira da caatinga são usados todos os dias para secar a soja da Bunge e calcinar o gesso da região do Araripe, em Pernambuco. Nos últimos dez anos, 30 por cento da vegetação do sertão foi destruída.









O processo de desagregação da cultura dos nordestinos, da autonomia que existia nas comunidades camponesas, vem se materializando desde os anos setenta, com a entrada do gado conhecido como melhorado, substituindo o gado raça pé duro e com a substituição do algodão crioulo pelo algodão herbáceo.

Na verdade, é a entrada da Revolução Verde no sertão, como ocorreu noutras partes do Brasil (seu ápice se deu nas décadas de 60, 70 e 80), que causou e vem causando mudanças profundas na cultura cabocla que, ao longo da história resiste nas fendas do solo rachado pela seca.

No mesmo período em que a Revolução Verde foi se estendendo pelo sertão adentro, afirmando-se como uma espécie de salvaguarda da agricultura do sertão, como redentora do sertanejo sofrido, ganham presença significativa os sindicatos dos trabalhadores rurais. Estes, com raras exceções, foram se moldando aos interesses do Estado, cumprindo a agenda dos ditos processo de aposentadoria.

Hoje, estes sindicatos são verdadeiras empresas. Cada sindicato está sob o comando de uma família, formando assim os novos coronéis do poder sindical. Estão juntando fortunas à custa da miséria dos idosos, obrigando os não sindicalizados a sindicalizarem-se, colocando isso como sendo uma questão legal, ou seja, como uma exigência do Estado. Muitos chegam a pagar até 500 reais por uma carteira de sócio do sindicato.

A cultura dominante ganha expressão no sertão nordestino por meio do poder de mando das prefeituras e dos sindicatos através das políticas compensatórias com os ditos benefícios; das grandes bandas que derramam a cultura de massa, destruindo a cultura popular; das religiões pentecostais que impõe regras moralistas e cobram dízimos pesados; das leis fitossanitárias que obrigam aos camponeses a vacinar as cabras e gado, além de inibir a venda de seus produtos nas feiras. É a presença da cultura de massa e do Estado impondo ao povo o que é certo e o que é errado, o que é bom e o que é ruim.

## COMUNIDADE, REFERÊNCIA E AFIRMAÇÃO

O modo de produção capitalista quer ver todo mundo se olhando no mesmo espelho para que vejam o mundo do mesmo jeito e





não percebam as diferenças como parte da nossa existência. Quando uma grande parcela da sociedade está desprovida de referências, de significados, busca se espelhar na sociedade consumo para ser igual aos poucos que consomem muito.

Paulo Freire, em a "pedagogia do oprimido" mostra claramente que os oprimidos incorporam, por meio dos instrumentos da classe dominante: escola, religião, mídia, os mesmos sentimentos de dominação dos opressores, ou seja, miram-se no espelho do opressor e agem do mesmo jeito. Diante desta situação, cabe ao educador popular, ao militante do povo, ajudar o oprimido a ver o seu mundo como ele é e não se envergonhar ou fugir dele.

Às vezes a vida se apresenta tão cruel, tão sofrida, tão arranhada, sem viço, que parece até que Deus perdeu o direito de mandar no mundo. Por causa disto, destas razões, acabamos não nos vendo como seres humanos, como filhos e filhas da criação, como seres históricos, como parte efetiva de uma comunidade, de uma territorialidade.

Com muito jeito, cabe ao educador popular, por meio do diálogo, ajudá-lo a abrir as dobras da vida, da sabedoria histórica e fazer as resistências que se encontram escondidas ganhar feição, animação e organização dentro do movimento. Muitas frestas encontram-se bem encolhidas e exigem cunhas para que sejam abertas. Mas estas frestas só se abrem participando da luta, das pelejas, dos confrontos com aqueles que nos dominam.

Não é fácil despertar o sentimento de pertença, de territorialidade, de disciplina na luta, para um povo que nunca se viu territorializado. Os sem terra aprendem a se ver povo, camponês territorializado, fazendo a luta pela terra, indo para cima da terra, plantando, colhendo, construindo as relações com os companheiros e companheiras. Ele aprende, por meio das experiências desenvolvidas na terra, na luta por educação, na luta por crédito, fazendo marcha, ocupando prédios. É através deste processo que os saberes são organizados, ganha feição libertária, sentimento ideológico e contrapõe o velho modelo de sociedade.







Somente a luta orgânica com rumo, com disciplina, contribui para que as pessoas despertem em si o sentimento de povo, um sentimento nacional e a compreensão de que uma pequena luta isolada, para resolver o imediato, já não basta. Mas a luta que inclui toda a classe trabalhadora na defesa e construção de outra concepção de mundo é a que liberta.

No caso do Brasil, uma grande parcela da sociedade brasileira ainda não tem a compreensão de como se deu a formação do povo brasileiro, os processos de territorialidade, de territorialidade e reterritorialidade, nem das formas como as elites nacional e internacional se apropriam dos bens e fazem deles objetos de interesses particulares.

O sentimento de Pátria, de Povo Brasileiro, povo Nação se afirma por meio de um processo de inserção em seu próprio território. O que leva o povo brasileiro a se manifestar durante os jogos da Copa do Mundo, a vestir-se com roupas com a bandeira do Brasil, gastando muito dinheiro para comprar um montão de produtos colocados no mercado? Achar que isso é um sentimento de Pátria seria um erro grave. Isso expressa certa paixão pelo futebol.

A mídia entendeu muito bem que a cultura de massa é um excelente ingrediente para sacudir o povo, para levar multidões ao delírio. Sabe usar o futebol, carnaval e as festas religiosas para mexer com o povo. Não é à toa que a Copa do Mundo foi transformada no maior evento do mundo – e a cada ano que passa os investimentos no Carnaval são maiores. O retorno financeiro é muito grande.

A valorização do carnaval, do futebol e das novelas nada mais é do que um meio para anestesiar o povo, para que o mundo possa ser visto somente a partir dos ídolos criados pela mídia.

A partir destas coisas, destas temáticas, os movimentos sociais precisam levantar o debate, trazer à tona os questionamentos das ações que estão favorecendo os grandes interesses econômicos.

Uma coisa é certa: o povo não pode se deixar levar pela onda, por façanhas montadas pelas classes dominantes. Ele precisa se orientar como sujeito de seu próprio destino. Para isso, é preciso que ele se reconheça e se afirme como sujeito, como estatuto social, po-







lítico e cultural, como sentimento capaz de revelar a pátria feita de justiça, de fraternidade e sentimento profundamente humano.

As relações capital/trabalho, patrão/empregado, senhor/servo, impõe-nos por meio do discurso do medo, da necessidade, da incapacidade, as justificativas que sustentam as desigualdades sociais. Até mesmo as coisas mais naturais e próprias dos seres humanos - como alegria, sexualidade, arte, participação na luta, escrever, ser profundamente humano, deixando o brilho vir à tona - são vistos como coisas perigosas que podem ameaçar o sacrário da moral, quebrar as regras impostas. Tudo o que é próprio da vida, da natureza humana, massacra-se através de certos gêneros que são criados, não permitindo que os seres humanos sejam realmente livres

As diferentes leituras de mundo são expressões de cada povo e fazem parte de modo como cada povo se vê e se situa no mundo. Cada cultura se define a partir de sua construção histórica: seus mitos, suas magias, suas lendas, suas estórias e história. Isso passa por um processo de criação e recriação, onde os interesses dominantes buscam se esconder nas dobras de cada cultura e garantir as formas de dominação. Diríamos que as classes dominantes buscam se esconder nas formas como se dão as relações culturais.

Cada leitura de mundo reúne uma constelação de valores objetivos e subjetivos que fazem parte da história de cada cultura. Cada cultura verbaliza sua existência, seu *modus vivendi*, a partir de suas relações sociais, sentimentais, seus impactos, sons e povos de suas relações, das influências advindas das condições climáticas e históricas.

Quando uma cultura se assume como cultura dominante, como é o caso da cultura Norte Americana, passa a tratar as demais culturas como expressões insignificantes, chegando ao ponto de acabar destruindo o sentimento cultural dos povos que se deixam dominar. Dizem os detentores da dominação Norte Americana que para dominar um povo, basta dominar os corações e as mentes.

E o que significa perder a cultura, perder o jeito de ser? Significa perder a autoridade e autonomia, a palavra, esvair-se de si mesmo, de seus sentimentos, de sua capacidade de dizer o que pensa. Significa aplicar-se às regras do inimigo, ficar sem caminho, sem



129



rumo, sem cor, desbotado, com sua condição humana negada em seu próprio quintal.

Por isso, assuntos como arte, cultura, trabalho, participação na comunidade, territorialidade, são temáticas importantes para os povos. Garantir o território como espaço profundamente humano, como lugar de criação e recriação da dignidade, da cultura, dos saberes, significa garantir a autonomia, a liberdade.

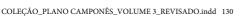
O território, seja para uma comunidade indígena, seja para uma comunidade de Fundo de Pasto ou Quilombola, tem uma expressão histórica que define todo o comportamento do povo que ali se constituiu. Por isso, a luta em defesa do território não se esgota na luta por comida. Ela tem algo mais, que são os laços de afetividade. Perder o domínio da palavra, de seus signos e símbolos é a mesma coisa que perder a autoridade sobre seus significados existenciais.

Neste sentido, conforme já dizia Gramsci, nenhuma cultura pode permitir que outra cultura se aproprie de seus sentimentos. Mas, para que os valores que garantem a existência de certa comunidade se sustentem, é preciso que os valores ou seus traços existenciais sejam continuamente exercitados pela comunidade. A cultura de certo povo não pode ser vista como um estrato social em si, mas como uma expressão, um sentimento para si, ou seja, que é porta voz de uma identidade humana, que se afirma por meio de uma mística que dê visibilidade às suas formas de expressar seus sentimentos.

E é exatamente aqui, nas curvas deste reino, destas tantas comunidades ameaçadas pela lógica brutal da cultura de massa e dos interesses imperialistas, que a palavra do militante libertário deve reinar, deve se fazer presença, fazendo a leitura da história destas comunidades, ajudando desdobrar todas as dobras que, por razões mais diversas foram acanhadas e silenciadas nas noites dos vendavais.

Cabe ao militante revolucionário, ao educador libertário, fazer aparecer as coisas que foram escondidas, anestesiadas e que perderam o brilho. Cabe ao militante criar as condições concretas para que a comunidade reaviva seu fogo e vá colocando a lenha na medida certa.

Ao assumir-se como sujeito de seu destino, cada membro da comunidade saberá anunciar para dentro e para fora, aquilo que é







importante ao conjunto da comunidade. Apropriar-se do conjunto de relações que dão visibilidade à comunidade, suas feições, seus signos e símbolos - significa apropriar-se dos meios que não permitem sua instrumentalização por sujeitos externos.

O modelo de desenvolvimento capitalista, com o objetivo de desgrudar a comunidade de seus sentimentos históricos, de derrotar seus valores que se expressam através de símbolos, passa a pregar via escola, via jornal e via televisão, que o importante é superar o passado e entrar no mundo das relações modernas. Ao desgrudar as famílias da comunidade de sua própria história, de seus laços ancestrais, ao reduzi-la à vontade do mercado, o dominador passa a ditar as normas, a dizer o que é certo e o que é errado. Ao esvair-se a autoridade, o sujeito social, esvai-se também o próprio povo.

Hoje, no Brasil, encontramos milhares de resíduos de comunidades camponesas. Podemos dizer que estes resíduos são restos de consciência que ficaram grudados nas frestas da terra, nalgumas dobras da sabedoria humana e que agora, em função do trabalho de base que está acontecendo, como é o caso de muitas comunidades indígenas e quilombolas, passam a ganhar feição, identidade, liberdade.

Quantos indígenas e quilombolas estão voltando a terra raiz e reassumindo seus velhos modos de vida. Quantos sem terra estão reaprendendo a lidar com a terra - na verdade, sempre fica nalgum canto do jardim, uma semente escondida numa pequena fenda que mais cedo ou mais tarde será reanimada e nascerá para reativar o jardim. Assim canta o grande Chico Buarque, lembrando a Revolução Portuguesa: "Foi bonita a festa Pá! ..., Mas certamente esqueceram uma semente nalgum canto do jardim".

O trabalho de base que hoje está escrito no olhar da militância que assumiu a causa libertária dos povos excluídos, das comunidades camponesas, tem como objeto resgatar e reacender as pequenas chamas escondidas por entre as cinzas, dar viço às memórias que ficaram apagadas nas trilhas do tempo, nas curvas do rio, enfim, nos sentimentos que ainda resistem.

Aprendemos, através da formação no interior dos movimentos sociais e pastorais, que existe um tempo *kronos* (lógico, matemático)





e um tempo Kairós (tempo de graça, oportuno). No tempo kronos tudo passa, fica velho. É marcado pela lógica do passado, do presente e daquilo que virá.

O passado é apresentado como o velho, o que não serve mais, que não é moderno, que perde o sentido. O tempo kronos se configura por uma compreensão de mundo onde as coisas passam, ficam descartáveis. Já o tempo Kairós, ao contrário, se configura por visão das coisas - não existe passado, mas um processo histórico, de luta, dialético, feito de releituras que ajudam a visualizar a realidade.

É o tempo que impõe-se como mística, como revelação, como tempo de graça, como tempo de libertação. É o tempo que tem a memória da luta, daqueles que deixaram suas marcas santificadas porque assumiram a causa do projeto libertário até às últimas consequências.

Enquanto o tempo *kronos* nos fala de um mundo fragmentado entre passado, presente e futuro, do velho e do novo, do descartável e daquilo que é moda, o tempo Kairós nos fala do tempo onde as pessoas se veem na história, não como ontem ou como hoje, mas presentes na história. O modismo, o consumismo e o individualismo não se configuram como história, como processo de construção de referências libertárias.

Quando a mídia fala em mulher moderna está falando da mulher obediente à vontade do capitalismo, que trabalha em casa e trabalha fora. É a mulher conquistada pelo mundo das relações de dominação impostas pelo patrão. Ser moderno, dentro da lógica neoliberal, significa comportar-se conforme o fetiche do mercado.

O significado de moderno, muito badalado pela mídia, afirma o não estar existencialmente no mundo, fazendo a história, a transformação, mas como estar efemeramente no mundo, consumindo as coisas que interessam ao mercado. Ser moderno não significa ser atualizado, comprometido com uma causa, visualizando as contradições presentes, as correlações de força, ou seja, estar inserido de forma sábia e revolucionária, mas ser aquilo que é desejo do mercado, ser levado pelas ondas das coisas supérfluas, ser individualista e fora das grandes questões sociais, políticas, econômicas e culturais que tecem a realidade do mundo.





## **CAPÍTULO VII**

#### A IMPOSIÇÃO DO PATRIARCADO NO MUNDO CAMPONÊS

Quase sempre, por falta de compreensão da história, caímos numa visão perigosa afirmando que a sociedade ou as sociedades foram sempre determinadas pelo homem — pelo patriarcado e pelo machismo.

Durante um bom tempo, há 25 mil anos atrás, antes da utilização do arado, da domesticação de grandes animais, da chamada agropecuária, as mulheres tinham o poder. Eram elas que controlavam a caça, a pesca, a busca pelo alimento, as plantas medicinais, ou seja, por serem elas que geravam a vida, que tinham a relação com a terra, com a natureza, determinava também as relações de poder. Inclusive os ciclos de fertilização ou os tempos de fertilização foram associados aos tempos de plantios. Normalmente, o tempo fértil da mulher ocorre sempre na lua nova, como também nas demais espécies. Os ciclos da agricultura e os ciclos de fertilização do feminino não estão separados. O gerar comida, alimento e o gerar machos e fêmeas fazem parte da fertilização da mãe terra. Atualmente, na África Central, em centenas de comunidades o poder é feminino, pelo fato de viverem ainda da coleta de pequenos animais, de frutos silvestres e da pesca.

Com o surgimento da agropecuária (domesticação e criação de animais em cativeiro), aração de terras com plantios que exigem tempos mais prolongados para se fazer as colheitas, a presença do masculino foi assumindo relações de poder. Então, o avanço da agropecuária, exigindo cada vez mais a presença do masculino, o avanço das relações de mercado, dando origem às cidades, depois cidades-estados e grandes impérios, o machismo e o patriarcalismo foram se afirmando como poder e subalternizando a mulher. O macho, ao sair para as grandes batalhas e guerras em busca de novos territórios, acabava voltando como herói, como bravo, como vencedor. Em função disto, o macho ia se constituindo homem e a fêmea em mulher submissa. Antes da construção da agropecuária,









as mulheres eram deusas, criadoras, geradoras de vida. Sentiam-se natureza. E a mãe terra era grande deusa. 15

Mais tarde, lá pelo século XVIII antes de Cristo, encontramos no livro do gênesis um deus, o masculino, criando o mundo em sete dias e depois de ter criado tudo, criou o homem e dele criou a mulher. Depois, homem e mulher são colocados no jardim das delícias e é a mulher quem desobedece quem faz o pecado. Por isso ambos são expulsos do jardim e condenados ao trabalho pesado para poderem viver.

É interessante que a desobediência começa pelo prazer, pelo fazer sexo livremente no paraíso. O que está em jogo é a mulher rompendo com a dominação de um só deus, de um macho criando o mundo em sete dias. O romper por meio do pecado significa a não aceitação de regras estabelecidas, do controle por meio de um único criador.

## A LUTA CONTRA O PATRIARCADO FAZ PARTE DA LUTA CONTRA O CAPITALISMO

O MPA, no seu processo de valorização e afirmação do universo camponês, resgata suas raízes históricas da agricultura camponesa e incorpora a luta pela igualdade de gênero. E, nessa construção resgata a visibilidade e a importância das mulheres em todos os espaços. Pois a agricultura como ciência nasceu e foi desenvolvida pelas mãos e conhecimento das mulheres – um conhecimento e sabedoria brotados na relação com a natureza, seus ci-



<sup>15</sup> À medida que os sistemas culturais, incluindo religiões politeístas, apontavam para a importância de deusas, como geradoras de forças criativas associadas com fecundidade e, portanto, vitais para a agricultura, a nova economia promovia uma hierarquia de gênero maior. Os homens agora eram responsáveis, em geral, pela plantação; a assistência feminina era vital, mas cabia aos homens suprir a maior parte dos alimentos. A taxa de natalidade subiu, em parte porque os suprimentos de alimentos se tornaram um pouco mais seguros, em parte porque havia mais condições de aproveitar o trabalho das crianças. Essa foi provavelmente a razão principal de os homens assumirem a maior parte das funções agrícolas, já que a maternidade consumia mais tempo. Dessa forma, as vidas das mulheres passaram a ser definidas mais em termos de gravidez e cuidados de crianças. Era o cenário para um novo e penetrante patriarcalismo — que subjugou e vem subjugando as mulheres em diferentes culturas ao longo da história. Peter N. Stearns em História das Relações de Gênero, Editora Contexto



clos e interdependências, dos plantios e cultivos e práticas de preservação e sustentabilidade das comunidades. É um caminho que traz à atualidade as raízes históricas da agricultura camponesa na produção de alimentos e manutenção da biodiversidade através da preservação das sementes e dos ciclos produtivos. Resgatando essas raízes, se resgata também a importância e o protagonismo das mulheres na cultura, na economia e na luta política.

O campesinato, capaz de superar as contradições do agronegócio e do capitalismo no campo, deve Levar em conta suas raízes históricas e resgatar as mulheres camponesas da invisibilidade. Pois foram elas que desenvolveram, e ainda desenvolvem, o conhecimento e a sabedoria da ciência de trabalhar a terra, preservar o meio ambiente e a biodiversidade, que garantiu a sustentabilidade e resistência das comunidades camponesas ao longo da história - tirá-las da invisibilidade das estatísticas que as negam como protagonistas da produção e manutenção da agricultura camponesa é trazer para o presente, a natureza histórica da identidade camponesa.











**(** 



## **POEMAS**

#### A PALAVRA

vras,

Todas as manhãs. Todas as tardes, Todos os dias, enfim sempre, Vamos nos dando conta Que não existe palavra pron-Todos os dias, com o nosso agir, O nosso jeito de ser e de pen-Vamos construindo as pala-

Vamos preenchendo os rabis-

Fazendo a vida ganhar viço, feicão,

Nos desenhos que anunciam a palavra.

A palavra ganha jeito e feição, Nas labutas da vida. Nas dobras da vida.

Vejo Em teu sorriso a palavra Sendo tecida, Deixando o brilho aparecer.

Vejo, nesta noite cinzenta, A palavra deslizando por entre os vendavais, Por entre as montanhas

Não se deixando envergar Frente à ira Do inimigo.

Quero sempre O pulsar da palavra Indo para além do monólogo, Incorporando-se na dialeticidade Da vida.

Assim, por entre as frestas da tática e da estratégia, O encanto e o desencanto, Vamos fazendo o caminho, Desverbalizando e verbalizando o sonho. Escrevendo o tempo que se chama revolução O olhar. O gesto, A intuição, Vão entrando em nossos sentimentos E fazendo o desenho da palavra Ganhar a cor da flor, O significado da espiga, Ver o mundo e nós no mundo Para além ...

#### **NO RABISCO DO TEMPO**

Estamos vindos de longe, De muito longe, Avançando, Recuando, Buscando compreender cada







momento Cada vitória, Cada derrota. Cada avanço.

Estamos vindos de longe, De muito longe, Do fundo do tempo, Construindo história, Reinventando o gesto, o olhar, a palavra, Buscando compreender, Em cada situação, Quem somos e para onde vamos,

Estamos vindos de longe,
De muito longe,
Da rebeldia da liberdade,
Da manifestação subversiva
da palavra
Cultivando sempre o significado mais profundo
Da solidariedade humana,

Estamos vindos de longe,
Do outro lado da montanha,
Fazendo o caminho da revolução,
De outro pensar,
De outro agir,
De outro modo de nos vermos
No mundo,
Reinventando sempre a nossa
rebeldia,

#### REINVENTAÇÃO

Neste tempo, aparentemente opaco, sem sonho, Onde todas as manhãs amanhecem cinzentas, sem cores Há mãos tecendo o tempo que a utopia anuncia, Há palavras reinventando os verbos, os adjetivos, ressignificando o diálogo Em tempos de tantos monos e monólogos. Em tempos de tantos medos Há corações e mentes pulsando a rebeldia Em tempos de tantas inteligências e racionalidades Há intuições filosóficas vendo

Em tempos onde os textos banais e fúteis esgotam a coerência da palavra,
As tantas indignações que perpassam o tempo, recriam as palavras tornando-se inesgotáveis.

as coisas que parecem invisí-

veis.

Neste tempo sem brilho na tela da vida, Há olhares cheios de luz, mirando outro caminho. Neste tempo cheio de incômodos e desafios, Cabe-nos redesenhar como queremos nos ver noutra sociedade









Aí, então, saberemos O tamanho de nossas tarefas E o significado de nossa responsabilidade.

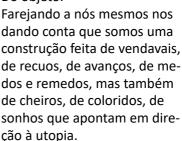
#### **FAREJAR**

O tempo que se chama hoje exige de nós Sim exige de nós, classe traba-Ihadora-Farejar profundamente a realidade, suas contradições, Farejar a nós mesmos, nossos significados, Farejar o caminho que podemos fazer É preciso, sim, reinventar o jeito De nos vermos no tempo, De nos reconhecermos como sujeitos Capazes de fazer a sociedade conquistar outra feição. É preciso farejar as frestas do tempo, Suas dobras, O que, em cada dobra, tem de novo, De indignação, De inquietação...

Por isso o tempo requer de nós Farejar a memória do tempo, As memórias que nos ajudam a remover De nossas relações, De nosso imaginário, De nosso jeito de ser e de pensar, Os escombros que buscam manter soterrados Os sentimentos de superação.

É preciso farejar a palavra, Reinventá-la em sua mensagem, Reinventá-la em seu discurso. E tempo sim, e tempo oportuno. De farejar a realidade e ir reinventando a vida. A partir de suas dobras, De cada estação, De cada floração, Enfim de cada jeito que a realidade requer o nosso farejar É preciso que cada um de nós se veja no verso e no reverso do verbo. Do objeto. Farejando a nós mesmos nos dando conta que somos uma dos e remedos, mas também









#### **RETROVISOR**

Ontem, viajando,
Observando o retrovisor
Dei-me conta que nada está
para frente e nada fica para
trás
Todo caminho e um caminhar
dialético
E todo caminhar, por ser
dialético,
Vira caminho

#### **TERRA GENTE**

Sou terra,
Sou calor,
Sou cio que seduz a semente,
Fazendo-a germinar. Nascer,
crescer, ser fruto, ser comida,
ser animal, ser gente.
Sou terra, sou água, sou ar,
Juntos somos vida,
Juntos uma constelação de
vida.



